Psicanalise e Psiconeuroses

EDITORA GUANABARA

Olavo Silveira
S. Paulo, 17-11-1940

PSICANALISE E PSICONEUROSES

PROF. SIGMUND FREUD

PSICANALISE E PSICONEUROSES

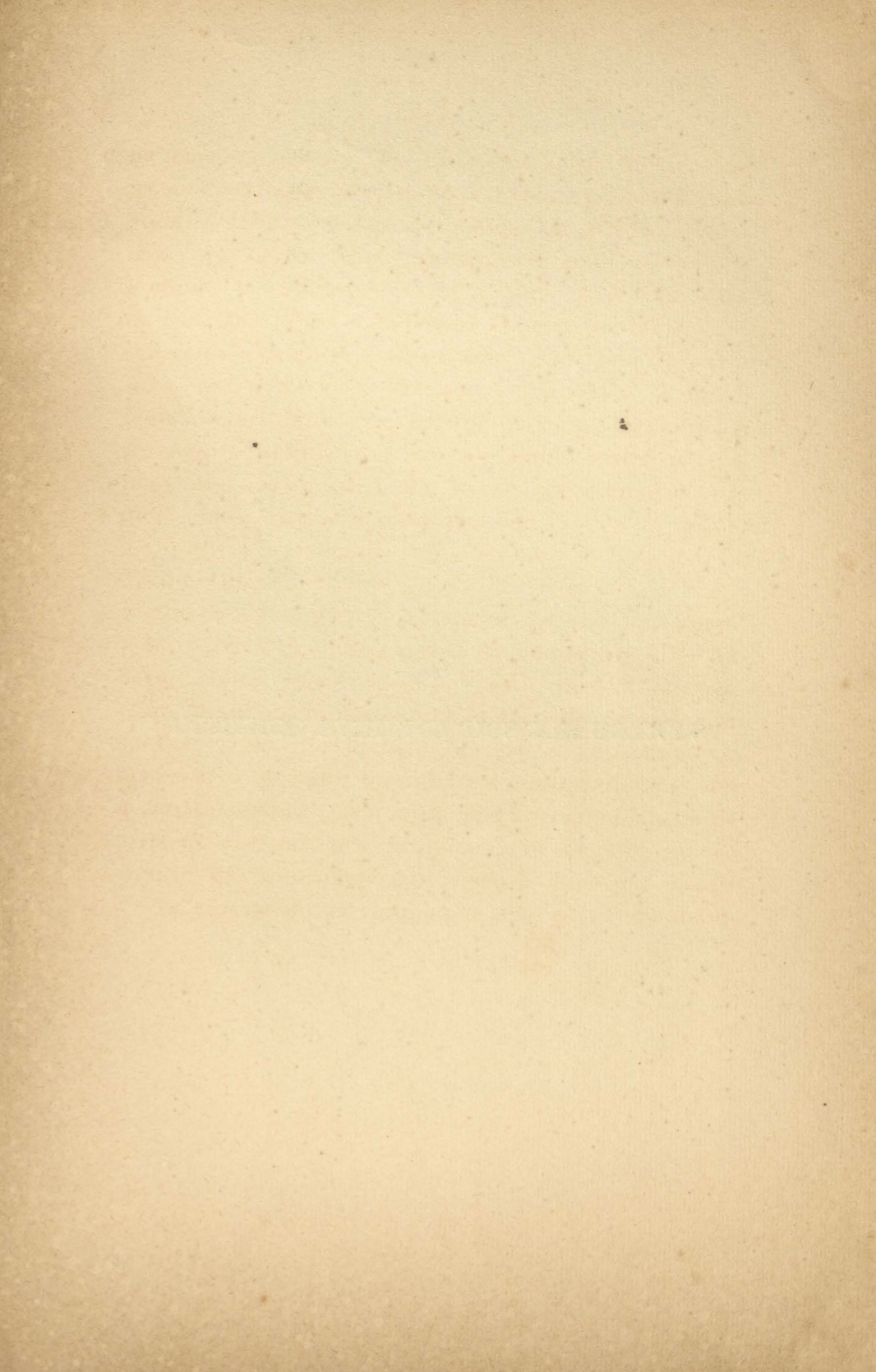
TRADUÇÃO DIRETA DO ALEMÃO PELO

DR. ODILON GALLOTTI

DOCENTE DE CLINICA NEUROLOGICA E PSIQUIATRA DA ASSISTENCIA A PSICOPATAS DO DISTRITO FEDERAL

EDITORA GUANABARA
WAISSMAN - KOOGAN, LTDA.
RIO — RUA DO OUVIDOR, 132 — 1934

O ROMANCE FAMILIAR DOS NEUROTICOS

(1909)

A libertação do individuo que se vai tornando adulto, da autoridade dos pais é uma das tarefas mais necessarias, mas tambem mais penosas de seu desenvolvimento. Sua realização é absolutamente indispensavel e devemos admitir que todo individuo que chegou a ser um homem normal, a conseguiu em certo grau. O progresso da sociedade repousa em geral sobre este contraste entre duas gerações. Doutra parte ha uma classe de neuroticos em cujo estado se reconhece a condição de que eles malograram nesta tarefa.

Para a criancinha são os pais a principio a unica autoridade e a fonte de toda crença. O desejo mais intenso e de mais grave consequencia destes anos infantís é o do individuo tornar-se respetivamente igual ao pai ou á mãe, segundo o sexo da criança, e grande como eles. Com a crescente evolução intelectual não pode deixar de suceder que a criança pouco a pouco vá notando a categoria social a que pertencem seus pais. Vê outros pais, compara-os com os seus e adquire assim o direito de duvidar da superioridade e da inegualabilidade atribuidas a estes. Pequenos fatos na vida da criança que provocam nesta um descon-

tentamento, proporcionam-lhe o ensejo de começar a criticar seus pais e a utilizar o conhecimento adquirido de que, a certos respeitos, os outros pais devam ser preferidos aos seus, para tomar esta atitude deante destes. Sabemos da psicologia das neuroses que nisto cooperam, entre outros, os mais intensos impulsos de rivalidade sexual. É patente que o que dá ocasião a isto é o sentimento de preterição. É muito frequente oferecerem-se ocasiões nas quais a criança é de fato, ou ao menos se sente, preterida, nota a falta do amor completo dos pais e sobretudo lastima que este tenha de ser repartido entre os outros irmãos. O sentimento de que as proprias inclinações não são inteiramente correspondidas, desabafa-se na idéa, com frequencia concientemente recordada dos primeiros anos de infancia, de ser um enteado ou um filho adotivo. Muitos individuos que não se tornaram neuroticos, não raro se recordam de tais ocasiões em que ás mais das vezes influenciados por leituras, assim interpretam a conduta hostil dos pais, pagando-lhes na mesma moeda. Mas aqui se mostra já o influxo do sexo, revelando-se o menino muito mais propenso a sentimentos hostís contra seu pai do que contra sua mãe e manifestando uma tendencia mais intensa de se libertar daquele do que desta. Nota-se que a atividade fantasista das meninas é muito mais fraca neste ponto. Nestes sentimentos da infancia concientemente recordados encontramos o fator que nos permite a compreensão do mito. A outra fase da evolução deste afastamento em relação aos pais, o qual se

pode denominar *romance familiar dos neuroticos*, é poucas vezes recordada concientemente, mas quasi sempre revelavel pela psicanalise. Pertence sem duvida á natureza da neurose e tambem a toda inteligencia mais elevada uma atividade toda especial da fantasia, que a principio se patenteia nos brinquedos infantís e que mais ou menos a partir da epoca da puberdade se apodera do tema das relações familiares. Um exemplo carateristico desta especial atividade fantasista é o conhecido *sonhar diurno* (1), que continúa por muito tempo após a puberdade. Uma observação exata destes sonhos diurnos ensina que servem eles para a realização de desejos e retificação da vida e reconhecem sobretudo dois objetivos: o erotico e o ambicioso (mas por traz deste está sempre o erotico). Na epoca indicada a fantasia do adolescente se ocupa do problema de se libertar dos pais, que são então menosprezados, e de substitui-los por outros em regra de posição social mais elevada. Aproveita-se para isto o acaso de experiencias reais (o conhecimento do senhor do castelo, ou do proprietario de terras ou do principe). Tais fatos casuais despertam a inveja do adolescente, a qual encontra expressão numa fantasia que substitue os pais por outros de maior distinção. Na tecnica da realização de tais fantasias, que nessa epoca são naturalmente concientes, apresentam importancia a habilidade e o material de que dis-

(1) Conf. a respeito disto. Freud: Hysterische Phanthasien und ihre Beziehung zur Bisexualität. (Ges. Schriften, vol. V, pagina 246 e seg.).

põe o individuo. Tambem entra em linha de conta o maior ou menor esforço com que são elaboradas estas fantasias para adquirirem a verosimilhança. Esta fase é atingida na epoca em que ainda falta aos adolescentes o conhecimento das condições sexuais de sua procedencia. Se a isso se junta o conhecimento das diversas relações sexuais entre os pais, compreende o adolescente que *pater semper incertus est* ao passo que *mater certissima*, sofre o romance familiar uma limitação especial, contentando-se em elevar o pai, pois a procedencia materna, sendo alguma cousa inalteravel, não é mais posta em duvida. Ainda sobre um fator que falta no primeiro periodo (assexual) assenta tambem no segundo (sexual), o romance familiar. Com o conhecimento dos processos genitais surge a pretensão de representar-se o individuo situações e relações eroticas promovidas pelo prazer de colocar a progenitora, o objeto da maior curiosidade sexual, na situação de infidelidade oculta e de relações amorosas secretas. Deste modo aquelas primeiras fantasias, assexuais, são elevadas ao nivel dos conhecimentos atuais.

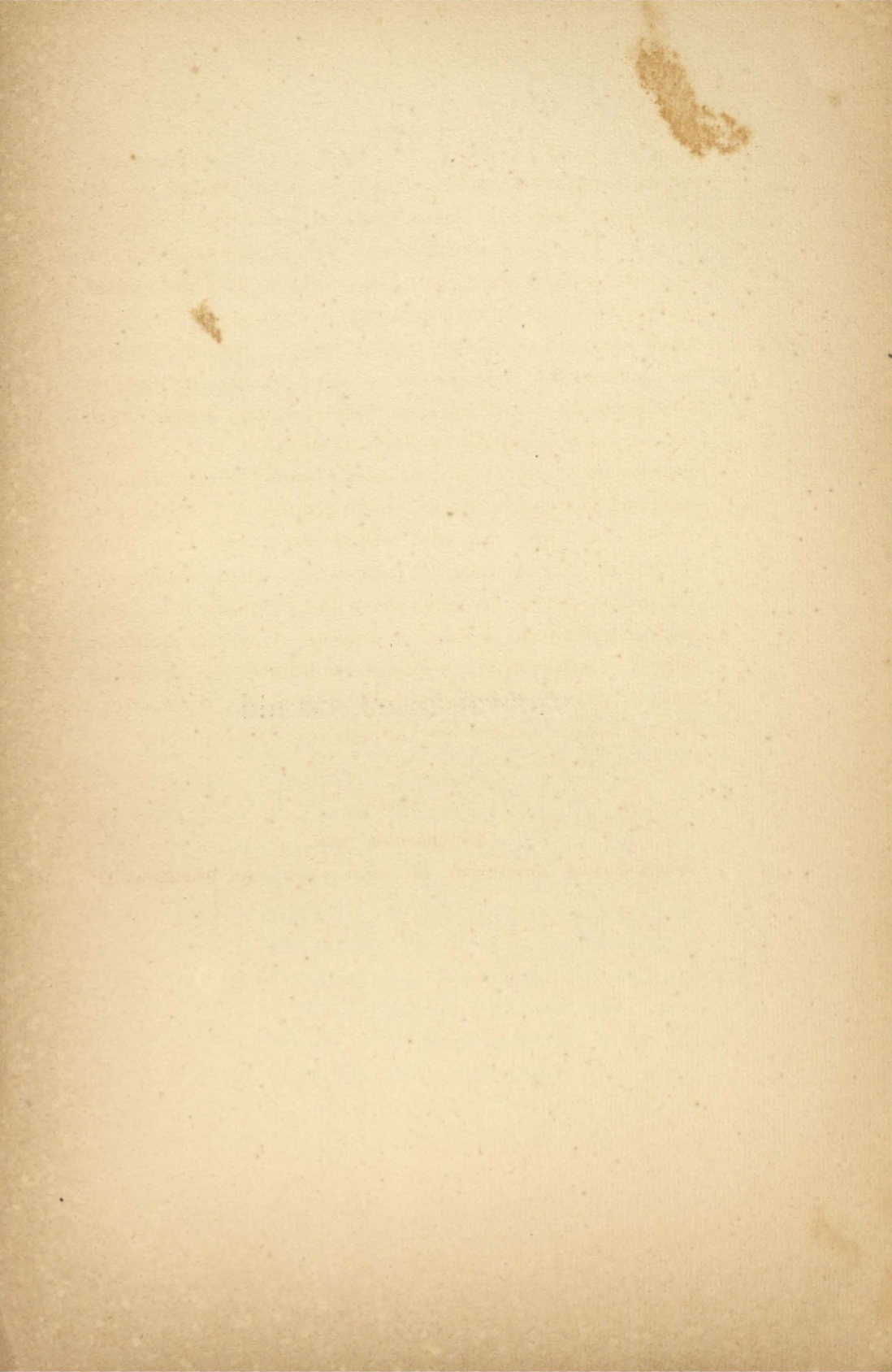
Além disto mostra-se tambem aqui o motivo da vingança e desforra, o qual anteriormente se achava em primeiro plano. Estes jovens neuroticos são na maior parte aqueles que, afim de perderem maus costumes sexuais, foram castigados pelos pais e então se vingam destes com tais fantasias.

São especialmente filhos postumos que sobretudo privam de superioridade o pai por meio de

tais ficções (como nas intrigas historicas) e muitas vezes não receiam imputar falsamente a sua progenitora tantas relações amorosas quantos concurrentes aparecem. Uma variante interessante deste romance familiar ocorre quando o heroi fantasiado se julga filho legitimo, afastando os irmãos como espurios. Um interesse especial pode ainda orientar o romance familiar, o qual, com sua multiplicidade de faces e variada aplicação, vem ao encontro de diversas aspirações. Assim o pequeno fantasista deste modo afasta, por exemplo, a relação de parentesco com uma irmã pela qual sentia atração sexual.

Saiba quem recúa horripilado deante desta corruptividade da alma infantil e contesta mesmo a possibilidade de tais fatos que todas estas fantasias, em aparencia tão hostís, não têm, com efeito, tão má intenção como parece e preservam sob leves roupagens o amor primitivo e conservado da criança aos seus pais. Ha apenas em aparencia deslealdade e ingratidão, pois, se examinarmos minuciosamente a mais frequente destas fantasias romanescas, a substituição de ambos os pais ou sómente do pai por pessoas de posição elevada, descobrimos que os novos e distintos *pais* são ornados de traços que derivam dos verdadeiros genitores, mais modestos. Assim a criança *realmente não põe de lado o pai, mas o eleva.* Toda aspiração de substituir o verdadeiro pai *por um outro de maior distinção* é apenas a expressão *da saudade que tem o adolescente daquele tempo feliz perdido,* em que o pai lhe parecia o *homem mais distinto e mais forte e a mãe, a*

mulher mais querida e mais bela. O adolescente volta-se do pai, que agora reconhece, para aquele que supunha nos primeiros anos da infancia e a *fantasia é em verdade apenas a expressão do pesar por ter desaparecido aquele tempo feliz.* A superestimação que existia nos primeiros anos da infancia, reaparece agora com toda razão nestas fantasias. O estudo dos sonhos fornece interessante contribuição para este assunto. A interpretação dos sonhos ensina que tambem ainda em idades mais adeantadas em sonhos com imperadores e imperatrizes, estas personalidades ilustres significam pai e mãe. A superestimação infantil dos pais está, portanto, conservada tambem no sonho dos adultos normais.

BREVES COMUNICAÇÕES

I

Exemplos de revelação de fantasias patogenicas em neuroticos

(1910)

A) — Vi ha pouco tempo um doente, com cerca de vinte anos de idade, que apresentava um quadro evidente de demencia precoce (hebefrenia), o qual recebeu de outro medico o mesmo diagnostico. Nas fases iniciais da doença revelara variações periodicas do humor, obtivera notavel melhora e, em um tal estado favoravel, foi pelos pais retirado do estabelecimento e regalado com toda sorte de prazeres durante uma semana em regozijo pela sua suposta cura. A esta semana festiva se seguiu imediatamente uma peora. Reinternado, narrou que o medico consultado lhe havia dado o conselho de «galantear um pouco sua mãe». Não ha duvida que o paciente nesta falsificação mnemica delirante exprimiu a excitação provocada pelo convivio com sua mãe e que foi a causa proxima de sua agravação.

B) — Ha mais de dez anos, em uma epoca em que as premissas e os resultados da psicanalise ainda

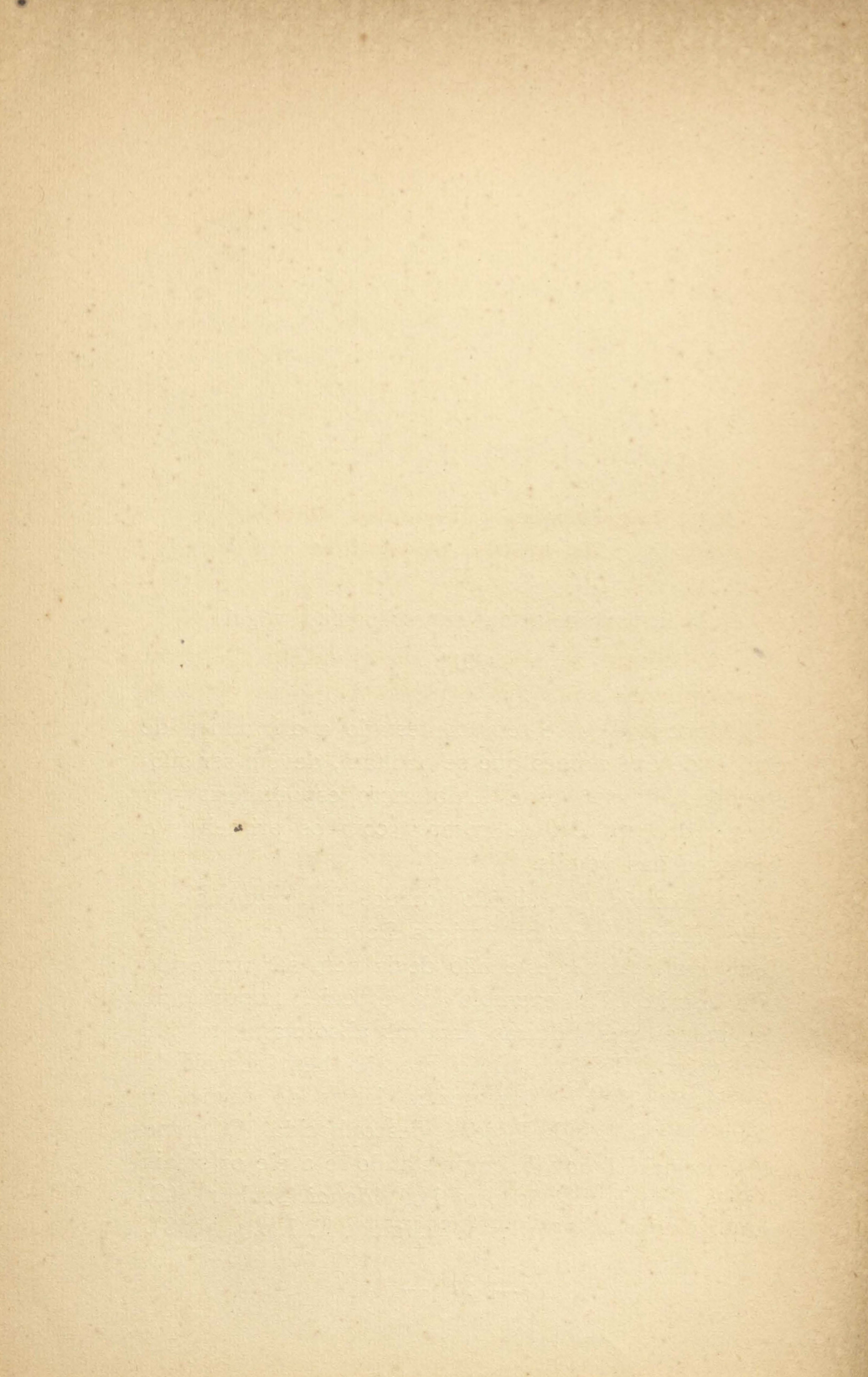
não eram familiares senão a poucas pessoas, foi-me narrado por alguem digno de credito o seguinte fato. Uma jovem, filha de um medico, fora acometida de histeria com sintomas locais. O pai negava a existencia de tal doença na filha e fe-la iniciar varios tratamentos somaticos que pouca utilidade tiveram. Uma amiga, certo dia, fez a seguinte pergunta á doente: «Não pensou ainda em consultar o Dr. F.?» Respondeu a paciente: «Para que fazer isto?» «Sei que me havia de interrogar se já tive a idéa de ter relações sexuais com meu pai». — Julgo superfluo garantir expressamente que nunca fiz e nem agora faço tal pergunta. Atenda-se, porém, ao fato de que em muita cousa narrada pelos pacientes como sendo ditos ou átos dos medicos se deve ver uma revelação de suas proprias fantasias patogenicas.

II

A importancia da sucessão das vogais

(1911)

Muitas vezes se tem contestado a afirmativa de Stekel de que nomes que se ocultam, devem ser substituidos em sonhos e lembranças espontaneas por outros que só têm de comum com os primeiros a sucessão das vogais.

A historia da religião fornece um exemplo frisante disto. Entre os antigos hebreus o nome de Deus era «tabu»; este não devia nem ser proferido nem escrito. Tal exemplo da especial importancia dos nomes nas culturas arcaicas absolutamente não é o unico. Esta proibição era tão bem respeitada que a vocalização das quatro letras do nome de Deus J-h-v-h ainda hoje é desconhecida. O nome se pronuncia *Jehovah,* emprestando-se a ele os sinais vogais da palavra não proibida *Adonai* (senhor). (S. Reinach, Cultes, Mythes et Religions T. I, p. 1, 1908).

III

Experiencias e exemplos obtidos da pratica psicanilitica

(1913)

A coleção de pequenas contribuições das quais apresentamos aqui uma primeira parte, necessita de algumas palavras de introdução. Os casos clinicos em que o psicanalista faz suas observações, naturalmente não possuem todos igual valor para o efeito de enriquecer seus conhecimentos. Casos ha nos quais o psicanalista deve utilizar tudo que conhece e nada aprende de novo, outros existem que lhe mostram o já conhecido, mas de uma forma especialmente clara e perfeitamente isolada, proporcionando-lhe não só confirmações, mas tambem alargamentos do seu saber. É licito supor que os processos psiquicos que se querem estudar, não são nos casos da primeira especie diferentes dos existentes nos ultimos; mas estes processos de preferencia devem ser descritos nos casos mais favoraveis e mais transparentes. A embriologia admite tambem que nos animais a se-

gmentação dos ovos fortemente pigmentados e, portanto, improprios para a investigação, não difere da que se observa nos pobres de pigmentos e transparentes, que são os escolhidos para pesquisas.

Os numerosos e belos exemplos que confirmam no labor diario ao analista o que já lhe é conhecido, perdem-se na maior parte, pois a sua inclusão no contexto de um trabalho deve ser adiado por longo tempo. Ha por isto um certo valor em se dar uma forma em que possam ser publicados tais exemplos e experiencias e assim ser fornecidos ao conhecimento geral, sem se esperar uma elaboração partida de pontos de vista superordenados.

A rubrica aqui introduzida pretende abrir um espaço para a colocação deste material á nossa disposição. Parece ser indicada a maior brevidade na exposição. A seriação dos exemplos é inteiramente livre.

Vergonha dos pés (dos sapatos)

A paciente após varios dias de resistencia informa que se havia aborrecido muito com o fato de um jovem com quem encontrava regularmente perto da residencia do medico e que costumava a fitar com admiração, ter na ultima vez olhado com ar de desprezo para os pés dela. Esta, na realidade, não tem motivos de se envergonhar dos pés. É a propria paciente que dá explicações do fato, depois de ter confessado que tomava por filho do medico esse jovem que, portanto, representava em consequencia da

transferencia o irmão mais velho dela. Segue-se então a lembrança de que na idade de cinco anos costumava acompanhar o irmão á latrina, onde o via urinar. Tomada de inveja por não poder urinar do mesmo modo que este, procurou um dia imita-lo (inveja do penis), molhou então os sapatos e zangou-se muito quando o irmão fez mofa disto. A raiva repetiu-se durante muito tempo, todas as vezes que o irmão, no proposito de recordar-lhe aquele insucesso, olhava com ar zombeteiro para os sapatos da mesma. Este fato, acrescentou, teve ação determinante sobre sua conduta ulterior na escola. Se na primeira tentativa não conseguia alguma cousa, nunca se decidia a repeti-la, de modo que em muitas cousas falhava inteiramente. É este caso um bom exemplo da influencia modeladora da sexualidade sobre o carater.

Critica de si proprio nos neuroticos

O fato de um neurotico costumar insultar-se a si proprio e menosprezar-se, etc., sempre chama e merece especial atenção. Frequentemente se consegue, como nas autoacusações, compreender isto, admitindo uma identificação com uma outra pessoa. Em um caso as circunstancias acessorias da sessão impuzeram uma outra explicação de tal conduta. A jovem dama, que não se cançava de asseverar ser pouco inteligente, sem dotes espirituais, etc., queria com isto apenas indicar que era fisicamente muito bonita e ocultava esta vaidade, por detraz

daquela critica de si propria. Neste não havia o indicio suspeito das consequencias funestas do onanismo existente em todos os outros casos semelhantes.

Tradução em imagem

O individuo em sonho puxa de detraz da cama uma mulher: dá preferencia (1) a esta. Ele (um oficial acha-se a uma mesa sentado deante do imperador: — coloca-se em oposição ao imperador (pai). Ambas as traduções em imagem foram interpretadas pelo proprio individuo que sonhou.

Aparecimento de sintomas morbidos no sonho

Os sintomas da doença (medo, etc.) parecem exprimir duma maneira bem geral no sonho: por isto (em conexão com os elementos oniricos que precederam) fiquei doente. Sonhar deste modo corresponde, portanto, a uma continuação da analise durante o sonho.

---

(1) O vocabulo alemão correspondente a puxar é *hervorziehen* ou *vorziehen;* este ultimo tambem significa preferir.

A PREDISPOSIÇÃO PARA A NEUROSE OBSESSIVA

Subsidio para o problema da escolha da neurose

(1913)

A indagação dos motivos que podem levar alguem a adoecer de uma neurose, constitue certamente um dos problemas que compete á psicanalise resolver. É provavel que esta solução só possa ser dada depois de resolvido um outro problema mais especial, a saber, o da razão pela qual esta ou aquela pessoa é acometida precisamente de uma determinada neurose e não de outra qualquer. Este é o problema da escolha da neurose.

O que sabemos até agora a respeito do ultimo? Neste assunto, realmente, apenas uma unica proposição geral está segura. Distinguimos as causas patogenicas das neuroses em constitucionais e acidentais, sendo as primeiras as que o homem traz consigo para a vida e as segundas, as que esta lhe crea; via de regra a neurose só se produz pela ação combinada das duas ordens de causas.

A proposição acima anunciada afirma que os motivos que decidem da escolha da neurose pertencem sempre á primeira categoria, dependem, portanto, da natureza das predisposições e não dos sucessos de ação patogenica que se verificam durante a vida.

Donde procedem tais predisposições?

O fato das funções psiquicas que interessam á questão, sobretudo a função sexual, mas tambem diversas outras e importantes do ego, terem de efetuar uma longa e complicada evolução até atingirem o estado que lhes é carateristico no individuo adulto normal, despertou nossa atenção. Supomos agora que nem sempre estas evoluções se operam tão irrepreensivelmente de modo a permitir que a função inteira experimente a modificação progressiva. Onde uma parte daquela se fixa numa das fases e não continúa a se desenvolver, forma-se um assim denominado «posto de fixação», para o qual pode a função regredir no caso de vir a sofrer por ação de influencias perturbadoras de origem externa. Nossas predisposições são, portanto, paradas de evolução. A analogia com os fatos da patologia geral de outras doenças fortalece nossa concepção. Deante da interrogação acerca dos fatores que podem provocar tais perturbações da evolução pára o trabalho psicanalitico, deixando o problema entregue á investigação biologica [1].

Valendo-nos destas premissas, empreendemos ha alguns anos o estudo do problema da escolha da neurose.

Nossa orientação de trabalho, que visa deduzir dos disturbios das funções as respetivas condições normais, levou-nos a escolher um ponto de ataque

---

(1) Desde que os trabalhos de W. Fliess descobriram a importancia para a biologia de determinadas grandezas de tempo poude-se pensar que um disturbio de evolução se reduz á alteração temporal de surtos da mesma.

todo especial e inesperado. A seriação das principais formas de psiconeuroses — histeria, neurose obsessiva, paranoia, demencia precoce — corresponde, ainda que de maneira não perfeitamente exata, á ordem cronologica segundo a qual surgem estas afecções. As formas histericas podem-se observar já na primeira infancia e a neurose obsessiva habitualmente evidencia os seus primeiros sintomas no segundo periodo da infancia (dos 6 aos 8 anos); as duas outras psiconeuroses, por nós reunidas sob a denominação de parafrenia, aparecem mais tarde, na puberdade ou na idade adulta. Estas afecções, as quais são as ultimas a aparecer, foram as que primeiro se mostraram acessiveis a nossas investigações atinentes ás predisposições que dão logar á escolha da neurose. O delirio de grandeza, o alheamento dos pacientes em relação ao mundo real e a dificuldade de transferencia, caracteres estes peculiares a ambas as afecções, nos forçaram a concluir que se deve procurar a fixação predisponente para estas doenças em um periodo da evolução da libido, anterior á realização da escolha do objeto, portanto na fase do auto-erotismo e do narcisismo. Estas formas morbidas de aparecimento mais tardio relacionam-se, pois, com paradas precoces da evolução e fixações. Isto nos induziria a suspeitar que é nas fases primeiras da evolução da libido que se acha a predisposição para a neurose obsessiva e para a histeria, as duas neuroses verdadeiramente de transferencia e nas quais os sintomas se produzem cedo. Mas onde se encon-

traria aqui a parada evolutiva e sobretudo qual seria a diferença das fases que daria motivo á predisposição ora para a neurose obsessiva ora para a histeria? Acerca deste ponto durante longo tempo nada se poude saber e nossas tentativas outrora empreendidas com o fim de descobrir estas duas predisposições e nas quais supunhamos, por exemplo, que a histeria deveria ser determinada por passividade e a neurose obsessiva por atividade num sucesso infantil, dentro de pouco tiveram que ser abandonadas por terem sido reconhecidas erroneas.

Voltamos agora ao terreno da observação clinica. Durante longo tempo estudamos uma doente cuja neurose passou por uma transformação não comum. Essa se iniciou como uma franca histeria de angustia após um sucesso traumatico e conservou tal carater durante alguns anos. Certo dia, porém, transformou-se subitamente em uma neurose obsessiva das mais graves. Tal caso devia tornar-se importante em mais de um sentido. Dum lado podia merecer o valor de um documento bilingue e mostrar como um mesmo conteúdo é expresso pelas duas neuroses por manifestações entre si diferentes. Doutro lado ameaçava este caso contradizer nossa teoria das predisposições por parada de evolução, senão nos quizessemos decidir a aceitar que uma mesma pessoa pode trazer consigo mais do que um unico ponto fraco no desenvolvimento da sua libido. Pensamos que não ha razão para afastar esta ultima possibilidade, mas ficamos muito preocupado com a compreensão deste caso clinico.

Quando isto ocorreu no curso da analise fomos induzido a ver que as cousas eram inteiramente diferentes do que a principio nos haviamos representado. A neurose obsessiva não era uma outra reação ao mesmo trauma que anteriormente havia provocado a histeria de angustia, mas sim, uma reação a um segundo sucesso, o qual desvalorizou completamente o primeiro. (Portanto uma exceção, todavia ainda discutivel, de nossa proposição que afirma não depender a escolha da neurose dos sucessos da vida.) Por motivos conhecidos, infelizmente não podemos entrar tanto quanto desejariamos na historia da paciente e devemos limitar-nos aos seguintes dados. A paciente, até adoecer, foi uma mulher feliz e quasi completamente satisfeita. Por motivos de fixação de desejo infantil almejava filhos e adoeceu ao saber que seu esposo, unico homem a quem amava, não lhos podia dar. A histeria de angustia, com a qual reagiu a esta privação, correspondia, como a propria paciente em breve poude compreender, á repulsa de fantasias de tentação nas quais se realizava o desejo aferrado de ter um filho. Tudo fazia para que seu marido não soubesse que ela havia adoecido em consequencia da privação de que o mesmo era causador. Todavia não foi sem bons fundamentos que afirmamos possuir cada homem em seu proprio inconciente um instrumento com o qual consegue exprimir a outrem as manifestações desse inconciente. Compreendeu o marido, sem qualquer confissão ou explicação, o que significava o medo de sua esposa, afligiu-se com

isto, sem contudo dar mostras de tal fato, e, por seu turno, reagiu neuroticamente falhando pela primeira vez numa relação conjugal. Logo depois partiu em viagem; a esposa o considerou para sempre impotente e foi acometida dos primeiros sintomas obsessivos na vespera do seu regresso esperado. O conteúdo da neurose de coação da paciente consistia em penosa obsessão de lavar-se e limpar-se e nas mais energicas medidas contra graves danos que pessoas deviam temer da parte dela, portanto, em reações contra estimulos erotico-anais e sadicos. Depois que sua vida genital perdera todo o valor em virtude da impotencia do marido, o unico homem para ela, sua necessidade sexual teve de manifestar-se sob tais formas.

A este ponto se prendeu a teoria por mim creada e que, naturalmente apenas em aparencia, repousa nesta unica observação, porém que na realidade reune uma grande soma de impressões anteriores que sómente após esta ultima experiencia se tornaram capazes de fornecer uma noção. Pensamos então que nosso esquema do desenvolvimento da função libidinal precisava de uma nova inserção. A principio só distinguiamos a fase do auto-erotismo na qual os instintos parciais, cada um de per si, procuram a satisfação do prazer no proprio corpo, e depois a reunião de todos os instintos parciais para escolha do objeto sob o primado dos orgãos genitais a serviço da reprodução. Como é sabido, a analise das parafrenias obrigou-nos a intercalar uma fase de narcisismo, na qual a escolha do objeto

já se realiza, mas este ainda coincide com o proprio eu. E agora vemos a necessidade de admitir, antes da organização final, uma outra fase, na qual os instintos parciais já se dispõem para a escolha do objeto, que já então se apresenta ao proprio individuo como uma pessoa extranha, mas *o primado das zonas genitais ainda não está estabelecido.* Os instintos parciais, que dominam esta organização pregenital da vida da sexualidade são os erotico-anais e os sadicos. Não ignoramos que toda concepção como esta nos primeiros tempos repercute extranhamente. Só depois que se descobrirem suas relações com nossos conhecimentos anteriores é que ela se nos torna familiar, e por fim, frequentemente é reconhecida como uma pequena novidade ha muito pressentida.

Dirijamo-nos, portanto, com semelhantes expectativas para a discussão da «organização sexual pregenital».

a) O extraordinario papel que os impulsos de odio e de erotismo anal desempenham na sintomatologia da neurose obsessiva já chamou a atenção de muitos observadores e ultimamente mereceu grande acentuação da parte de E. Jones ([2]). Isto deriva de modo imediato da nossa hipotese, se são estes instintos parciais que na neurose tornam a tomar a si a representação dos instintos genitais, cujos precursores foram durante a evolução.

([2]) E. Jones: Hass und Analerotik in der Zwangsneurose. (Internat. Zeitschr. für ärztl. Psychoanalyse, I, 1913, n.º 5.

Aqui cabe a parte até agora não relatada da historia clinica do nosso caso. A vida sexual da paciente começou na mais tenra infancia com fantasias sadicas de espancamentos. Após a repressão destas iniciou-se um periodo latente extraordinariamente longo, no qual a menina efetuou um desenvolvimento moral muito elevado, sem despertar para sexualidade feminina. Com o casamento na juventude teve inicio um periodo de atividade sexual normal, como mulher feliz, o qual durou alguns anos até que a primeira grande privação produziu a neurose histerica. Com a consequente desvalorização da vida genital regrediu sua vida sexual á fase infantil do sadismo.

Não é dificil determinar o carater pelo qual este caso de neurose obsessiva se distingue dos outros, bem mais frequentes, que começam mais cedo e evoluem cronicamente com exacerbações mais ou menos notaveis. Nestes outros casos a organização sexual, que encerra a predisposição para a neurose obsessiva, uma vez estabelecida, nunca mais é completamente dominada; no nosso caso chegou ela ao gráu mais alto do desenvolvimento e em seguida foi reativada por meio de regressão.

b) Se, partindo da nossa hipotese, procuramos o encadeamento nos nexos biologicos, não devemos esquecer que a oposição entre masculino e feminino, que é introduzida pela função reprodutora, não existe ainda na fase pregenital da escolha do objeto. Em vez desta oposição encontramos a de tendencias com fim ativo e passivo, a qual mais tarde se une

com a dos sexos. A atividade é assistida pelo comum instinto de posse que denominamos sadismo, quando o encontramos a serviço da função sexual; na vida sexual completamente desenvolvida e normal tambem tem ele que prestar importantes serviços auxiliares. A corrente passiva é alimentada pelo erotismo anal, cuja zona erogena corresponde á antiga cloaca indiferenciada. A acentuação deste erotismo anal na fase de organização pregenital deixará no homem uma predisposçião importante para a homossexualidade, se não for alcançada a fase seguinte da função sexual, a da primazia dos orgãos genitais. A constituição desta ultima fase sobre a precedente e a elaboração modificadora das cargas libidinais que aí se opera, oferece á investigação analitica os mais interessantes problemas.

Pode-se pensar que se consegue fugir a todas as dificuldades e complicações aqui em apreço, negando-se uma organização pregenital da vida sexual e fazendo-se coincidir e começar esta ultima com a função genital e de reprodução.

Tendo em conta os resultados inequivocos da investigação analitica, poderiamos dizer que as neuroses são forçadas pelo processo do recalcamento sexual a exprimir tendencias sexuais por outras não sexuais, portanto, a sexualizar compensadoramente as ultimas. Se assim procedemos, saímos do dominio da psicanalise e achamo-nos de novo onde estavamos antes dela, vendo-nos obrigados a renunciar á compreensão, por esta fornecida, da correlação entre saúde, perversão e neurose. A psica-

nalise, reconhecendo os instintos parciais da sexualidade, as zonas erogenas e a dilatação assim adquirida do conceito de «função sexual», entra em oposição ao conceito mais estreito da «função genital». Além disso a observação do desenvolvimento normal da criança por si só não basta para fazer repelir uma tal tentação.

c) No dominio do desenvolvimento do carater devemos encontrar as mesmas forças instintivas cujo jogo descobrimos nas neuroses. A circunstancia de faltar no carater o que é peculiar ao mecanismo das neuroses, a saber, o fracasso do recalcamento e o retorno do recalcado, permite, porém, uma nitida distinção teorica entre as duas ordens de forças instintivas. Na formação do carater ou o recalcamento não entra em ação ou atinje facilmente o seu objetivo, que consiste em substituir o recalcado por produtos de reação ou por sublimações. Por tal motivo os processos da formação do carater são menos transparentes e menos acessiveis á analise do que os neuroticos.

Exatamente no dominio do desenvolvimento do carater encontramos, porém, uma boa analogia com o caso clinico por nós descrito, portanto uma confirmação da existencia da organização sexual pregenital sadico-erotico-anal. É sabido que as mulheres, depois de cessadas suas funções genitais, frequentemente sofrem uma modificação toda especial de seu carater. Tornam-se rixosas, atormentadoras, arengueiras, mesquinhas e avarentas, revelando, pois, traços tipicamente sadicos e erotico-anais, que não

possuiam anteriormente, na epoca da sua feminilidade. Comediografos e escritores satiricos em todos os tempos dirigiram suas invectivas contra «o velho dragão», no qual se transformou a menina branda, a mulher afetuosa e a mãe terna. Compreendemos que esta transformação do carater corresponde ao regresso da vida sexual para a fase pregenital sadico-erotico-anal, em que encontramos a predisposição para a neurose obessiva. Esta fase sería, portanto, não sómente a precursora da genital, mas tambem bastantes vezes a sua sucessora e substituta depois que os orgãos genitais terminaram sua função. A comparação entre uma tal alteração do carater e a neurose obsessiva é muito impressionante. Em ambos os casos existe a obra da regressão. Mas no primeiro ha regressão completa, após realização sem embaraços, do recalcamento (ou repressão); no segundo ha conflito, esforço para anular a regressão, produção de reações contra esta, produção de sintomas por transações reciprocas e cisão das atividades psiquicas em umas capazes de serem concientes, e outras inconcientes.

d) Nossa hipotese de uma organização sexual pregenital é incompleta em dois sentidos. Em primeiro logar não toma em conta a conduta de de outros instintos parciais, na qual algo mereceria ser investigado e mencionado, contentado-se com salientar a evidente primazia do sadismo e erotismo anal. Sobretudo o instinto de saber dá-nos frequentemente a impressão de que poderia no me-

canismo da neurose obsessiva substituir o sadimo. Em essencia é esse instinto um derivado do de posse o qual se sublimou e foi guindado para o intelecto; sua rejeição sob a forma de duvida desempenha no quadro da neurose obsessiva um papel de vulto.

A segunda falha é muito mais importante. Sabemos que a predisposição para uma neurose só é completa quando toma em conta não sómente a fase do desenvolvimento do ego na qual a fixação aparece, mas tambem a do desenvolvimento da libido. Nossa hipotese, porém, referiu-se apenas á ultima e não encerra, pois, o conhecimento integral que poderiamos exigir. As fases de desenvolvimento de instinto do ego são até agora muito pouco conhecidas; sabemos apenas de uma tentativa muito promissora, feita por Ferenczi, de se aproximar destas questões ([3]).

Ignoramos se parecerá muito ousado que seguindo as pegadas existentes, exprimamos a opinião de que se deva fazer entrar na predisposição para a neurose obsessiva uma precessão do desenvolvimento do ego sobre o da libido.

Uma tal precessão, partindo dos instintos do ego, obrigaria a dar-se a escolha do objeto, quando a função sexual ainda não conseguiu terminar a sua organização, e assim deixaria após si uma fixação na fase da organização sexual pregeni-

---

([2]) Ferenczi: Entwicklungsstufen des Wirklichkeitssinnes. Internat. Zeitschr. für ärtzl. Psychoanalyse, I. 1913 (Ferenczi, Bausteine zur Psychoanalyse, vol. I, pag. 62 e seg.).

tal. Se ponderarmos que os neuroticos obsessivos têm que desenvolver uma supermoral afim de defender o seu objeto de amor contra a hostilidade que por traz desta está á espreita, inclinar-nos-emos a considerar como tipico para a natureza humana um certo grau desta precessão do desenvolvimento do ego e a achar justificada a capacidade de origem da moral no fato de que segundo o seu desenvolvimento, o odio é o precursor do amor. Talvez seja esta a significação de uma afirmativa de W. Stekel, a qual então nos pareceu incompreensivel, a saber, que o odio e não o amor é a relação afetiva primaria entre os homens (4).

e) Depois do que ficou dito, resta para a histeria a relação intima com a ultima fase do desenvolvimento da libido, a qual se carateriza pela primazia dos orgãos genitais e o aparecimento da função de reprodução. Esta conquista sofre na neurose histerica o recalcamento, com o qual não está ligada uma regressão para fase pregenital. Na determinação da predisposição a lacuna consequente a nossa ignorancia do desenvolvimento do ego é aqui ainda mais sensivel do que na neurose obsessiva. Não é dificil, ao contrario, mostrar que tambem na histeria ha uma outra regressão para um nivel inferior.

A sexualidade da criança do sexo feminino está, como sabemos, sob o dominio de um orgão orientador masculino, a clitoride, e porta-se em muitos pontos como a do menino. A um ultimo surto evo-

---

(4) W. Stekel: Die Sprache des Traumes, 1911, pag. 536.

lutivo na epoca da puberdade incumbe remover esta sexualidade feminina e elevar a vagina, derivada da cloaca, á importancia de zona erogena dominante.

É com efeito muito comum que na neurose histerica das mulheres se dê uma reativação desta sexualidade masculina recalcada, contra a qual se dirige então a luta de defesa por parte dos instintos egoistas. Mas parece-nos prematuro entrar neste momento na discussão da predisposição histerica.

DUAS MENTIRAS INFANTÍS

(1913)

Compreende-se que crianças mintam, se com isto imitam as mentiras dos adultos. Mas um certo numero de mentiras de crianças de bom comportamento possue uma significação especial e devem dar que pensar aos educadores em vez de exaspera-los. Elas são ditas sob a influencia de motivos amorosos muito fortes e quando acarretam uma desinteligencia entre a criança e a pessoa por esta amada se tornam funestas.

I

Uma menina de 7 anos (no 2.º ano escolar) pediu dinheiro ao pai para comprar corantes para os ovos de Páscoa. O pai lho negou, dizendo que não tinha. Pouco depois solicitou a mesma dinheiro afim de contribuir para a compra de uma corôa destinada á princesa reinante falecida. Cada aluno tinha que levar meio marco. O pai deu-lhe 10 marcos, com os quais pagou a menina sua contribuição, pondo 9 sobre a secretária do pai e comprando com o outro meio marco os corantes, que em seguida escondeu no armario de brinquedos. Á mesa, perguntou o pai, com ar de desconfiança, á filha

que fizera com o meio marco que faltava e se não tinha comprado com esta quantia os corantes. A pequena respondeu que não, mas o irmão, que contava mais 2 anos que ela e junto com quem pretendia colorir os ovos, traiu-a, dizendo que os corantes estavam no armario. O pai, irado, entregou a mentirosa á esposa para aplicar-lhe o devido castigo, que foi muito energico. Esta em seguida ao notar quanto a filha estava desesperada teve forte abalo. Acariciou-a e foi passear com ela afim de consola-la. Mas os efeitos deste fato, que a propria paciente denominou «momento critico» de sua juventude, revelaram-se inextinguiveis. Fôra até então uma criança buliçosa, desassombrada e daí em deante se tornou timida e acanhada. No seu periodo de noivado foi tomada de uma raiva incompreensivel quando sua mãe tratou do arranjo dos moveis e do enxoval. Pareceu-lhe que o dinheiro era seu e que ninguem tinha que comprar nada com este. Como jovem esposa arreceava-se de pedir importancias ao marido para suas necessidades pessoais e fazia demasiada distinção entre o dinheiro «dela» e o dele. Durante o tempo do tratamento aconteceu algumas vezes que as remessas de dinheiro feitas por seu marido se atrazaram de modo que a paciente ficava na cidade, que lhe era extranha, sem recursos. Tendo-nos uma vez dado conhecimento deste fato, pedimos a ela nos prometesse, caso tal situação se repetisse, aceitar de nós a titulo de emprestimo a pequena quantia de que necessitasse. Fez-nos tal pro-

messa, porém, na primeira oportunidade não a cumpriu, preferindo empenhar suas joias. Explicou-nos que não podia receber dinheiro de nós.

A apropriação indebita da quantia de meio marco na infancia possuia uma significação que o pai não podia supor. Algum tempo antes de entrar para a escola a menina houvera representado com dinheiro uma ligeira cena digna de nota. Uma vizinha a enviara munida de uma pequena soma, em companhia do seu filhinho, mais novo do que ela a uma loja afim de comprar alguma cousa. Como mais velha, a menina, após a compra, trazia consigo o resto do dinheiro. Encontrando na rua, porém, a empregada da referida vizinha, atirou o dinheiro ao solo. Na analise desta ação, que lhe parecia inexplicavel, lembrou-se de Judas que lançara fora as moedas de prata recebidas pela traição a Jesús. Afirmou-nos que antes de entrar para a escola já conhecia a historia da Paixão de Cristo. Mas, perguntamos, até que ponto se podia ter a menina identificado com Judas?

Com a idade de 3 anos e meio tinha uma ama, á qual se apegara muito. Esta entregou-se a relações eroticas com um medico, cujo consultorio frequentava, acompanhada da pequena. Pareceu que a criança fôra então testemunha de diversas praticas sexuais. Não havia certeza se vira o medico dar dinheiro á ama, porém está fora de duvida que esta, para obter o silencio da menina, a presenteava com pequenas moedas, com as quais, regressando

para casa, fazia compras de doces. É tambem possivel que o proprio medico eventualmente houvesse dado dinheiro á criança. Levada por ciumes, esta traiu a ama perante sua mãe. O fato se deu assim. Brincava com as moedas que levára para casa, o que chamou a atenção de sua progenitora, que lhe perguntou: «Onde obtiveste este dinheiro?» E disto resultou que ama foi despedida.

Portanto para esta menina o fato de receber dinheiro de alguem adquirira cedo a significação de entrega do proprio corpo, isto é, de relação sexual.

O receber dinheiro do pai equivalia a uma declaração amorosa. A fantasia na qual o pai era seu amante, apresentou-se tão sedutora que o desejo infantil de obter os corantes para os ovos de Páscoa se realizou facilmente com auxilio dessa.

Não poude, porém, confessar que se havia apropriado do dinheiro, foi obrigada a mentir, porque o motivo da ação, inconciente para si, era inconfessavel. O castigo por parte do pai, foi, pois, uma repulsa ao amor que a filha lhe oferecia, um desprezo que a desencorajou. Durante o tratamento irrompeu um grave estado depressivo, cuja analise levou á lembrança do que aqui foi comunicado, quando certa vez fomos obrigados a imitar o referido desprezo, pedindo a paciente que não nos trouxesse mais flores.

Para o psicanalista quasi não se precisa salientar que no pequeno fato ocorrido com esta menina se apresenta um daqueles casos tão frequentes de con-

tinuação do erotismo anal infantil amorosa ulterior. O prazer de colorir os ovos tambem deriva da mesma fonte.

II

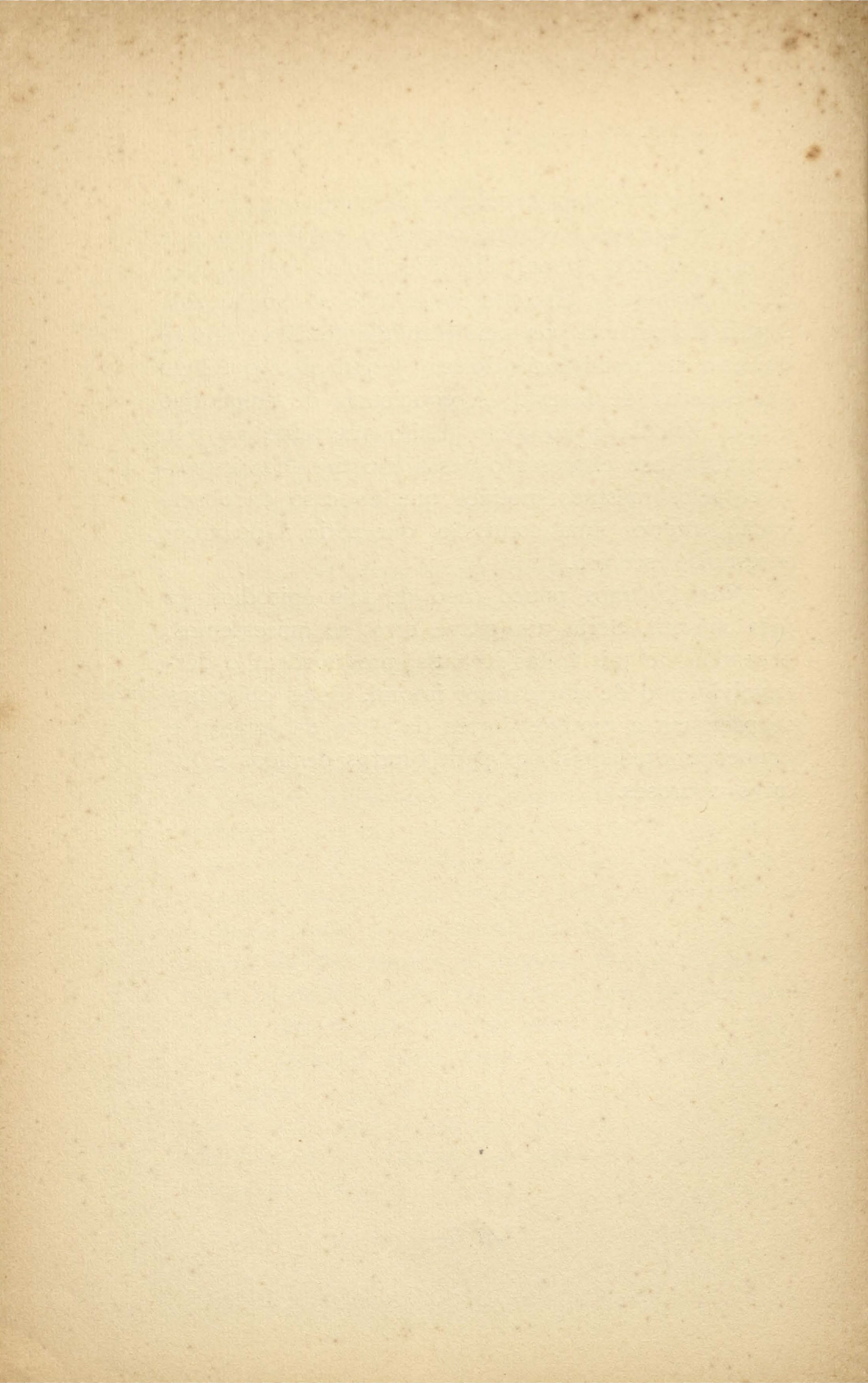
Uma mulher, hoje gravemente doente em consequencia de uma privação na vida, foi outrora uma menina capaz, amante da verdade, seria e boa e depois uma esposa amorosa. Nos seus primeiros anos, porém, havia sido uma criança teimosa e descontente e quando bastante rapidamente se modificou para um ser cheio de bondade e escrupulo ocorreram, ainda na sua epoca escolar, fatos que lhe trouxeram durante o periodo da doença graves remorsos e que foram julgados por ela como prova de profunda corrupção. Lembrava-se de que outrora frequentemente proseara e mentira. Certa vez, em caminho para a escola, uma colega blasonou-se, dizendo-lhe: «Hontem tivemos gelo ao jantar». Replicou a paciente: «Ora, gelo temos nós todos os dias». Na realidade não sabia o que significava gelo ao jantar, pois só conhecia o gelo em longas barras, tal qual é transportado nos carros, mas, pensava que, falando de gelo, a companheira se referia a alguma cousa que denotava distinção, e por isto não quiz ficar abaixo da colega.

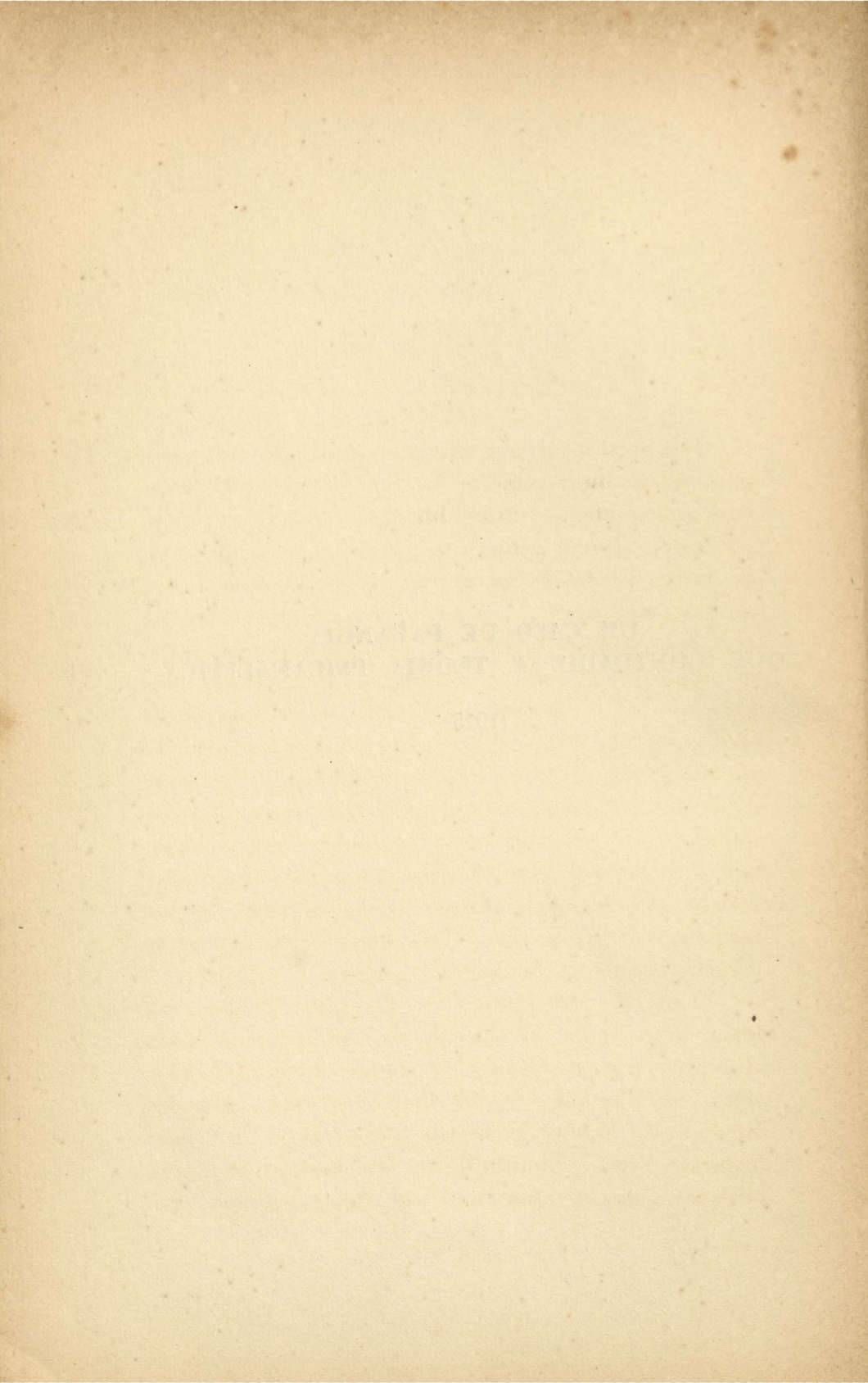
Quando contava 10 anos, foi dada na aula de desenho a tarefa de traçar a mão livre uma circunferencia. Serviu-se para isto dum compasso e fez com muita facilidade um circulo perfeito, mostrando

em seguida triunfante seu trabalho á vizinha de classe. O professor se aproximou, ouviu a menina que se jactava, descobriu na circunferencia os vestigios do compasso e pediu explicações á mesma. Esta, porém, negou terminantemente ter lançado mão deste instrumento e não se deixou vencer por nenhuma prova, defendendo-se com mutismo pertinaz. O professor entendeu-se a respeito disso com o pai; ambos deixaram-se levar pelo comportamento da menina, em geral bom, e resolveram dar por terminado o caso.

Ambas as mentiras da menina foram motivadas pelo mesmo complexo. Sendo a mais velha da irmandade, cedo se desenvolveu na pequena uma afeição demasiadamente intensa pelo pai, a qual mais tarde, na idade adulta, havia de fazer malograr sua felicidade. Em breve foi forçada a reconhecer que o pai, que ela amava, não possuia a grandeza que lhe atribuia. Tinha este que lutar com dificuldades de dinheiro e não era tão poderoso e tão distinto como o supuzera. Esta diminuição do seu ideal, porém, a menina não se podia permitir. Pondo á maneira das mulheres toda sua ambição no homem amado, a defesa do pai contra o mundo, tornou-se para a filha um motivo muito poderoso. Proseava, portanto, deante das colegas apenas para não desprestigiar o pai. Quando mais tarde aprendeu que o gelo no jantar «queria dizer sorvete», abriu-se o caminho pelo qual o remorso por causa desta reminiscencia devia conduzir ao medo de fragmentos e lascas de vidro.

O pai era um excelente desenhista e seu talento provocara bástantes vezes o entusiasmo e a admiração dos filhos. Identificando-se com o pai, desenhou aquela circunferencia, que só poude conseguir tão perfeita por meio fraudulento. Era como se quizesse dizer vangloriando-se: «Vejam só, o que meu pai é capaz de fazer!». A conciencia de culpa que estava vinculada ao afeto muito veemente ao pai, encontrou sua expresssão nessa mentira. Era impossivel pelos mesmos motivos que no caso da observação anterior uma confissão, que seria a do amor incestuoso secreto.

Não façamos pouco caso de tais episodios da vida infantil. Seria um grave erro, se quizessemos, baseados em tais faltas infantís, prognosticar o desenvolvimento de um carater imoral. Estes episodios se prendem a motivos fortes da alma da criança e anunciam predisposições para futuros destinos e futuras neuroses.

UM CASO DE PARANOIA QUE CONTRADIZ A TEORIA PSICANALITICA

(1915)

Ha anos procurou-me um conhecido advogado para ouvir minha opinião acerca de um caso sobre cuja interpretação tinha duvidas.

Uma jovem dama dirigira-se a ele em busca de proteção contra as perseguições de um homem que a induzira a relações amorosas. Afirmava que este, abusando de sua condescendencia, havia mandado fotografar ás ocultas o seu encontro amoroso com ele e podia, pois, exibir estas fotografias, envergonha-la e assim faze-la perder sua colocação. O advogado era bastante experimentado para reconhecer o cunho morbido desta queixa; refletindo, porém, em que na vida muita coisa acontece que á primeira vista se julgaria inverosimil, pareceu-lhe de grande interesse ouvir o juizo de um psiquiatra sobre o caso. Prometeu voltar á minha presença, acompanhado da queixosa.

Antes de prosseguir na narração quero confessar que para o ato do exame transformei o ambiente do consultorio, de modo a torna-lo desconhecido, porém, nada mais do que isto fiz. Desfigurar numa exposição os traços de uma historia clinica, considero um abuso porque é impossivel saber-se que face do caso o leitor que

julga com independencia, vai aprender e assim se corre perigo de induzir este a erro. A paciente, que pouco depois conheci, era uma mulher de 30 anos, de graça e beleza não comuns, parecia contar menos idade do que realmente possuia e dava uma impressão lidimamente feminina. Deante do medico mostrou-se esquiva e não fez por ocultar sua desconfiança. Sómente graças á insistencia do advogado, que estava presente, contou ela a seguinte historia, que me forneceu um problema que será referido mais tarde. Sua fisionomia e suas exteriorizações afetivas não traiam nada de acanhamento e de vergonha, como era natural que acontecesse em face de um ouvinte extranho. Achava-se exclusivamente sob o dominio da apreensão que lhe resultava de sua aventura.

Durante anos estivera empregada em um grande estabelecimento, no qual ocupara um cargo de responsabilidade, com satisfação propria e a contento dos seus superiores. Nunca teria procurado relações amorosas com homens; vivia em paz junto de sua velha mãe, de quem constituia o unico arrimo. Não tinha irmãos, e o pai morrera ha muitos anos. Nos ultimos tempos se aproximou dele um empregado do mesmo escritorio, pessoa muito instruida e atraente e a quem não podia recusar sua simpatia. Por motivos extranhos estava excluida a possibilidade de um casamento entre eles, mas o cavalheiro não queria saber disto nem de terminar com as relações em vista desta impossibilidade. A ela mostrou quanto era insensato desistir, por causa

de convenções sociais, de tudo a que tinham direito indubitavel, que ambos desejavam e que contribuia como nenhuma outra causa para exaltação da vida. Como ele havia prometido não a expor a perigo, anuíu esta finalmente em ir visita-lo durante o dia em sua habitação. Ali houve beijos e abraços, deitaram-se um ao lado do outro, contemplando ele a beleza da jovem, em parte desnudada. Em meio do idilio assustou-a um ruido de curta duração e que pareceu uma pancada. Vinha este do lado da secretária, que estava colocada deante da janela e perpendicular a esta; o espaço compreendido entre a mesa e a janela era em parte ocupado por um pesado reposteiro. Narrou a paciente que teria indagado imediatamente ao amigo sobre a significação do ruido e que esse havia respondido ser provavelmente do relogio de mesa, que se achava sobre a secretária. Tomarei a liberdade de fazer mais tarde um comentario sobre esta parte do seu informe.

Quando a jovem deixava a casa encontrou na escada dois homens, que a sua vista sussurraram algo um para o outro. Um dos desconhecidos trazia um objeto embrulhado que parecia ser uma caixinha. Ficou preocupada com este encontro e em caminho para casa lhe surgiu uma serie de idéas, a saber, de que esta caixinha bem podia ser um aparelho fotografico, o homem que a carregava, um fotografo, que durante sua permanencia com o amante no quarto, teria estado escondido atraz do reposteiro, e que o ruido ouvido, fôra o do aperto do botão da maquina, depois que o cavalheiro tinha

conseguido a situação especialmente melindrosa, da qual queria conservar um retrato. Daí em deante não poude calar sua desconfiança em relação ao amante; perseguia-o, exigindo oralmente e por escrito que este lhe desse explicação e a tranquilizasse e exprobando-lhe o procedimento; porém mostrava-se inacessivel a asseverações que o inculpado fazia á mesma e com que defendia a sinceridade de seus sentimentos e a falta de fundamento de tais desconfianças. Por fim procurou o advogado, contou-lhe o fato ocorrido, entregando-lhe as cartas, que nesta ocasião tinha recebido do amante. Pude ler algumas destas, que me deram a melhor impressão, pois seu conteúdo principal era constituido de lastimações de que uma tão bela e terna harmonia tivesse sido destruida por esta «infeliz idéa morbida».

Não ha necessidade de justificação para o fato de ter feito meu o juizo formulado pelo acusado. Mas o caso, fóra de interesse puramente de diagnostico, tinha para mim, um outro.

Afirmara-se na literatura psicanalista que o paranoico luta contra um exagero de suas tendencias homossexuais, o que, no fundo, indica uma escolha narcisica do objeto. Além disto fôra indicado que o perseguidor é essencialmente a pessoa amada na ocasião ou anteriormente. Da reunião das duas afirmativas resulta que o perseguidor deve ser do mesmo sexo que o perseguido. Sem duvida não haviamos estabelecido que a tese que afirma depender a paranoia da homossexualidade é valida para todos os casos, sem exceção, e assim procedemos, porque

nossas observações não eram bastante numerosas. Tal tese pertencia, aliás, áquelas que, em consequencia de certos nexos, sómente são importantes, se puderem corresponder á generalidade dos casos. Na literatura psiquiatrica certamente não faltavam observações de casos em que o paciente se cria perseguido por parentes de outro sexo, mas a impressão que deixava a leitura daqueles era diferente da que resultava do exame direto dos mesmos. O que eu e meus amigos puderamos observar e analisar confirmara sem dificuldade a relação entre a paranoia e a homossexualidade. O caso aqui apresentado falava de modo decisivo contra tal relação. A moça parecia repelir o amor a um homem, transformando o amante imediatamente no perseguidor; nada se encontrava de influencia de uma mulher e de resistencia contra uma ligação homossexual.

Nesta situação o mais simples era renunciar ao partidarismo em favor de uma dependencia geralmente valida entre o delirio de perseguição e a homossexualidade e a tudo mais que a isto se prendia. Tinhamos que desistir desta noção, se não nos quizessemos deixar levar por este desacordo com a expectativa de nos colocarmos ao lado do advogado e como este reconhecermos que no caso se tratava não de uma combinação paranoica, mas sim de um fato interpretado corretamente. Vi, porém, uma outra saída, que a principio protelava a decisão. Lembrei-me de quão frequente é julgar erradamente doentes mentais, porque não o examinamos bastante profundamente e assim possuimos poucos dados

sobre os mesmos. Expliquei, portanto, que me era impossivel emitir juizo naquele dia sobre o caso, pedindo á senhora que me procurasse uma segunda vez e me narrasse a historia mais minuciosamente e com as circunstancias acessorias que talvez tivessem escapado em nosso primeiro encontro. Por intermedio do advogado, que tambem veiu em meu auxilio, declarando que nesta segunda palestra sua presença era superflua, conseguí o assentimento da paciente, cuja má vontade era evidente.

A segunda narrativa da paciente não anulou a primeira, trouxe, porém, tais aditamentos que desapareceram todas as duvidas e dificuldades. Antes de tudo, fiquei sabendo que ela tinha ido não uma, mas duas vezes á casa do cavalheiro. Foi por ocasião da segunda visita que se deu o tal ruido, que motivou sua desconfiança; na primeira conversa conosco nada disse da primeira visita por lhe parecer destituida de importancia. Nessa, com efeito, nada de notavel se tinha passado, mas sim no dia seguinte. A secção onde trabalhava a paciente, achava-se sob a direção de uma anciã, que ela descreveu com as seguintes palavras: «Tem cabelos brancos como minha mãe». Estava acostumada a ser tratada por esta sua superiora muito carinhosamente, por vezes mesmo com gracejos, e se tinha na conta de sua predileta. No dia imediato á primeira visita ao jovem empregado, apareceu este na parte comercial para transmitir á velha senhora qualquer assunto relativo ao serviço e enquanto falava

baixo com esta, surgiu subitamente no espirito da moça a certeza de que ele estava contando a aventura da vespera e dizendo ainda que já ha muito tempo mantinha relação com ela, até então não percebida nem por esta propria. A velha de cabelos brancos e de aspeto maternal estaria agora sabedora de tudo. Durante o resto do dia a conduta e as manifestações desta puderam fortalecer tal desconfiança. Aproveitando a primeira oportunidade, a paciente interpelou o amante acerca de sua traição. Este, como é natural, defendeu-se energicamente da acusação, dizendo tratar-se de uma suspeita tola, e conseguiu de fato afastar a moça de seu delirio, de modo que esta algum tempo mais tarde — creio que algumas semanas — se animou a repetir a visita á residencia dele. O resto já conhecemos da primeira narrativa da paciente.

O que apuramos de novo eliminou logo toda duvida acerca da natureza morbida da desconfiança. Sem dificuldade se reconheceu que a superiora de cabelos brancos era uma substituta da progenitora, que o amante apesar de jovem ocupava o logar do pai e que foi o poder do complexo materno que obrigara a paciente a admitir a existencia de uma relação amorosa entre ambos os parceiros tão desiguais a despeito de toda inverosimilhança. Com isto se esvaiu tambem a aparente contradição á expectativa alimentada pela psicanalise, a saber, a que um vinculo homossexual muito forte se mostra como condição necessaria para o desenvolvimento

de um delirio de perseguição. O perseguidor primitivo, a instancia, á cuja influencia a jovem se quer subtrair, não é tambem neste caso um homem, mas sim uma mulher. A superiora sabe das relações amorosas da moça, as condena e dá-lhe a reconhecer esta reprovação por meio de alusões secretas. A adesão ao mesmo sexo se opõe aos esforços de adquirir para o objeto do amor um individuo do outro sexo. O amor á mãe se torna o guia de todas as tendencias, que no papel de uma «conciencia» querem deter o primeiro passo da moça no novo caminho, sob varios pontos de vista perigoso, para a satisfação normal da sexualidade, e consegue estorvar as relações com o homem.

Se a mãe inibe e embaraça a atividade sexual da filha, desempenha uma função normal, a qual encontra modelo nas relações entre as duas na infancia, possue forte motivação inconciente e encontra a sanção da sociedade. Compete á filha livrar-se desta influencia e, baseada em motivos mais amplos e mais racionais, decidir-se por um certo grau de concessão do gozo sexual ou de privação deste.

Se na tentativa desta libertação cae ela em neuruose é porque existe um complexo materno, certamente não dominado e que é em regra muito forte, cujo conflito com a nova corrente libidinal segundo a predisposição utilizavel dá em resultado esta neurose. Em todos os casos as manifestações da reação neurotica são determinadas não pela relação no presente com a mãe atual, mas pelas relações infantís

com a imagem materna dos primeiros tempos da vida.

Sabemos que nossa paciente ha muitos anos é orfã de pai; é-nos tambem licito supor que não teria prescindido de um homem até a idade de 30 anos, se um forte laço afetivo que a prendia á progenitora, não lhe tivesse oferecido um amparo. Este tornou-se para ela um grilhão molesto, porque sua libido sob a ação de insistente conquista começou a aspirar por um homem. Procurou libertar-se, quebrando seu vinculo homossexual. Sua predisposição — da qual não é necessario falar aqui — permitiu que isto se processasse sob a forma de um delirio paranoico. A mãe tornou-se, portanto, a observadora hostil, invejosa e perseguidora. Esta poderia como tal ser vencida, se o complexo materno não mantivesse o poder de realizar propositalmente o afastamento do homem. No fim desta primeira fase do conflito, portanto, ela se liberta de sua mãe e não se prende a um homem. Ambos conspiram contra ela. Nesta ocasião consegue o esforço poderoso de um homem atraí-la para si. Vence á oposição materna e está pronta a conceder ao amante um novo encontro. A mãe não aparece mais nos acontecimentos ulteriores. Devemos, porém, notar que nesta fase o homem amado não se tornou diretamente o perseguidor, mas sim atravez da progenitora e graças á relação dele com esta, á qual na primeira concepção delirante coube o principal papel.

Era de crer que a resistencia estava definitivamente vencida e que a jovem, até aí presa á sua

mãe, tinha logrado amar um homem. Mas após o segundo encontro surgiu uma nova concepção delirante, que conseguiu por habil aproveitamento de algumas casualidades determinar a perdição deste amor e assim prosseguir com exito o proposito do complexo materno. Parece-nos ainda sempre extranho que a mulher tivesse que recorrer a um delirio paranoico para defender-se do amor a um homem. Todavia antes de examinarmos mais de perto esta condição, queremos lançar nossas vistas para as casualidades nas quais se apoia a segunda concepção delirante, exclusivamente dirigida contra o homem.

Semi-núa e deitada no divan ao lado do amante, ouviu um ruido, cuja causa não reconheceu e que interpretou, depois que encontrou na escada da casa dois homens, dos quais um trazia alguma cousa, que parecia uma caixinha encoberta. Convenceu-se de que por incumbencia do amante eles a espiaram e fotografaram durante seu entretenimento amoroso com o mesmo. Naturalmente estou longe de pensar que, se o tal ruido não se houvesse dado, a concepção delirante tambem não teria surgido. Reconheço atraz desta casualidade algo de necessario que se tinha de realizar tão forçosamente como o aparecimento da idéa de relações amorosas entre o amante e a superiora, escolhida para substituta da mãe. A observação da pratica de atos eroticos entre os pais é um elemento que raramente falta no tesouro das fantasias inconcientes, que se podem encontrar pela

analise em todos os neuroticos e provavelmente em todos os homens.

Denomino estes produtos da fantasia, a saber, o da observação de copulas entre os pais, o da sedução, da castração e outros, *fantasias primitivas* e noutra parte investigarei minuciosamente sua origem assim como sua relação com a experiencia individual. O ruido casual, desempenhou, pois, o papel de uma provocação, que ativou a fantasia tipica da espreita, contida no complexo dos pais. É discutivel se devemos designa-lo «casual». Como O. Rank me fez notar, é antes um requisito necessario da fantasia de espreita e ou repete o ruido, pelo qual se denuncia o congresso sexual dos pais ou aquele pelo qual a criança que espreita, teme trair-se. Reconhecemos agora duma vez em que terreno nos achamos. O amante é ainda sempre o pai, em logar da mãe apareceu ela propria. A espreita deve ser atribuida a uma pessoa extranha. Compreendemos de que modo a paciente se libertou da dependencia homossexual em relação a sua mãe. Foi necessario para isto um pouco de regressão; em vez de tomar sua mãe por objeto de amor, identificou-se com esta, tornando-se a propria mãe. A possibilidade desta regressão indica a origem narcisica de sua escolha de objeto homossexual e com isto tambem a predisposição nela existente para a paranoia O seguinte raciocinio poderia levar ao mesmo resultado que esta identificação: se minha mãe faz isto, tambem me é permitido faze-lo; tenho o mesmo direito que ela.

Na anulação das casualidades posso avançar mais um passo sem exigir que o leitor faça o mesmo, pois a ausencia de uma investigação analitica mais profunda em meu caso impossibilita passar aqui além de uma certa probabilidade. A paciente na conversa comigo disse ter indagado imediatamente a causa do ruido e ter recebido a resposta de que provavelmente provinha este do pequeno relogio de mesa, que se achava sobre a secretária. Tomos a liberdade de ver neste informe da paciente uma paramnesia. Acredito muito mais que de começo ela absolutamente não reagiu ao ruido, que só depois do encontro com os dois homens na escada, lhe pareceu significativo.

Quando atormentado pela desconfiança da moça, o amante que provavelmente não ouvira o ruido, teria aventurado a seguinte tentativa de explicação por meio do relogio: «Não sei o que possas ter ouvido lá; talvez o relogio tenha produzido um ruido, como ás vezes acontece faze-lo». Tal ação a posteriori na utilização de impressões e tal alteração das lembranças são justamente frequentes na paranoia e carateristicas desta. Mas como nunca falei com o cavalheiro e não pude continuar a analise da paciente, permanece indemonstravel minha hipotese.

Poderia arriscar-me a ir mais longe na analise da «casualidade» suposta real. Não creio nem que o relogio tenha produzido nem ela escutado ruido algum. A situação na qual a moça se encontrava, justificava ter havido uma sensação de contração da cli-

toride. Foi isto que ela a posteriori projetou para o exterior como percepção de um objeto externo. No sonho é possivel cousa inteiramente semelhante. Uma das minhas histericas narrou-me um curto sonho do despertar, que foi o seguinte. Estão batendo e ela acorda. Ninguem bateu á porta, mas nas noites anteriores fôra despertada pelas sensações penosas de poluções e tinha então interesse em acordar logo que aparecessem os primeiros sinais da excitação genital. Havia-se batido na clitoride. Desejaria substituir no caso de minha paranoica o ruido casual por um semelhante processo de projeção. É claro que não penso que a paciente, conhecendo-me ha tão pouco tempo e achando-se sob a influencia de um constrangimento desagradavel, me tivesse dado uma informação perfeita sobre os fatos ocorridos nos dois encontros amorosos; mas uma contração isolada da clitoride está de acordo com a sua afirmação de não ter havido contato entre si dos orgãos genitais dos amantes. Na repulsa consequente do homem ao lado da «conciencia» certamente tem sua parte a insatisfação.

Volto agora ao fato extranho da paciente defender-se do amor a um homem com o auxilio de um delirio paranoico. A compreensão disto é dada pela historia da evolução do delirio. Este dirigiu-se a principio, como era de esperar, contra a mulher, mas depois *no terreno da paranoia avançou, quanto ao objeto, da mulher para o homem*. Um tal, avanço não é comum na paranoia; encontramos em regra que o alvo de perseguição se mantém fixo nas

mesmas pessoas, portanto tambem no mesmo sexo, para o qual se dirigia sua escolha de amor antes da transformação paranoica, porém não é excluido pela afecção neurotica; nossa observação poderia servir de modelo para muitas outras. Ha fora da paranoia muitos processos semelhantes, que até aqui não foram reunidos sob este ponto de vista, dos quais são alguns muito geralmente conhecidos. Assim, por por exemplo, o chamado neurastenico pela sua ligação inconciente ao objeto do amor incestuoso é impedido de tomar uma mulher extranha para objeto e na sua atividade sexual fica restricto á fantasia. No terreno da fantasia consegue dar o avanço que lhe foi negado, e pode substituir sua mãe e sua irmã por objetos extranhos. Como nestes falta a reprovação da censura, a escolha de pessoas substitutas se torna conciente em suas fantasias.

Os fenomenos do avanço tentado, procedentes do novo terreno adquirido as mais das vezes regressivamente, colocam-se ao lado dos esforços empreendidos em algumas neuroses para readquirir uma posição da libido já possuida e posteriormente perdida. Ambas as series de manifestações são quanto ao conteúdo entre si apenas separaveis. Tendo muito para a concepção de que o conflito sobre o qual assenta a neurose, termina com a formação dos sintomas, mas na realidade a luta ainda prossegue. De ambos os lados emergem novos contingentes instintivos, que a levam adeante.

O proprio sintoma torna-se o objeto desta pugna; tendencias que o querem manter, medem-se com

outras que se empenham em o fazer cessar e em restabelecer o estado anterior. Frequentemente se procuram caminhos para desvalorizar o sintoma, tentando-se obter por outras vias de acesso o que se perdeu e aquilo de que o sintoma priva. Estas relações lançam uma luz esclarecedora sobre a concepção de C. G. Jung de acordo com a qual a condição fundamental da neurose é uma particular inercia psiquica, que se opõe a modificação e a progressão. De fato esta inercia é muito particular, não é geral, mas sim altamente especializada; não é a unica reinante no seu dominio, porém combate contra tendencias para o avanço e restabelecimento as quais não socegam, mesmo após a formação da neurose. Procurando-se o ponto de partida desta inercia especial, vê-se que a mesma é a exteriorização de encadeamentos de instintos, ocorridos muito precocemente e dificeis de serem rotos, com impressões e com objetos nelas fornecidos, encadeamentos pelos quais a continuação do desenvolvimento destes contigentes instintivos é interromrompida. Ou em outras palavras, esta «inercia psiquica» especializada é apenas uma outra expressão, talvez um pouco melhor, para o que na psicanalise costumamos denominar *fixação*.

UMA RELAÇAO ENTRE UM SIMBOLO E UM SINTOMA

(1916)

Está suficientemente firmado pela experiencia das analises dos sonhos que o chapeu é o simbolo do orgão genital, sobretudo do masculino. Não se pode, entretanto, asseverar que este simbolo pertença ao numero dos compreensiveis. Em fantasias, como em multiplos sintomas, aparece tambem a cabeça como simbolo do orgão genital masculino ou, se quizermos, na qualidade de representante do mesmo.

Alguns analistas hão de ter notado que seus pacientes que sofrem de obsessões, manifestam aversão e odio maiores contra a pena de morte por decapitação do que contra qualquer outra e devem-se ter visto induzidos a explicar-lhes que estes vêm na decapitação, um sucedaneo da castração.

Repetidamente se têm analisado e narrado sonhos de pessoas jovens pertinentes ao tema da castração e nos quais se fala de uma bola que se deve interpretar como sendo a cabeça paterna. Ha pouco tempo pudemos analisar um cerimonial que um paciente realizava antes de adormecer, no qual havia a prescrição de que devia o travesseiro pequeno e rombiforme estar colocado sobre os demais e a cabeça repousar exatamente sobre o grande diametro do rombo.

Este ultimo possuiria a conhecida e trivial significação tirada de desenhos de muros e a cabeça representaria um membro viril. Talvez o valor simbolico do chapeu derive do da cabeça, porquanto o chapeu póde ser considerado como uma cabeça prolongada e destacavel. Ocorre-nos aqui a lembrança de um sintoma dos neuroticos obsessivos que lhes proporciona pertinaz tormento. Sem cessar observam eles na rua se um conhecido foi o primeiro a cumprimenta-los tirando o chapeu ou se esse parece esperar cumprimento seu e desistem de algumas relações, pelo fato de verificar que as pessoas não mais os saúdam ou não lhes retribuem convenientemente a saudação. Para eles são infindaveis tais dificuldades de cumprimentos, as quais arranjam segundo seu humor e á sua vontade. Em nada se modifica esta sua conduta se lhes mostramos, o que aliás todos eles sabem, que a saudação feita com tirar o chapeu significa uma humilhação deante da pessoa saudada, que, por exemplo, um grande da Espanha gozava a prerrogativa de não ter que descobrir cabeça ante o rei e que a sua susceptibilidade nas saudações tem a significação de não se apresentar ele inferior ao que o outro se imagina. A resistencia da sua susceptibilidade contra tal explicação induz-nos a suspeitar de que estamos deante do efeito de um motivo menos bem conhecido pela conciencia e de que a fonte desta resistencia poderia ser encontrada facilmente na relação com o complexo da castração.

HISTORIA DE UMA NEUROSE INFANTIL

(1918)

I

Observações preliminares

O caso clinico que aqui vamos expor, ainda que outra vez apenas de modo fragmentario (1), carateriza-se por uma serie de particularidades que exigem exame previo. Trata-se de um jovem que adoeceu aos 18 anos após uma infecção gonorreica e que ao ser submetido, varios anos depois, ao tratamento psicanalitico, se mostrava totalmente incapaz para a vida. Durante o decenio de sua juventude anterior á doença sua vida fôra sensivelmente normal e o paciente realizara sem grandes embaraços os estudos de ensino secundario. Mas sua infancia havia sido dominada por um grave disturbio neurotico, que começara pouco antes do seu quarto ani-

(1) Esta historia morbida foi escrita pouco depois de terminado o tratamento do caso, no inverno de 1914 a 1915, e sob a impressão, então, ainda recente, das modificações que C. G. Jung e Alf. Adler pretendiam introduzir nos resultados psicanaliticos. Ela refere-se, portanto, ao trabalho publicado no «Anuario de Psicanalise», VI, 1914 e entitulado «Historia do movimento psicanalitico» (conf. Ges. Schriften, vol. IV) e completa com a revisão objetiva do material analitico a polemica essencialmente pessoal alí contida. Destinada originariamente ao volume seguinte do Anuario, mas em vista da demora indefinida que á publicação

versario como histeria de angustia (zoofobia), se transformara em uma neurose obsessiva de conteúdo religioso e com suas ramificações fôra até os 10 anos. Na presente comunicação ocupar-nos-emos apenas desta neurose infantil.

Apesar de havermos sido expressamente autorizado pelo paciente, recusamos publicar a historia completa de sua doença, seu tratamento e sua cura, porque reconhecemos isto tecnicamente irrealizavel e inadmissivel sob o ponto de vista social.

Assim desaparece tambem a possibilidade de mostrar o nexo entre sua doença infantil e a ulterior e definitiva. Desta ultima podemos apenas referir que por sua causa passou o doente longo tempo em sanatorios alemães, nos quais foi classificado como um caso de «psicose maniaco-depressiva». Tal diagnostico certamente seria exato aplicado ao pai do paciente, cuja vida intensamente ativa fôra perturbada por acessos repetidos de grave depressão. Mas no filho não pudemos verificar em varios anos de observação alteração alguma do humor que pela sua intensidade e pelas condições de seu aparecimento pudesse justificar este diagnostico. A nosso

---

do mesmo impoz a grande guerra, tivemos que nos decidir a incluir esta historia na coleção organizada por um outro editor (Coleção de pequenos trabalhos sobre a doutrina das neuroses, 4.ª serie). Muito do que neste trabalho devia ser tratado pela primeira vez, tivemos que expor em nossas «Lições sobre a introdução á psicanalise» realizadas em 1916 a 1917. O texto do primeiro trabalho não sofreu alterações de qualquer importancia e os aditamentos são reconheciveis pela sua inclusão entre colchetes.

ver, este caso, como muitos outros que receberam da psiquiatria clinica diagnosticos diversos e variaveis, deve ser considerado como um estado consequente a uma neurose obsessiva a qual evoluiu espontaneamente e chegou á cura incompleta.

Nossa descrição tratará, portanto, de uma neurose infantil analisada, não durante seu decurso, mas quinze anos depois, circunstancia esta que tem suas vantagens bem como seus inconvenietes. A analise que se efetua na criança neurotica, desde logo parecerá mais digna de confiança, porém não pode ser muito rica em conteúdo. Temos de emprestar á criança demasiados pensamentos e palavras e apesar disto talvez não consigamos que a conciencia penetre até as camadas mais profundas. A analise de uma doença infantil por meio da recordação que dela conserva o individuo adulto e de espirito maduro, está isenta destas restrições; mas devemos ter em conta a desfiguração e as retificações que experimenta o proprio passado ao ser contemplado retrospetivamente. O primeiro caso proporciona talvez resultados mais convincentes, porém o segundo é muito mais instrutivo.

Seja como fôr, devemos afirmar que as analises de neuroses infantís podem possuir um interesse teorico muito alto, pois fornecem á compreensão exata das neuroses dos adultos mais ou menos tanto quanto os sonhos infantís á interpretação dos sonhos dos adultos. Não, porque sejam mais transparentes nem mais pobres em elementos. A dificuldade de penetrar na vida psiquica infantil torna

estas analises tarefa particularmente ardua para o medico. Porém a ausencia de tantas camadas ulteriores permite que o essencial da neurose avulte sem dificuldade.

A oposição aos resultados da psicanalise tomou na fase atual da luta contra esta uma nova forma. Contentavam-se até agora os adversarios com contestar a realidade dos fatos afirmados pela analise, para o que parecia ser a melhor tecnica o evitar exame ulterior. Este procedimento parece ir agora cessando aos poucos e é substituido pelo reconhecimento dos fatos, para interpreta-los de maneira a suprimir as conclusões que deles se deduzem, burlando assim mais uma vez as novidades contra as quais se levanta a resistencia. O estudo das neuroses infantís mostra toda a insuficiencia de semelhantes tentativas de interpretação tendenciosa e a participação dominante de forças instintivas libidinais, tão discutidas na configuração da neurose, e permite reconhecer a ausencia de remotas tendencias culturais, as quais a criança ainda ignora de todo e por isto nada podem significar para esta.

Um outro traço que recomenda á nossa atenção a analise que vamos expor, prende-se á gravidade da doença e á duração do seu tratamento. As analises que conseguem em curto prazo exito favoravel, podem ter valor para o amor proprio do terapeuta e demonstrar a importancia medica da psicanalise; porém para o progresso dos conhecimentos cientificos não encerram em geral importancia. Nada de novo nelas se aprende. Tiveram resultado feliz tão

rapido, porque já se sabia tudo que era necessario fazer para consegui-lo. Sómente as analises que nos oferecem especiais dificuldades e cuja realização exige muito tempo, podem ensinar-nos algo de novo. Unicamente nestes casos conseguimos descer ás camadas mais profundas e primitivas da evolução psiquica e ir buscar alí a solução dos problemas que delineam as configurações ulteriores. Dizemos então que só aquelas analises que penetram tão profundamente merecem em rigor este nome. Naturalmente um unico caso não nos instrue acerca de tudo que desejariamos saber, ou mais exatamente, este poderia ensinar-nos tudo, se estivessemos em condições de tudo apreender e não fossemos forçados pela limitação de nossa propria percepção a nos contentarmos com pouco. O caso morbido que aqui será descrito, não deixou nada a desejar quanto a tais dificuldades frutiferas. Nos primeiros anos do tratamento quasi que não conseguimos modificação alguma. Uma constelação feliz permitiu todavia que todas as condições exteriores tornassem possivel a continuação da tentativa terapeutica. Podemos facilmente imaginar que em circunstancias menos favoraveis o tratamento teria sido suspenso após algum tempo. Quanto á atitude do medico é-nos possivel sómente dizer que em tal caso, se o mesmo quizer apurar e alcançar algo, se deverá manter tão alheio ao tempo como o faz o proprio inconciente. Isto conseguirá finalmente, se puder renunciar á ambição terapeutica acanhada. Poucos outros casos exigem tão grande soma de paciencia, docilidade, perspicacia e confiança neces-

sarias da parte do doente e de seus parentes. Mas o analista poderá dizer a si mesmo que os resultados conseguidos com tão longo trabalho em um caso destes abreviarão o tratamento de um caso ulterior igualmente grave e farão dominar assim progressivamente, depois de se ter submetido a ela uma primeira vez, a indiferença do inconciente quanto ao tempo.

O paciente de que aqui vamos nos ocupar, permaneceu muito tempo entrincheirado de modo inexpugnavel em uma atitude de indiferença docil. Ouvia, entendia e não se interessava por cousa alguma. Sua inteligencia clara estava como que sequestrada pelas forças instintivas que regiam sua conduta na pouca vida externa de que ainda era capaz. Fez-se necessaria longa educação para incita-lo a tomar parte no trabalho e quando, em consequencia deste esforço, apareceram as primeiras libertações, desviou por completo a atenção da tarefa para evitar novas modificações e conservar-se comodamente na situação creada. Seu pavor de uma existencia independente era tão grande que compensava todos os sofrimentos da doença. Havia um unico caminho para vence-lo. Tivemos que esperar que a ligação do doente á nossa pessoa fosse bastante forte para compensa-lo e então puzemos em jogo um fator contra o outro. Deliberamos, não sem nos deixarmos conduzir por bons indicios da oportunidade, que o tratamento devia terminar dentro de um prazo fixado, qualquer que fosse a fase a que tivesse chegado. Estavamos decidido

a observar estrictamente este prazo e o paciente acabou por acreditar na seriedade do nosso proposito. Sob a pressão inexoravel desta estipulação de tempo cederam sua resistencia e fixação á doença e a analise proporcionou então, em periodo relatimente curto, todo o material, que permitiu fazer cessar sua inibição e suprimir seus sintomas. Desta ultima epoca de trabalho analitico, na qual desapareceu temporariamente a resistencia e o doente dava a impressão de uma lucidez que geralmente só se consegue na hipnose, procederam todas as explicação, que nos tornaram possivel a compreensão de sua neurose infantil.

Deste modo o curso do tratamento ilustrou o principio ha muito sustentado pela tecnica analitica de que o comprimento do caminho que a analise tem que percorrer com o paciente, e a copia de materiais a serem dominados neste percurso não significam grande cousa em comparação com a resistencia que se encontra durante o trabalho, e só entra em conta enquanto são necessariamente proporcionais a esta. É um fato semelhante a de um exercito inimigo que, em tempo de guerra, consumisse semanas e mêses para avançar uma distancia que, em epoca de paz, poderia vencer em poucas horas de trem expresso e que fôra percorrida pouco antes em alguns dias pelas mesmas tropas. Uma terceira particularidade da analise que aqui será descrita, dificultou-nos ainda mais a resolução de publicar essa. Seus resultados concordaram inteiramente com nossos conhecimentos anteriores ou se

adaptaram bem a eles. Algumas minucias, porém, pareceram-nos tão extranhas e inverosimeis que tivemos escrupulo de exigir de outros que acreditassem nelas. Solicitamos por isso do paciente que submetesse á mais rigorosa critica suas lembranças e não obstante ele nada achou de inverosimil em suas declarações, nelas se mantendo firme. Podem os leitores estar ao menos convencidos de que exporemos apenas o que se nos deparou como fato independente e não influenciado pela nossa expectativa. Assim nada mais nos restava senão nos recordarmos da sabia afirmação de que entre o ceu e a terra ha muito mais cousas do que a nossa filosofia pode supor. Quem fosse capaz de por de lado ainda mais fundamentalmente suas proprias convicções, outrosim lograria certamente descobrir mais de tais cousas.

II

Vista geral sobre o ambiente e a historia morbida

Não nos é possivel expor a historia do nosso paciente de modo puramente narrativo nem tambem sob forma puramente pragmatica; não podemos nem desenvolver exclusivamente a historia do tratamento, nem tão pouco a da doença; mas somos forçados a combinar ambas entre si. Como é sabido, não achamos ainda meio algum de fazer com que a exposição de uma analise leve ao espirito do leitor a convicção que dela resulta. Um protocolo minucioso do curso das sessões de analise não resolveria tal pro-

blema e além disto a tecnica psicanalitica exclue sua redação deante do paciente. Não se publicam, pois, tais analises para convencer aos que até aqui se mostraram refratarios ás nossas teorias. Espera-se tão sómente trazer novos dados áqueles investigadores que, por experiencias proprias em doentes, já adquiriram convicções.

Começaremos descrevendo o ambiente em que viveu o menino e comunicando a parte de sua historia infantil que nos foi possivel apurar sem grande esforço e que não logrou em varios anos se tornar mais completa e mais clara.

Seus pais haviam-se casado cedo, levaram uma vida matrimonial feliz até que doenças começaram a sombrea-la, pois a progenitora contraiu uma afecção pelvica e o progenitor entrou a sofrer de acessos de depressão, que o obrigaram a se ausentar do lar. Nosso paciente só muito mais tarde poude compreender a natureza da doença paterna, porém já bem cedo teve conhecimento dos achaques de sua mãe, a qual em virtude destes não se podia ocupar regularmente dos filhos. Um dia, certamente antes do seu quarto aniversario, ouviu o paciente as queixas de sua mãe ao medico e as reteve de tal modo em sua mente que muitos anos depois as repetiu literalmente, aplicando-as a seus proprios sofrimentos. Não era filho unico, pois tinha uma irmã com mais dois anos que ele, precocemente inteligente e perversa, que desempenhou importantissimo papel em sua vida.

Achava-se o menino entregue aos cuidados de uma ama, mulher do povo, velha e inculta, que lhe consagrava infatigavel ternura, pois o mesmo constituia para ela o substituto de um filho que morrera cedo. A familia vivia numa quinta durante o inverno e passava o verão em outra. O dia em que seus pais venderam as duas quintas e se mudaram para a cidade, dividiu em dois periodos a infancia do paciente. Parentes proximos, irmãos do pai, irmãos da mãe com seus filhos e os avós maternos passavam longas temporadas com eles em uma das quintas. No verão costumavam os pais viajar durante algumas semanas. Uma lembrança de cobertura mostrou ao paciente como ele ao lado de sua ama contemplava o carro que se afastava conduzindo seus pais e sua irmã e como em seguida voltava tranquilamente para casa. Devia ele ser então muito pequeno (2). No verão seguinte os pais deixaram a irmã em casa e tomaram uma governante inglêsa para os dous filhos. Mais tarde contaram-lhe muitos fatos da sua infancia (3), de alguns dos quais se recordava espontaneamente, mas sem poder localiza-los no tempo ou relaciona-los entre si. Um destes fatos repetidamente evocados por seus parentes por ocasião de sua doença ulterior dá-nos a conhecer o problema, cuja solução nos ocupará. Segundo esse,

(2) Dois anos e meio. Quasi todas as idades puderam-se determinar mais tarde com precisão.

(3) Informes de tal especie devem-se usar em regra como material de credibilidade ilimitada. Seria facil completar sem dificuldade as lacunas da memoria do paciente por indagações junto aos membros mais velhos da familia, porém não podemos

o paciente teria sido a principio uma criança tão meiga, docil, que os seus costumavam dizer que ele devia ser menina e a irmã, menino. Mas ao regressarem os pais de uma das excursões de verão encontraram a criança completamente mudada. Tornara-se descontente, irritavel, raivosa, por qualquer cousa se zangava, se enfurecia e gritava como um selvagem. Tal fato se deu no verão em que as crianças ficaram entregues á governante inglêsa, que se revelou uma pessoa arbitraria, insuportavel e que abusava das bebidas. A progenitora se viu inclinada a atribuir a alteração do carater do pequeno á influencia desta inglêsa, supondo que a forma pela qual a mesma o havia tratado era a causa desta excitação. A avó, que havia passado o verão com as crianças, com maior clarividencia, era de opinião que a irritabilidade do seu neto havia sido provocada pelas desinteligencias entre a inglêsa e a ama. Aquela por varias vezes chamara esta de bruxa, expulsando-a da sala onde se achavam as crianças. Nestas cenas o pequeno tomava muitas vezes o partido da sua querida «Nanja» e mostrava seu odio á governante. Logo depois do regresso dos pais foi a inglêsa despedida, porém apesar disto, nada se alterou no carater insuportavel da criança.

---

deixar de desaconselhar inteiramente tal tecnica. O que os parentes narram á custa de perguntas e solicitações não resiste a todas as criticas que se possam fazer. Via de regra lastimamos ter-nos subordinado a tais informações; pois se destroi com isto a confiança na analise e se coloca sobre esta uma outra instancia. O que pode ser evocado ha de aparecer no decurso ulterior da analise.

O paciente conserva a lembrança desta má epoca. Afirma que o primeiro dos acessos de colera surgiu por não haver recebido dois presentes no dia de Natal, que era tambem o de seu aniversario. Suas exigencias e sua susceptibilidade insuportavel não poupavam tambem a querida Nanja, a quem talvez atormentava mais do que a qualquer outra pessoa. Mas esta fase de alteração do carater está indissoluvelmente entrelaçada com muitas outras manifestações singulares e morbidas, que ele não pode ordenar no tempo. Assim confunde todos os fatos que agora vão ser expostos e que não podiam ter sido simultaneos, resultando além disso contraditorios num e mesmo periodo, o qual o paciente designa «quando estava na primeira quinta». Crê que quando tinha cinco anos sua familia deixou esta quinta. Refere que sofreu então um medo, de que sua irmã se aproveitava para atormenta-lo. Havia em casa um livro de figuras, das quais uma representava um lobo andando sobre duas patas. Quando via esta gravura, começava a gritar loucamente, temendo que o lobo avançasse para ele e o devorasse. A irmã sabia dispor as cousas de modo a o pequeno ser obrigado a ver frequentemente a figura e deleitava-se com o seu pavor. O menino já temia tambem outros animais, grandes e pequenos. Certa vez corria atraz de uma bonita e grande borboleta de azas com listas amarelas e que terminavam em ponta, para apanha-la. Subitamente apoderou-se dele um grande medo do animal e aos gritos cessou a perseguição. Tambem

tinha medo e nojo de besouros e lagartas. Mas lembra-se de que na mesma epoca judiava com besouros e cortava as lagartas em pedaços. Os cavalos inspiravam-lhe tambem certo pavor. Quando via espancarem um cavalo, o menino gritava e por isto teve em certa ocasião de ser retirado de um circo. Outras vezes gostava de ele proprio surrar tais animais. Sua memoria de tais fatos não era bastante precisa para permitir discernir se estas suas modalidades opostas de sua conduta deante dos animais coexistiram ou se substituiram sucessivamente umas as outras e neste caso em que ordem e quando. Tão pouco poude dizer se este periodo de excitação foi substituido por uma fase de doença ou se continuou pela ultima a dentro. Tais informações que se seguem justificam a hipotese de que naqueles anos da infancia sofrera de uma neurose obsessiva muito evidente. Contou, com efeito, que durante muito tempo foi devoto. Antes de dormir tinha que rezar durante largo espaço de tempo e fazer inumeras vezes o sinal da cruz. Muitas noites dava volta no quarto com um banco no qual subia para beijar devotamente todas as efigies de santos que pendiam das paredes. Com este cerimonial piedoso concordava muito mal — ou talvez muito bem — o fato de na mesma epoca ser assaltado por idéas blasfemas, que lhe surgiam na mente como inspiração do demonio. Era obrigado a pensar: Deus — porco ou Deus — esterco. Certa vez em uma viagem a uma estação balnearia alemã via-se atormentado pela obsessão de pensar na Santissima Trindade

quando encontrava na rua três monticulos de bosta de cavalo ou de outro qualquer esterco. Naquele tempo executava um singular cerimonial quando via pessoas que lhe causavam compaixão, mendigos, invalidos e anciões. Era obrigado a expirar ruidosamente para não vir a ficar como eles ou, em outras circunstancias, tomar inspirações profundas. Naturalmente nos inclinamos a admitir que estes sintomas, claramente correspondentes a uma neurose obsessiva, pertenciam a uma epoca e a uma fase de desenvolvimento um pouco posteriores ás manifestações de medo e aos atos de crueldade contra os animais. Os anos ulteriores do paciente caraterizaram-se por uma profunda alteração de suas relações afetivas com seu pai, que, após repetidos acessos de depressão, não podia ocultar os aspetos morbidos de seu carater. Nos primeiros anos da infancia tais relações haviam sido muito carinhosas e o filho guardava disto perfeita lembrança. O pai o queria muito e gostava de brincar com ele, que, por sua parte, se sentia orgulhoso de seu progenitor e dizia que queria chegar a ser um dia um senhor como este. A Nanja lhe havia dito que a irmã era só de sua mãe e ele, só de seu pai, revelação que o encheu de contentamento. No fim da infacia os laços afetivos que o uniam a seu pai desapareceram quasi por completo, pois irritava-se e afligia-se muito por vêr que este preferia claramente a filha. Mais tarde o seu medo em relação ao pai se tornou dominante.

Por volta dos oito anos desapareceram todas estas manifestações que o paciente atribuia áquela fase da sua vida, que começou subitamente com a alteração do carater. Não desapareceram de repente, mas se foram espaçando cada vez mais até cederem por fim sob o influxo dos professores e educadores que substituiram as amas, segundo pensa o doente. Os enigmas que foram entregues a analise para resolver, são, portanto, em largos traços. os seguintes: donde provinha a subita mudança de carater do menino, que significação tinham sua fobia e suas perversidades, como chegou ele áquela religiosidade obsessiva e qual a relação de todos estes fenomenos entre si? Lembraremos de novo que nosso trabalho terapeutico se referiu diretamente a uma neurose ulterior e recente e que só foi possivel obter algum esclarecimento sobre aqueles problemas anteriores quando o curso da analise nos afastou por algum tempo do presente, obrigando-nos a um retrocesso á prehistoria infantil do paciente.

III

A sedução e suas consequencias imediatas

Nossa primeira suspeita dirigiu-se, como era natural, á governante inglêsa, durante cuja presença havia surgido a alteração do carater do menino. O paciente relatou duas lembranças de cobertura, em si incompreensiveis, que diziam respeito a esta mulher. Tais lembranças eram as seguin-

tes. Em uma ocasião em que a governante ia adeante das crianças, se voltou para estas e disse: «Olhem para o meu rabinho!» Outra vez, em um passeio de carro, o vento lhe arrebatou o chapeu, o que causou grande gaudio aos dois irmãos. Ambas as lembranças aludiam ao complexo da castração e permitiam fazer a hipotese de que uma ameaça dirigida pela governante ao menino tivesse contribuido muito para a origem de sua ulterior conduta anormal. Não ha perigo algum em comunicar tais hipoteses aos analisados, pois estas, mesmo que sejam erradas, em nada prejudicam a analise e claro está que sómente as transmitimos quando oferecem alguma probabilidade de nos aproximar da realidade. Com efeito imediato da comunicação desta hipotese mostraram-se sonhos cuja interpretação completa não conseguimos, porém que pareciam girar todos em torno do mesmo conteúdo. Tratava-se neles, tanto quanto possivel compreende-los, de atos agressivos do mesmo contra a irmã ou contra a governante e de energicas represensões e castigos por tal motivo recebidos: tinha ele... após o banho querido despir a irmã... romper suas vestes... ou veu... ou cousa semelhante. Não foi possivel desentranhar com segurança o conteúdo destes sonhos, mas a impressão de que neles era elaborado sempre o mesmo material em formas diversas, nos revelou a verdadeira condição das supostas reminiscencias neles encerradas. Não se podia tratar senão de fantasias do individuo, provavelmente de sua puberdade, sobre sua

infancia, que agora haviam ressurgido sob forma tão dificilmente reconhecivel. Sua compreensão resultou de maneira pronta quando o paciente se recordou subitamente de «que quando era ainda muito pequeno e estava na primeira quinta», a irmã o havia induzido a praticas sexuais. Surgiu primeiro a lembrança de que, uma vez, na latrina, da qual as crianças juntamente costumavam se servir, a irmã propoz que se mostrassem reciprocamente os trazeiros, exibindo esta logo em seguida o seu. Mais tarde ocorreu a cena essencial da sedução com todos os seus pormenores de tempo e local. Era na primavera e durante uma ausencia do pai; brincavam as crianças no chão de uma sala, enquanto a progenitora trabalhava na outra. A irmã pegou-lhe o penis, com o qual brincou, e a titulo de explicação disse cousas incompreensiveis acerca da Nanja, afirmando que esta fazia o mesmo com toda gente, p. ex., com o jardineiro, que ela dominava inteiramente, e agarrava em seguida pelos orgãos genitais.

Tais fatos facilitam-nos a compreensão das fantasias antes deduzidas. Estas eram destinadas a extinguir a lembrança de um fato que mais tarde pareceu desagradavel a seu amor proprio masculino e alcançaram tal fim, substituindo a verdade historica por um desejo contrario. Segundo estas fantasias não desempenhara ele o papel passivo em relação á irmã, mas, em vez disto, se mostrara agressivo, querendo ver a irmã núa, e fôra repelido e castigado, o que provocou nele aqueles acessos de colera dos quais tanto falava a tradição familiar.

Convinha tambem envolver nestas ficções a governante a quem em parte havia sido atribuida pela mãe e pela avó a culpa principal de seus acessos de colera. Tais fantasias correspondiam, portanto, exatamente áquela lenda, segundo a qual uma nação, ulteriormente grande e orgulhosa, procura encobrir a pequenez e a adversidade dos seus primordios.

Em realidade, a governante não podia ter tido na sedução e em suas consequencias senão uma participação muito remota. As cenas com a irmã ocorreram na primavera do mesmo ano em cujos mêses de verão a inglêsa fôra substituir os pais ausentes. A hostilidade do menino contra esta originou-se de um outro modo. Insultando a ama e chamando-a de bruxa, a governante havia sido equiparada no espirito do menino a sua propria irmã, que fôra a primeira a contar cousas monstruosas e incriveis a respeito da Nanja. Tal equiparação permitiu-lhe exteriorizar contra a inglêsa a hostilidade, que como veremos depois, se desenvolvera nele contra sua irmã em consequencia da sedução. Esta ultima certamente não era uma fantasia. A credibilidade desse fato aumentou graças a uma comunicação de anos ulteriores e que nunca foi esquecida. Um primo, com mais 10 anos de idade do que ele, disse-lhe numa conversa sobre a irmã que se lembrava muito bem da grande curiosidade sexual que tinha esta. Como criança de 4 ou 5 anos a mesma assentara-se no colo dele, abrira-lhe as calças para pegar-lhe o penis.

Interrompemos agora a historia infantil do nosso paciente para falarmos desta irmã, de sua evolução,

do seu destino ulterior e da influencia que exerceu sobre ele. Contava ela dois anos mais do que ele e o precedeu sempre no curso do desenvolvimento intelectual. Depois de uma infancia indomita e acentuadamente masculina, sua inteligencia realizou rapidos e brilhantes progressos, distinguindo-se por sua penetração e sua visão precisa da realidade. Durante os estudos mostrou predileção pelas ciencias naturais, mas compunha outrosim poesias, que o pai julgava excelentes. Muito superior em inteligencia a seus numerosos primeiros pretendentes, costumava troçar deles. Aos 20 anos, porém, começou a tornar-se deprimida, queixando-se de que não era bastante bonita e acabou fugindo a todo convivio social. De volta de uma viagem em companhia de uma senhora idosa e amiga da familia, contou fatos absolutamente inverosimeis, tais como o de haver sido maltratada pela sua companheira, mas, apesar disto, continuou apegada á mesma. Pouco depois, em uma segunda viagem, se envenenou e morreu longe de casa. Provavelmente sua afecção correspondeu ao inicio de uma demencia precoce. Vemos na irmã um dos testemunhos da importante herança neuropatica da familia, o qual não é certamente o unico. Um tio paterno faleceu após muitos anos de uma vida extravagante e com sinais que permitem concluir que sofria de uma grave neurose obsessiva. Um bom numero de seus colaterais mostraram e mostram disturbios nervosos menos graves.

Abstraindo-se agora da sedução, foi a irmã durante toda sua infancia uma concurrente incomoda para o paciente junto aos pais, cuja preferencia pela filha sentia este penosamente. Invejava sobretudo o respeito que o pai mostrava deante das capacidades de espirito e atividades intelectuais dela ao passo que ele, inibido intelectualmente por sua neurose obsessiva, tinha de se contentar com uma pequena estima. A partir de seus 14 anos começaram a melhorar as relações entre os dois irmãos, pois sua disposição espiritual analoga e oposição comum aos pais acabaram por estabelecer entre ambos uma afetuosa camaradagem. No tempestuoso eretismo sexual de sua puberdade tentou aproximar-se fisicamente da irmã e, quando esta o repeliu decisiva e habilmente, voltou-se o menino imediatamente para uma pequena camponeza empregada em sua casa e que tinha o mesmo nome que a irmã. Com isto realizou ele um passo decisivo para sua escolha de objeto hetero-sexual, pois todas as raparigas pelas quais mais tarde se apaixonava, frequentemente com claros indicios de obsessão, eram igualmente serviçais, cuja educação e inteligencia estavam necessariamente muito abaixo das suas. Se todos estes objetos de amor eram substitutos da irmã que o havia repelido, devemos reconhecer como fator decisivo da sua escolha de objeto uma tendencia a rebaixar a irmã e a suprimir aquela superioridade intelectual da mesma que tanto o havia atormentado num periodo da sua vida. A motivos desta especie oriundos da vontade de poderio do instinto de afirmação do

individuo subordinou tambem Alf. Adler como tudo mais, a conduta sexual dos seres humanos. Sem negarmos a importancia de tais motivos de poderio e privilegio, não estamos convencidos que possam estes desempenhar o papel dominante e exclusivo que lhes é atribuido. Mas, se não tivessemos levado a analise do nosso paciente até o fim, a observação deste caso obrigar-nos-ia a retificar nosso preconceito no sentido propugnado por Adler. A conclusão desta analise trouxe de modo inesperado novo material do qual resultou outra vez que estes motivos de poderio (em nosso caso a tendencia para rebaixamento) só haviam determinado a escolha do objeto no sentido de uma contribuição e de uma racionalização ao passo que a determinação autentica e mais profunda nos permitiu conservar nossas anteriores convicções.

Contou o paciente que ao receber a noticia da morte da irmã quasi não sentiu pezar algum, forcejou por exteriorizar dor e poude com toda a frieza regozijar-se em seu intimo por ser agora o unico herdeiro da fortuna. Quando isto aconteceu achava-se o paciente já ha varios anos na sua ultima doença. Confessamos, porém, que este informe nos deixou por algum tempo inseguro quanto ao diagnostico do caso. Era de supor desde logo que o pesar produzido pela morte da pessoa mais querida de sua familia sofresse uma inibição de sua exteriorização pelo efeito continuado do ciume que a mesma lhe inspirava e pela intervenção de seu amor incestuoso, reprimido e inconciente. Porém não podiamos deixar de admitir um substitutivo da explosão da dor

inibida. Um tal substitutivo encontrou-se finalmente em uma outra manifestação afetiva, que ficou incompreensivel para o proprio paciente. Alguns mêses após a morte da irmã fez uma viagem á cidade onde ela falecera, procurou alí a sepultura de um grande poeta que era então o seu ideal e sobre o tumulo deste derramou sentidas lagrimas. Extranhou esta reação, pois sabia que a morte desse poeta por ele venerado havia ocorrido ha mais de um seculo. Sómente compreendeu esta reação quando se lembrou que o pai costumava comparar as poesias da irmã com as daquele. Uma prova da exatidão com que interpretamos esta homenagem aparentemente dedicada ao poeta nos foi fornecida pelo paciente atravez de um erro em sua narrativa. Com efeito havia dito varias vezes que a irmã se tinha suicidado com um tiro e teve depois que retificar, declarando que se envenenara. O poeta havia sido morto em um duelo a pistola.

Voltamos agora á historia do irmão, a qual a partir daqui exporemos em forma mais pragmatica. Pudemos apurar com precisão a idade do menino na epoca em que a irmã começou seus atos de sedução: era de três anos e três mêses. As cenas descritas desenrolaram-se, como já dissemos, na primavera do mesmo ano em que os pais ao regressarem de sua viagem no outono encontraram o menino tão profundamente modificado. Podemos, pois, talvez relacionar esta transformação com o despertar, entrementes ocorrido, de sua atividade sexual.

Como reagiu o menino ás seduções da irmã? Com uma repulsa, porém esta se referia tão sómente á pessoa e não á cousa. A irmã não lhe agradava como objeto sexual, provavelmente porque sua atitude em relação a ela já estava determinada em um sentido hostil pela competição desta no amor dos pais. Evitou, pois, a irmã e as solicitações da parte da mesma tiveram em breve um fim. Porém procurou substituir a pessoa de sua irmã por uma outra mais querida e as revelações daquela que havia tentado justificar seu procedimento com o suposto exemplo da Nanja orientaram sua escolha para esta ultima. Em consequencia começou a brincar com o penis deante da ama. Tal conduta devemos considerar uma tentativa de sedução na maior parte daqueles casos em que os meninos não ocultam o onanismo. A Nanja desiludiu-o, mostrou-lhe uma fisionomia seria, explicando-lhe que isto não estava direito e que crianças que faziam tal cousa contraíam uma «ferida» nesse local.

Os efeitos desta revelação, que equivalia a uma ameaça de castração, atuaram em muitas direções, nas quais havemos de seguir seus vestigios. Sofreu com isto um golpe rude. Poderia ter ficado com raiva dela; mais tarde quando se iniciaram seus acessos de colera viu-se que realmente lhe guardava rancor. Contudo um dos traços de sua conduta consistia em que antes de abandonar uma localização de sua libido, impossivel de ser mantida por mais tempo, a defendia sempre tenazmente; assim quando apa-

receu em cena a governante e insultou a Nanja, expulsando-a do quarto e querendo anular sua autoridade, o menino exagerou seu carinho para com a insultada e se mostrou em relação á inglêsa refratario e teimoso. Apesar disto começou a procurar ás ocultas um outro objeto sexual. A sedução deu-lhe o alvo sexual passivo, a saber, de ser tocado nos orgãos genitais; mais adeante veremos de quem quiz ele conseguir isto e que caminhos o conduziram para tal escolha.

Como era de esperar, com as primeiras excitações genitais se iniciou sua investigação sexual e ele não tardou em chegar ao problema da castração. Por esta epoca poude observar duas meninas, sua irmã e uma amiguinha desta, quando urinavam. Deante deste espetaculo sua argucia poderia ter permitido já compreender como as cousas se passavam, todavia portou-se da mesma forma que conhecemos pela analise de outros meninos. Repeliu a idéa de que tal percepção confirmava as palavras da Nanja relativas á «ferida» e deu a si proprio a explicação de que aquilo era o «trazeiro anterior» das meninas. Tal explicação não afastou o tema da castração; de tudo que ouvia tirava novas alusões a esta. Certa ocasião ao serem distribuidos ás crianças bastõezinhos de caramelos coloridos, explicou a governante, dada a fantasias terrorificas, que estes eram pedaços de cobras. Este fato fe-lo recordar de que o pai num passeio encontrara uma cobra e a reduzira a pedaços com sua bengala. Ouviu a leitura da

historia do lobo que queria pegar peixes no inverno, utilizando-se da cauda como isca, e essa acabou por congelar-se e desprender-se. Aprendeu as diferentes denominações que se dão aos cavalos, conforme estes ainda conservam ou já perderam a integridade genital. Achava-se, pois, preocupado com o tema da castração, mas ainda não acreditava nesta e não a temia. Os contos que aprendeu nesta epoca despertaram-lhe outros problemas sexuais. Nos contos do «Chapeuzinho Vermelho» e do «O lobo e as sete cabrinhas» foram as crianças extraídas do ventre do lobo. Era, pois, este animal um ser do sexo feminino ou os homens podiam tambem ter crianças no ventre? Nesta epoca ainda estava indeciso a respeito disto. Demais, ao tempo desta investigação o lobo ainda não lhe inspirava medo.

Uma das informações do paciente permitir-nos-á compreender a alteração de seu carater surgida durante a ausencia de seus pais e remotamente relacionada com a sedução. Narra que muito tempo depois da recusa e ameaça da Nanja abandonou o onanismo. *A vida sexual iniciada sob a direção da zona genital havia, pois, sucumbido a uma inibição exterior, cuja influencia foi rejeitada para uma fase anterior correspondente á organização pregenital.* Em consequencia de tal repressão do onanismo a vida sexual do menino tomou um carater sadico-anal e ele se tornou irritavel, insuportavel e cruel, satisfazendo-se deste modo em animais e pessoas.

Seu objeto principal era a querida Nanja, a quem sabia causar tormentos até faze-la chorar, vingan-

do-se assim da recusa sofrida e satisfazendo ao mesmo tempo sua concupiscencia na forma correspondente á da fase regressiva. Começou a praticar crueldades com pequenos animais, apanhando moscas para lhes arrancar as azas, esmagando besouros com os pés, e comprazia-se com a idéa de maltratar tambem animais grandes, como cavalos. Eram estas, portanto, sempre praticas sadicas ativas. Posteriormente falaremos dos impulsos anais dessa epoca.

Facilitou grandemente a analise o fato de haverem surgido simultaneamente na lembrança do paciente fantasias correspondentes á mesma epoca, porém, de genero totalmente diferente, nas quais se tratava de meninos que eram objeto de maus tratos que consistiam sobretudo em pancadas no penis. Outras fantasias nas quais se representava como o herdeiro do trono era encerrado em um calabouço e espancado, mostravam facilmente a quem estes objetos anonimos serviam de bodes expiatorios. O herdeiro do trono era evidentemente o paciente mesmo. Resultava, pois, que o sadismo primario se havia voltado na fantasia contra a propria pessoa do doente, transformando-se em masoquismo. O pormenor dos golpes recaírem de preferencia sobre o membro viril permite-nos concluir que nesta transformação intervinha já uma conciencia de culpabilidade relacionada com o onanismo.

A analise não deixou logar algum a duvidas a respeito de que tais tendencias passivas haviam aparecido ao mesmo tempo que as ativas sadicas ou logo

depois delas (4). Isto corresponde á ambivalencia do paciente extraordinariamente clara, intensa e persistente, a qual se manifestou aqui pela primeira vez no desenvolvimento igual dos pares de instintos parciais opostos. Tal circunstancia continuou sendo daí em deante tão carateristica para o individuo como a anteriormente mencionada, a saber, a de nenhuma das posições da sua libido ter desaparecido por completo quando surgiram outras diferentes, porém subsistir junto destas, permitindo-lhe uma oscilação incessante que se mostrou inconciliavel com a aquisição de um carater fixo.

As tendencias masoquistas do menino levam-nos a outro ponto, cuja menção omitimos até agora, porque este só póde ser firmado pela analise da fase imediatamente ulterior do desenvolvimento do individuo. Dissemos que depois de ter sido repelido pela Nanja o pequeno desviou dela suas esperanças libidinais e escolheu outra pessoa para objeto sexual. Esta pessoa foi o pai, naquela ocasião ausente. Foi levado a esta escolha certamente por uma coincidencia de fatores, alguns destes casuais, como a lembrança do despedaçamento da cobra; antes de tudo, porém, renovou com isto sua primeira e mais primitiva escolha de objeto, a qual, correspondendo ao narcisismo da criança, se efetuou por meio da identificação.

---

(4) Sob a expressão de tendencias passivas compreendemos as que têm um fim sexual passivo, porém não nos referimos com isto a uma transformação do instinto, mas apenas a uma transformação dos fins.

Já ouvimos que o pai fôra seu ideal e que o menino, interrogado sobre o que queria ser, costumava responder: «Um senhor como meu pai». Este objeto de identificação de sua tendencia ativa passou a ser na fase sadico-anal o objeto sexual de uma tendencia passiva. Tem-se a impressão de que a sedução por parte da irmã lhe tivesse imposto um papel igualmente passivo e dado um fim sexual passivo. Sob a influencia continuada deste sucesso de sua infancia percorreu o caminho desde a irmã, passando pela Nanja até o pai, ou seja, da atitude passiva em relação á mulher até a atitude passiva em relação ao homem, nisto achando uma ligação com sua fase evolutiva espontanea anterior. O pai constituia agora de novo seu objeto, a identificação foi substituida, como correspondia a uma fase superior da evolução, pela escolha de objeto e a transformação da atitude ativa em passiva foi o resultado e o sinal da sedução ocorrida no intervalo. Naturalmente não teria sido tão facil chegar na fase sadica a uma atitude ativa em relação ao pai prepotente. Quando este regressou no fim do verão ou começo do outono os acessos de colera do menino tiveram um outro intuito. Contra a Nanja serviam para fins sadicos ativos, contra o pai visavam propositos masoquistas. Exteriorizando sua maldade queria do pai castigos e pancadas e destarte conseguir dele a desejada satisfação sexual masoquista. Seus acessos de gritos não eram, portanto, senão tentativas de sedução. Em correspondencia com o motivo do masoquismo teria encontrado ele em

tais castigos a satisfação de seu sentimento de culpa. Lembra-se de que durante um dos tais acessos de colera redobrou seus gritos ao ver aproximar-se o pai. Este, porém, não o espancou e procurou socega-lo, deante dele jogando bola com as almofadas da cama.

Não sabemos quantas vezes seus pais e educadores teriam tido ensejo de recordar-se desta relação tipica deante da má conduta inexplicavel do menino. Este que se portava de maneira tão indomavel, fazia uma confissão e queria provocar castigo. Procurava neste castigo ao mesmo tempo acalmar seu sentimento de culpa e satisfazer sua tendencia sexual masoquista.

O esclarecimento ulterior de nosso caso clinico devemos á lembrança, que surgiu com grande precisão, de se terem todos os sintomas de angustia ajuntado ás manifestações de alteração de carater sómente depois de um certo acontecimento. Antes deste nunca sentira medo e só após ele começou o medo a tortura-lo. O momento desta transformação poude-se fixar com segurança; foi justamente antes do quarto aniversario. A epoca infantil, da qual nos vamos ocupar, divide-se graças a este ponto de referencia em duas fases: uma primeira, periodo de maldade e perversidade, desde a sedução aos 3 anos e 3 mêses até seu quarto aniversario e uma segunda, mais longa, na qual predominam os sintomas da neurose. O acontecimento que permite esta divisão não foi um trauma exterior, mas sim um sonho do qual despertou tomado de medo.

IV

O sonho e a cena primitiva

Já publicamos em outro logar([5]) este sonho por ser seu conteúdo materias de fabulas e repetiremos o que ali foi narrado: « *Sonhei que era noite e que estava deitado em minha cama.* [Minha cama tinha os pés voltados para a janela, deante da qual havia uma fila de velhas nogueiras; sei que quando tive este sonho era uma noite de inverno]. *Subitamente a janela se abriu por si mesma e com grande espanto vi sobre a grande nogueira deante da janela alguns lobos brancos. Os lobos eram inteiramente brancos e pareciam antes raposas ou cães de pastor, pois tinham caudas grandes como as raposas e as orelhas em pé como os cães quando prestam atenção a alguma coisa. Tomado de grande medo, sem duvida de ser devorado pelos lobos, comecei a gritar e despertei* A ama correu para minha cama afim de ver o que havia acontecido comigo. Foi necessario algum tempo para que me convencesse de que tinha sido apenas um sonho, tão claro e precisamente vira abrir-se a janela e os lobos assentados sobre a arvore. Por fim me tranquilizei, sentindo-me como que livre de um perigo e tornei a adormecer.

O unico movimento no sonho foi o abrir-se a janela, pois os lobos permaneciam assentados

---

([5]) Märchenstoffe in Träumen. Int. Zeitschr. für Psychoanalyse, vol. I. 1913 (Ges. Schriften, vol. III).

e quietos sobre os ramos da arvore, á esquerda e á direita do tronco, e olhavam para mim. Parecia que tinham toda sua atenção voltada para mim. — Creio que este foi meu primeiro sonho de angustia. Contava eu então 3 ou 4 anos, no maximo 5. Desde esta noite até meus 11 ou 12 anos tive sempre medo de ver em sonho algo de pavoroso».

O paciente deu-nos ainda um desenho da arvore com os lobos, o qual confirma sua descrição. A analise do sonho forneceu o seguinte material.

O menino relacionou sempre este sonho com a lembrança de que naqueles anos de sua infancia lhe inspirava enorme medo uma estampa de um livro de fabulas na qual se via um lobo. A irmã, maior do que ele e de inteligencia mais desenvolvida, comprazia-se em faze-lo encontrar a cada passo aquela figura, deante da qual começava a chorar e gritar preso de intenso medo. A estampa apresentava um lobo andando sobre duas patas com as garras estendidas e as orelhas em pé. Pensa que esta gravura era uma ilustração da fabula do «Chapeuzinho Vermelho».

Porque os lobos eram brancos? Isto fe-lo pensar em ovelhas de que havia grandes rebanhos nas cercanias da quinta. O pai levava-o ás vezes para ver estes rebanhos, favor este que o menino agradecia alegre e orgulhoso. Mais tarde — segundo as informações, isto pode ter ocorrido pouco antes do sonho — irrompeu uma peste entre as ovelhas. O pai man-

dou chamar um discipulo de Pasteur, que vacinou os animais, mas estes apesar disto morreram em maior numero do que antes da vacinação.

Como aparecem os lobos sobre a arvore? Com esta idéa associa o paciente uma historia que ouviu o avô contar. Não se pode lembrar se foi antes ou depois do sonho, porém o conteúdo desta fala claramente em favor de ter sido antes. A historia é a seguinte. Um alfaiate estava trabalhando em sua sala quando de repente se abriu a janela e um lobo entrou por esta. O alfaiate espancou-o com o metro — não, corrigiu o paciente — pegou-o pelo rabo, arrancando-lhe este, e o lobo fugiu espantado. Havendo pouco depois o alfaiate ido passear no bosque, viu subitamente aproximar-se dele um bando de lobos e teve que subir numa arvore para livrar-se destes. Os lobos ficaram a principio sem saber o que fazer, mas aquele ao qual o alfaiate arrancara a cauda, desejoso de uma vingança, propoz aos demais que se dispuzessem uns sobre os outros até que o ultimo alcançasse o alfaiate, oferecendo-se ele mesmo para servir de base e apoio a seus companheiros. Estes aceitaram a proposta, porém o alfaiate, que reconhecera o seu visitante mutilado, exclamou subitamente: «Pega o velho pelo rabo!» O lobo sem cauda assustou-se com a lembrança da sua infeliz aventura e fugiu, caíndo os demais por terra.

Nesta narração encontra-se a arvore sobre a qual no sonho os lobos estão assentados. Contém ela, todavia, tambem uma alusão inequivoca ao com-

plexo da castração. O alfaiate arrancou o rabo do velho lobo. As caudas de raposa nos lobos do sonho são certamente compensações desta mutilação.

Porque são 6 ou 7 lobos? O paciente pareceu não poder responder a esta pergunta até que lançamos a duvida se a estampa que lhe provocava medo podia ou não corresponder ao conto do «Chapeuzinho Vermelho». Este conto dá ocasião apenas a duas ilustrações, correspondentes respetivamente ao encontro do Chapeuzinho vermelho com o lobo na floresta e a cena na qual este com a touca da avó está deitado na cama. Por traz da lembrança desta figura devia, pois, ocultar-se um outro conto. Viu logo o menino que este só podia ser o do «O lobo e as sete cabrinhas». Nesta narrativa encontra-se o numero 7, mas tambem o 6, pois o lobo devora apenas 6 cabrinhas, escondendo-se a setima no armario do relogio. Tambem a côr branca aparece neste conto, pois o lobo, depois que por ocasião da primeira visita foi reconhecido pelas cabrinhas por sua pata cinzenta, mandou branquear esta por um padeiro. Os dois contos têm além disto muita cousa de comum. Em ambos vemos o devorar, o ser aberto o ventre, a retirada das pessoas devoradas, a substituição destas por pedras pesadas e por fim a morte do lobo perverso. Na historia das cabrinhas aparece tambem a arvore. O lobo após o repasto deita-se debaixo de uma arvore e ronca.

Por causa de uma circunstancia especial teremos em outro logar de ocupar-nos deste sonho e então o

interpretaremos e apreciaremos mais minuciosamente. Trata-se de um primeiro sonho de angustia ocorrido na infancia do qual ha lembrança e cujo conteúdo relacionado com outros sonhos que se seguiram pouco depois e com certos acontecimentos da meninice do paciente, desperta um interesse todo especial. Por ora limitar-nos-emos á relação do sonho com dois contos que apresentam muita cousa de comum, a saber, o do «Chapeuzinho Vermelho» e o do «O lobo e as sete cabrinhas». A impressão que estes contos causaram na criança manifestou-se numa verdadeira zoofobia, a qual sómente se diferençava de outros casos semelhantes pelo fato de que o animal temido não era um objeto facilmente acessivel á percepção (como cavalo e cão), mas apenas conhecido de narração e de gravura.

Mostraremos em outro logar qual a explicação destas zoofobias e qual sua significação. Por enquanto sómente anteciparemos que tal explicação concorda muito bem com o carater principal da neurose de nosso paciente nas epocas posteriores de sua vida. O medo que o pai lhe inspirava fôra o motivo mais forte de sua doença e a atitude ambivalente em relação a todo substituto do pai dominou sua vida bem como sua conduta durante o tratamento. Se para o nosso paciente o lobo era apenas o primeiro substituto do pai, perguntar-nos-emos se a fabula do lobo que devora as cabrinhas e a do «Chapeuzinho Vermelho» possuem como conteúdo oculto alguma cousa outra que

não o medo infantil que o pai lhe despertava ([6]). O pai do nosso paciente tinha a particularidade de «ralhar com ternura», o que muitas pessoas revelam no trato com crianças, e certamente quando brincava com seu filho, ainda muito pequeno e lhe fazia carinhos teria dito mais de uma vez em tom de gracejo: «Vou devorar-te». Uma de nossas pacientes contou-nos que seus dois filhos nunca puderam tomar amizade ao avô, porque este quando brincava com eles costumava lhes meter medo, dizendo que lhes abriria a barriga.

Deixando agora de lado tudo que pode antecipar nosso aproveitamento deste sonho no trabalho analitico, voltemos a sua interpretação direta. Fazemos notar que esta foi um problema cuja solução demorou varios anos. O paciente tinha narrado o sonho nos primeiros tempos do tratamento e não tardou em compartilhar a nossa convicção de que precisamente por traz daquele se ocultava a causa de sua neurose infantil. No decurso do tratamento retornamos muitas vezes ao sonho, mas sómente nos ultimos mêses da cura nos foi possivel compreende-lo completamente e isto se deu graças ao trabalho espontaneo do paciente. Este insistira sempre em que duas circunstancias do sonho lhe tinham feito a maior impressão: em primeiro logar o completo socego e imobilidade dos lobos e em se-

---

([6]) Conf. com a analogia assinalada por O. Rank entre estas duas fabulas e o mito de Cronos. (Völkerpsychologische Parallelen zu den infantilen Sexualtheorien. Zentralblatt f. Psychoanalyse, II, 8.)

gundo, a atenção fixa com que todos estes olhavam para ele. Tambem lhe pareceu digno de atenção a sensação de realidade que se seguiu ao sonho.

A esta sensação queremos ligar nosso trabalho de interpretação. De nossa experiencia da interpretação dos sonhos sabemos que tal sensação de realidade encerra uma determinada significação. Revela-nos a mesma que no material latente do sonho ha alguma cousa que aspira ser lembrada como real, isto é, que o sonho se refere a um fato que realmente ocorreu e não foi apenas fantasiado. Naturalmente, só se pode tratar da realidade de algo desconhecido; a convicção, por exemplo, de que o avô efetivamente contara a historia do alfaiate e do lobo ou de ter ouvido ler os contos do «Chapeuzinho Vermelho» e o do «O lobo e as sete cabrinhas», nunca podia ser substituida pela sensação de realidade, que perdurou após o sonho. Este parecia aludir a um acontecimento cuja realidade era acentuada em contraposição á irrealidade dos contos. Se por traz do conteúdo do sonho tivessemos que supor a existencia de uma tal cena desconhecida, isto é, esquecida no momento do sonho, esta deveria ter ocorrido muito antes. O menino nos disse que na epoca de seu sonho contava 3 ou 4 anos, no maximo 5. Poderiamos ajuntar que o sonho lhe recordou alguma cousa que deveria pertencer a uma epoca bem anterior.

O que o paciente salientava no conteúdo manifesto do sonho, a saber, as circunstancias do olhar atento dos lobos e a imobilidade destes, devia nos

conduzir ao desenvolvimento do conteúdo da cena, Esperamos naturalmente que este material reproduza com uma deformação qualquer o material desconhecido da cena procurada, deformação que talvez possa consistir em uma transformação no contrario.

Da materia prima que a primeira analise do paciente nos havia fornecido, podiam-se deduzir varias conclusões possiveis. Por traz da menção da peste das ovelhas se deviam procurar as provas de sua investigação sexual, cujas interrogações poude o paciente satisfazer nas visitas com seu pai aos rebanhos, mas tambem indicios de medo da morte, pois que a maior parte das ovelhas tinham perecido da peste. O elemento mais acentuado do sonho, a situação dos lobos sobre a arvore, conduzia diretamente á narrativa do avô, na qual só sua relação com o tema da castração podia ter sido o que causou impressão e provocou o sonho.

Da primeira analise incompleta do sonho deduziramos ainda que o lobo era um substituto do pai de modo que este primeiro sonho de angustia tinha exteriorizado aquele medo do progenitor, sentimento este que daí em deante devia dominar toda a vida de nosso doente. Tal conclusão, todavia, ainda não era obrigatoria. Se, porém, reunirmos como resultado da analise provisoria tudo o que se deduz do material fornecido pelo paciente, dispomos já do seguinte fragmento para a reconstrução:

Um acontecimento real — ocorrido muito cedo — olhar — imobilidade — problemas sexuais — castração — o pai — algo terrivel.

Certo dia iniciou o individuo o prosseguimento da interpretação do sonho. Opinava que o trecho deste no qual a janela se abriu por si, não estava totalmente explicado por sua relação com a janela junto a qual trabalhava o alfaiate do conto e por onde entrara o lobo. A seu ver devia ter outra significação — a de que ele abriu subitamente os olhos. Queria, pois dizer que estando dormindo, despertara de repente e vira alguma cousa — a arvore com os lobos. Contra tal interpretação nada havia que objetar e esta podia servir de base a novas deduções. Havia despertado e visto alguma cousa. O olhar atento que no sonho é atribuido aos lobos, antes devia-se atribuir ao proprio paciente. Resultava, portanto, que em um ponto decisivo se havia realizado uma inversão, a qual, além disto, aparecia já anunciada por uma outra integrada no conteúdo manifesto do sonho, que mostrava os lobos sobre a arvore, ao passo que na narrativa do avô se achavam eles em baixo e não podiam subir na mesma.

E se tambem a outra circunstancia do sonho que foi salientada, tivesse sido deformada por uma inversão? Neste caso em vez da imobilidade (os lobos estavam quietos, olhando fixamente para ele, mas não se mexiam) seria movimento muito intenso. Assim, pois, o individuo despertara subitamente e vira deante de si uma cena muito movimentada que contemplou com viva atenção. No primeiro caso consistira a deformação em uma troca de sujeito e

objeto, atividade e passividade, ser contemplado em vez de contemplar, e no segundo uma transformação no oposto — imobilidade em vez de movimento.

Uma idéa que lhe surgiu subitamente nos permitiu um novo avanço na compreensão do sonho: a arvore era a de Natal. Lembrava-se o individuo agora que o sonho ocorrera pouco antes dessa festa e quando seu espirito se achava em estado de expectação dos presentes que então ia receber. Como o dia de Natal era tambem o de seu natalicio pudemos fixar com segurança a epoca do sonho e da transformação, da qual este foi o ponto de partida. Foi pouco antes de seu quarto aniversario. O pequeno adormecera sob a viva expectativa do dia que lhe devia trazer presentes duplos. Sabemos que a criança em tais condições facilmente antecipa nos sonhos a realização de seus desejos. Assim, pois, no sonho do nosso paciente já era noite de Natal e o conteúdo desse mostrou-lhe sua desventura: da arvore pendiam os presentes destinados a ele, porém estes se haviam convertido em lobos e o sonho terminou, sentindo o menino medo de ser devorado pelo lobo (provavelmente pelo pai) e refugiando-se junto da ama. O conhecimento de sua evolução sexual anterior ao sonho nos torna possivel compreender a lacuna existente neste e explicar a transformação da satisfação em medo. Entre os desejos determinantes do sonho deve ter-se feito sentir como o mais forte o da satisfação sexual que ele então anciava obter de seu pai. A intensi-

dade deste desejo conseguiu reavivar o traço mnemico, já ha muito tempo esquecido, de uma cena na qual o menino presenciara como seu pai dava a alguem satisfação sexual e o resultado desta evocação foi o aparecimento do medo: terror deante da realização de seu desejo, recalcamento do impulso representado pelo mesmo e consequente fuga de junto do pai para perto da ama, que não oferecia perigo. A significação dessa epoca de Natal tinha ficado conservada na pretendida lembrança de haver sofrido o primeiro acesso de colera por causa de não lhe haverem satisfeito os presentes então recebidos. Esta lembrança encerrava elementos exatos e inexatos e não podia ser aceita como verdadeira sem modificação, pois segundo as repetidas declarações de seus parentes sua alteração de carater se havia feito notar já no começo do outono e não no Natal. Mas o elemento essencial das relações entre a insatisfação erotica, a colera e a epoca do Natal havia sido conservado na lembrança.

Que quadro porém podia ter conjurado o desejo sexual de atuação noturna, quadro este que foi capaz de afastar o individuo tão intensamente da realização desejada? Esse devia realizar segundo o material da analise uma condição, tinha de ser apropriado para fundamentar a convicção da existencia da castração. O medo desta tornou-se então o movel da transformação dos afetos.

Chegou o momento em que temos de abandonar o curso da analise e tememos que seja tambem

aquele em que a confiança do leitor nos abandone por completo.

O que do caos dos traços de impressões inconcientes sofreu ativação naquela noite foi o quadro de um coito entre os pais do paciente, realizado em circunstancias não muito habituais e especialmente favoraveis á observação. Aos poucos conseguiram-se respostas satisfatorias para todas as perguntas que se podiam prender a esta cena. A repetição daquele primeiro sonho durante o curso do tratamento em inumeras variantes e novas edições, que foram sucessivamente sendo explicadas pela analise, permitiu-nos ir obtendo pouco a pouco respostas satisfatorias a todas as interrogações que se relacionavam com a dita cena. Resultou, assim, em primeiro logar que a idade do menino, quando surpreendeu aquela cena, era de ano e meio ([7]). Padecia ele então de malaria, cujos acessos reapareciam a uma determinada hora ([8]). A datar dos dez anos, começou a sofrer periodicamente de depressões que começavam ás primeiras horas da tarde e ás 5 atingiam o auge. Tal sintoma ainda perdurava ao tempo do tratamento analitico. Estes acessos de depressão substituiam os de febre ou de prostação ocorridos na infancia e as 5 horas representavam ou o momento

---

([7]) A hipotese de ter então o menino seis mêses é muito menos provavel e em realidade quasi em absoluto inaceitavel.

([8]) Conf. as transformações ulteriores deste fator na neurose obsessiva. Nos sonhos emergidos durante o tratamento foram substituidos por um forte vento. (*aria* = ar).

do acme da febre ou o da visão do coito, se é que ambos os tempos não concordavam[9]. Provavelmente o menino se achava por causa da doença no quarto dos pais. Esta ultima, confirmada tambem pela tradição direta, leva-nos a colocar o acontecimento no verão e supor com isto para o pequeno nascido no dia de Natal uma idade de n + 1 ½ ano. Dormia ele em sua caminha no quarto dos pais e despertou, talvez em consequencia da ascenção da temperatura, á tarde, quiçá por volta das cinco, hora assinalada mais tarde por acessos de depressão. Com nossa hipotese de que se tratava de um dia muito quente de verão concorda o fato dos pais se terem recolhido para uma sesta e de se acharem semi-nús na cama[10]. Quando despertou foi testemunha de um *coitus a tergo*, repetido tres vezes[11], poude ver as partes genitais de sua mãe bem como o penis do pai e compreender o ato e sua significação[12]. De uma

---

(9) Relacione-se com esta circunstancia o fato de ter o paciente em seu desenho incluido sómente 5 lobos apesar do texto do sonho falar de 6 ou 7.

(10) Em roupas interiores brancas e os lobos eram brancos.

(11) Porque precisamente três vezes? O paciente afirmou certa vez de repente tal pormenor que havia sido deduzido por nós no curso da analise. O fato não se passou assim. Tratava-se de uma lembrança espontanea, sua, subtraída a toda reflexão critica e que atribuiu a nossa pessôa, segundo seu costume, para que tal projeção se tornasse mais digna de credito.

(12) Queremos dizer que tal compreensão teve efeito não no momento da percepção, mas sim ulteriormente, na epoca do sonho, quando o menino contava 4 anos. Com um ano e meio não fez senão extrair as impressões cuja compreensão posterior na epoca do sonho foi facilitada pelo seu desenvolvimento, sua excitação sexual e investigação da sexualidade.

maneira, de que falaremos mais tarde, interrompeu por fim a copula de seus pais.

O fato de um jovem casal, ainda com poucos anos de vida conjugal, entregar-se a caricias amorosas numa sesta em uma tarde calida de verão, sem atender á presença de uma criancinha de ano e meio, que dormia em sua caminha, nada tem de extraordinario e não dá a impressão de ser uma fantasia extravagante. A nosso ver trata-se de cousa comum e trivial sem que tambem a posição escolhida para o coito tenha alguma cousa de extranho, tanto mais quanto do material da prova não se pode deduzir que o coito fôra realizado todas as vezes na posição indicada. Bastaria uma só vez para dar ao espectador oportunidade de observações que em outra posição dos conjuges seriam dificeis ou impossiveis. O conteúdo mesmo desta cena não pode constituir, pois, argumento contra sua verosimilhança. As objeções contra esta dirigir-se-ão a tres outros pontos: 1) que uma criança na tenra idade de um ano e meio possa ser capaz de colher as percepções de um ato tão complicado e as conservar tão fielmente em seu inconciente; 2) que já aos 4 anos de idade seja possivel uma elaboração a posteriori das impressões assim recebidas e destinada a facilitar sua compreensão; 3) que exista um processo suscetivel de fazer concientes de modo coerente e convincente os pormenores de uma tal cena, assistida e compreendia em semelhantes circunstancias [13].

---

[13] Não é possivel atenuar a primeira destas dificuldades, admitindo que o mesmo ao tempo da cena tivesse provavelmente um ano mais, portanto dois anos e meio, idade em que podia

Mais tarde examinaremos cuidadosamente estas e outras objeções, garantindo ao leitor que por nossa parte adotamos uma atitude não menos critica do que ele deante da hipotese de que o menino pudera realizar uma tal observação, pedindo-lhe, porém, que se decida a conosco aceitar provisoriamente a realidade desta cena. Vamos agora continuar o estudo das relações desta «cena primitiva» com o sonho, os sintomas e a historia da vida do paciente. Procuremos conhecer separadamente os efeitos resultantes do conteúdo essencial da cena e de uma de suas impressões visuais.

Tal impressão é a que corresponde ás posições que o menino viu tomarem os pais: o pai erecto e a mãi dobrada para deante, em posição semelhante a dos animais. Já vimos que na epoca do medo infantil do paciente costumava a irmã o assustar com a gravura do livro de contos, na qual aparecia o lobo andando sobre duas patas e com as garras estendidas e as orelhas em pé. Durante o periodo de tratamento não nos poupamos ao trabalho de rebuscar em lojas de livros velhos até achar aquele livro de contos da sua infancia e o paciente reconheceu em uma ilustração da fabula «O lobo e as

---

falar, pois todas as circunstancias acessorias do caso excluem terminantemente tal hipotese. Além disto deve ter-se em consideração que não é absolutamente raro que tais cenas de observação do coito entre pais sejam reveladas na analise. Elas têm por condição pertencer á infancia muito tenra, pois quanto mais idade tem uma criança, tanto maior é o cuidado dos pais, sobretudo em um certo nivel social, de evitar á mesma o ensejo de tal observação.

sete cabrinhas» a estampa que lhe causara medo. Pensava que a posição do lobo na gravura lhe poderia ter recordado a posição do pai durante a cena primitiva. Em todo caso, esta gravura tornou-se o ponto de partida de outros medos. Quando aos sete ou oito anos recebeu a noticia de que no dia seguinte teria um novo professor, sonhou nesta noite com o mesmo em figura de leão, que com altos rugidos e com a atitude do lobo da gravūra se aproximava de sua cama, e outra vez despertou amedrontado. A licofobia já então estava quasi vencida, por isto tinha o menino a liberdade de escolher um novo animal atemorizador e reconheceu neste sonho o anunciado professor como substituto do pai. Nos ultimos anos de sua infancia todos seus professores desempenhavam o mesmo papel de substituto do pai e foram investidos da influencia paterna tanto para o bem como para o mal. O destino proporcionou-lhe um singular ensejo de reavivar sua licofobia no seu tempo de ginasio e de converter em ponto de partida de graves inibições a relação que a mencionada fobia no fundo continha. O professor que ensinava o latim em sua classe chamava-se *Wolf* (lobo). O menino desde logo se mostrou timido deante deste e quando recebeu do mesmo uma grave repreensão por ter cometido numa tradução de latim um erro absolutamente crasso não logrou mais se libertar de um intenso medo deste professor, medo que não tardou a se estender em relação a todos os demais. Mas a ocasião em que errou na tradução de latim, tambem não deixou

de ter importancia. Tinha que traduzir o vocabulo latim *filius* e fê-lo com o francês *fils* em vez do correspondente vocabulo vernaculo. É que para o menino o lobo ainda sempre era o pai [14].

O primeiro dos «sintomas passageiros» [15] que o paciente manifestou durante o tratamento referiu-se ainda á licofobia e ao conto do lobo e das sete cabrinhas. Na sala em que se realizavam as primeiras sessões do tratamento havia um grande relogio de armario deante do paciente, que de costas voltadas para nós jazia num divan. Chamou-nos a atenção o fato de que ele de vez em quando volvia o rosto em nossa direção, nos fitava com expressão muito amistosa e meiga e em seguida olhava para o relogio. Supunhamos então que assim mostrava o desejo de ver terminada a hora do tratamento. Muito tempo depois falou-nos o paciente desse seu procedimento

---

(14) Após ter recebido do professor Wolf aquela grave repreensão, soube, por ser opinião geral dos colegas, que este esperava que ele lhe desse dinheiro para ficar calmo. Voltaremos mais tarde a este pormenor. Podemos imaginar que facilidade constituirá para quem considerar esta historia infantil sob um ponto de vista racionalista a possibilidade de supor que todo o medo deante do lobo derivava em realidade do professor chamado Wolf (lobo), havendo sido em seguida projetado para a infancia e engendrado com o apoio da ilustração do livro de contos a fantasia da cena primitiva.

Todavia isto é insustentavel; a prioridade da licofobia e a sua localização nos anos infantís passados na primeira quinta ficaram muito bem demonstradas por toda a especie de testemunhos. — E o sonho aos 4 anos?

(15) Ferenczi — Ueber passagère Symptomenbildungen während der Analyse. Zentralbl. f. Psychoanalyse, II, 1912, pag. 588 e seg. (Ferenczi, Bausteine zur Psychoanalyse, II, pag. 9 e seg.).

e o explicou, declarando que a mais nova das sete cabrinhas se havia escondido no armario do relogio, ao passo que as seis restantes iam sendo devoradas pelo lobo. Queria, portanto, dizer-nos então: «Sê bom para mim. Devo temer-te? Devorar-me-ás? Tenho que me esconder de ti no armario como a mais nova das cabrinhas?»

O lobo que lhe causara medo era indubitavelmente o pai, mas seu medo deante deste animal se achava preso á circunstancia da posição erecta. A memoria assegurava-lhe com grande precisão que outras figuras de lobo andando de quatro patas ou deitado na cama como na fabula do «Chapeuzinho vermelho», jamais o haviam assustado. Não foi certamente menor a importancia adquirida pela posição que, segundo nossa reconstrução da cena primitiva, vira a mulher assumir; mas tal importancia permaneceu limitada ao terreno sexual. A manifestação mais notavel de sua vida erotica posterior á puberdade consistia em acessos de apaixonamento sexual obsessivo, que de modo enigmatico surgiam e desapareciam, desencadeando nele uma gigantesca energia, mesmo em periodos de inibição e escapando inteiramente a seu dominio. Uma interessantissima relação obriga-nos a adiar o estudo completo destes apaixonamentos obsessivos mas podemos já antecipar que se achavam presos a uma determinada condição oculta a seu conciente e que só se reconheceu durante o tratamento. A mulher tinha de tomar a posição que atribuimos á progenitora na cena primitiva. Desde sua puberdade via o paciente o maximo atrativo feminino

em umas nadegas grandes e a copula em posição diversa do *coitus a tergo* quasi não lhe proporcionava prazer. Cabe aqui a objeção de que semelhante preferencia sexual para as partes trazeiras do corpo é um carater geral das pessoas com tendencias para a neurose obsessiva, não se justificando, pois, sua derivação de uma determinada impressão colhida na infancia. Tal preferencia pertenceria ao quadro de sua predisposição erotico-anal, contando-se entre os traços arcaicos que caraterizam esta constituição. Sob o ponto de vista filogenico é licito considerar o *coitus a tergo more ferarum* como a forma mais antiga da copula. Em discussão posterior voltaremos a este ponto quando tivermos exposto o material referente a sua condição erotica inconciente.

Prossigamos, pois, no exame das relações entre o sonho e a cena primitiva. Segundo nossas expectativas até aqui o sonho deveria apresentar ao menino, excitado pela proxima realização dos seus desejos pelo Natal, o quadro da satisfação sexual proporcionada pelo pai, tal qual vira naquela cena primitiva e como modelo da propria satisfação, que ele aspirava receber do mesmo. Porém em vez deste quadro aparece o material do conto narrado pouco antes pelo avô: a arvore, os lobos, a falta de cauda, sob a forma de supercompensação pelas caudas frondosas dos supostos lobos. Falta-nos aqui um nexo, uma ponte de associação que nos conduza do conteúdo da fabula primitiva ao da fabula do lobo. Este nexo nos é dado pela posição e sómente por

ela. Na narrativa feita pelo avô o lobo sem cauda pede aos outros que se coloquem *por cima dele*. Este pormenor despertou a lembrança do quadro da cena primitiva e por este meio poude o material desta ficar representado pelo do conto do lobo, sendo substituido ao mesmo tempo na forma desejada a dualidade dos pais pela pluralidade dos lobos. Por fim a adaptação do material do conto do alfaiate e o do lobo ao conteúdo da fabula do lobo e das sete cabrinhas, de que tomou o numero sete, impoz uma nova modificação ao conteúdo onirico [16].

A transformação do material: — cena primitiva — conto do lobo — fabula do lobo e das sete cabrinhas — é o reflexo da progressão do pensamento durante a elaboração do sonho: desejo de satisfação sexual dada pelo pai — reconhecimento da condição de castração a ela ligada — medo do pai. Pensamos que o sonho angustioso do menino de quatro anos só agora está completamente esclarecido [17]. Depois de tudo que até aqui expuzemos, podemos ser breve acerca da ação patogenica da cena primitiva e da al-

(16) A narrativa do sonho fala de 6 ou 7. 6 é o numero das cabrinhas devoradas e a setima salvara-se, escondendo-se no armario do relogio. E' lei rigorosa de interpretação onirica que toda particularidade deva encontrar sua explicação.

(17) Após ter conseguido a sintese deste sonho, vamos tentar expor sumariamente as relações entre o conteúdo manifesto do sonho e o pensamento latente deste ultimo.

Era noite e estava deitado na minha cama. A ultima parte é o começo da reprodução da cena primitiva. «Era noite» é uma desfiguração de «eu dormia».

A nota — sei que quando tive este sonho era uma noite de inverno — refere-se á lembrança do sonho e não pertence a seu

teração que seu despertar provocou na evolução sexual do paciente. Perquirimos apenas aquela ação que o sonho exterioriza. Mais adeante veremos que a cena primitiva deu origem não a uma unica, mas sim a toda uma serie de correntes sexuais, a uma verdadeira fragmentação da libido. Além disto teremos em conta que a ativação desta cena (evitamos propositalmente o vocabulo «lembrança») provoca o mesmo efeito como se fôra um sucesso recente. A cena age a posteriori e sem nada ter perdido de seu vigor no intervalo entre as idades de um ano e meio e quatro anos. Talvez encontremos adeante ainda um ponto

---

conteúdo. E' exata, pois esse ocorreu numa das noites que precederam o dia de aniversario e respetivamente dia de Natal.

Subitamente a janela se abriu. Deve-se entender: de subito despertei espontaneamente — lembrança da cena primitiva. A influencia da historia do lobo, na qual este salta janela a dentro, age com modificadora e transmite a impressão direta em uma metafora. Simultaneamente a intromissão da janela serve para incluir no presente o seguinte conteúdo do sonho. Na noite de Natal abre-se repentinamente a porta e deixa ver a arvore com os presentes. Aqui aparece a influencia da expectação do Natal, a qual se refere tambem á satisfação sexual.

A grande nogueira. Representação da arvore de Natal, correspondente á epoca do sonho, mas tambem da arvore do conto do lobo, na qual se refugia o alfaiate perseguido e debaixo da qual os lobos espreitam. A arvore alta é tambem, como pudemos comprovar muitas vezes, um simbolo da observação da atividade de vigia. Quando alguem está sobre uma arvore pode sem ser percebido ver tudo o que se passa em baixo. Vejam-se a conhecida historia de Boccaccio e outras semelhantes.

Os lobos. Seu numero: 6 ou 7. Na historia do alfaiate e dos lobos ha um bando sem numero especificado. A determinação numerica mostra a influencia da fabula das sete cabrinhas, das quais seis são devoradas. A substituição da dualidade na cena primitiva por uma pluralidade, que nesta seria absurda, é acolhida pela resistencia como meio de desfiguração. No desenho

de apoio para admitir que já na epoca de sua percepção ou seja a partir da idade de um ano e meio provocara determinados efeitos.

Quando o paciente se aprofundou na situação da cena primitiva informou sobre as seguintes auto-percepções: supuzera a principio que o ato observado fosse uma violencia, mas tal hipotese não se harmonizava com a fisionomia de prazer que no-

---

executado para ilustração do sonho o paciente exprimiu o numero 5, com provavel retificação do dado — era noite.

Assentados sobre a arvore. Substituem primeiramente os presentes de Natal que pendem da arvore. Estão tambem colocados sobre a arvore, porque isto pode significar que olham para alguma cousa. No conto do avô os lobos estavam debaixo da arvore. Sua situação relativamente a esta inverteu-se, portanto, no sonho, donde se deve concluir que no conteúdo onirico ocorrem outras inversões do material latente.

Tinham toda sua atenção voltada para mim. Tal particularidade passou inteiro da cena primitiva para o sonho e isto á custa de uma inversão total.

Eram inteiramente brancos. Este pormenor, em si quasi sem importancia e fortemente acentuado na narrativa do paciente, deve sua intensidade a uma grande fusão de elementos de todas as camadas de material e une minucias acessorias de outras fontes oniricas a um fragmento mais importante da cena primitiva. Deriva provavelmente da cor branca da roupa de cama dos pais e da roupa interior destes, da brancura dos rebanhos de ovelhas, dos cães de pastor, como alusão a suas investigações sexuais nos animais, da cor branca aparente na fabula do lobo e das sete cabrinhas, na qual a mãe é reconhecida pela brancura de sua mão. Mais tarde veremos tambem que a roupa branca constitue uma alusão á morte.

Permaneciam assentados e quietos. Com isto se contradiz o conteúdo mais pronunciado da cena observada; a mobilidade, que pela situação a que conduz, estabelece a relação entre a cena primitiva e a fabula do lobo.

Tinham caudas grandes como as raposas. Este pormenor destina-se a contradizer um resultado nascido da influencia da cena primitiva sobre a fabula do lobo e que se deve reconhecer

tara em sua mãe, e teve de reconhecer que se tratava de uma satisfação ([18]). O elemento essencialmente novo que a observação da copula dos pais lhe trouxe foi a convicção da realidade de castração, cuja possibilidade já antes havia preocupado seus pensamentos

---

como a conclusão mais importante da investigação sexual — ha, pois, realmente uma castração. O espanto com que é acolhida esta conclusão, abre um caminho no sonho e põe fim ao mesmo.

Medo de ser devorado pelos lobos. Este sentimento parecia ao paciente como não tendo sido motivado pelo conteúdo do sonho. Dizia ele que não havia o que temer, porquanto os lobos tinham antes a aparencia de raposas ou de cães e não investiam sobre sua pessoa para morde-la, ao contrario estavam muito quietos e não se mostravam nada apavorantes. Reconhecemos que o trabalho do sonho se esforçou durante um momento por tornar inocuos os conteúdos penosos, transformando-os no seu oposto. (Não se moviam, tinham as mais formosas caudas). Afinal este recurso falhou e irrompeu o medo. Este com auxilio da fabula encontrou sua expressão no serem devoradas as cabrinhas — crianças pelo lobo-pai. E' possivel que este mesmo conteúdo da fabula tenha lembrado ao paciente as ameaças sob a forma de gracejos feitos pelo pai quando outrora brincava com ele; assim o medo de ser devorado pelo lobo tanto podia ser uma reminiscencia como uma substituição por deslocamento.

Os motivos de desejo deste sonho são palpaveis: aos desejos diversos, superficiais, de que bem já podia ter chegado o Natal com seus presentes (sonho de impaciencia) ajunta-se o desejo mais profundo e permanente naquela epoca, da satisfação sexual proporcionada pelo pai, desejo que é substituido primeiramente pelo de tornar a vêr aquilo que outrora tanto lhe interessava. Em seguida o processo psiquico segue seu curso desde a realização deste desejo na cena primitiva conjurada até a repulsa agora inevitavel do desejo e do recalcamento. A amplitude e minuciosidade da exposição, ás quais somos forçado para oferecer ao leitor algum equivalente da força demonstrativa de uma analise por ele proprio efetuada, podem faze-lo desistir da exigencia da publicação de analises prolongados por varios anos.

([18]) Talvez possamos ter em conta como melhor a declaração do paciente, admitindo que o objeto de sua observação foi a principio um coito em posição normal, o qual deve dar a

(a visão das duas meninas quando urinavam, a ameaça da Nanja, a interpretação dada pela governante aos bastõezinhos de caramelo corado e a lembrança de que o pai reduzira uma cobra a pedaços). Agora via com os proprios olhos a ferida de que falara a Nanja e compreendia que a existencia daquela era uma condição para o coito com o pai. Não a podia mais confundir com o trazeiro, como quando presenciou as meninas urinarem [19].

O sonho terminou por um acesso de medo que só findou quando o menino viu junto de si a Nanja.

---

impressão de um ato sadico. Só depois deste coito foi alterada a posição, dando ensejo a outras observações e a outros juizos. Todavia esta hipotese não foi confirmada e não me parece indispensavel.

Não queremos que nossa breve exposição do caso faça esquecer que o analisado, com mais de 25 anos, emprestara a impressões e impulsos de quando contava 4 anos, palavras que não teria encontrado nesta idade. Se não se atende a esta circunstancia, facilmente se achará extranho e incrivel que uma criança de 4 anos seja capaz de juizos tão objetivos e pensamentos tão sabios. Trata-se simplesmente de um segundo caso de elaboração a posteriori. O menino com um ano e meio recebe uma impressão, á qual não pode reagir suficientemente, e apenas aos 4 anos, quando esta experimentava uma revivescencia, chega a compreende-la e a ser agitado por ela. Sómente dois decenios mais tarde durante a analise consegue apreender com atividade mental conciente o que outrora lhe sucedeu. O analisado prescinde com toda razão das tais três fases e coloca seu ego atual na situação ha muito tempo passada. Acompanhamo-lo nisto, pois, dada uma auto-observação e interpretação igualmente corretas, deverá o effeito ser tal que se pudera prescindir da distancia entre a segunda e a terceira fase temporais. Outrosim não dispomos de outro meio para descrever os processos da segunda fase.

(19) Mais adeante ao ocuparmo-nos do seu erotismo anal veremos como o paciente se houve ante este aspeto do problma.

Fugiu, pois, do pai, procurando proteção junto dela. Tal medo foi uma repulsa do desejo de que seu pai lhe proporcionasse a satisfação sexual, desejo que o sonho lhe havia inspirado. Sua exteriorização no medo de ser devorado pelo lobo era, como havemos de ver, apenas uma mutação regressiva do desejo de servir de objeto sexual ao pai, isto é, de ser satisfeito por ele como sua mãe. Seu ultimo fim sexual, a atitude passiva em relação ao progenitor, cedera ao recalcamento e fôra substituido pelo medo do pai sob a forma da licofobia.

Qual a força que operou este recalcamento? Segundo a situação geral não podia ser senão a libido genital narcisica, que resistia na qualidade de preocupação de perder o membro viril contra uma satisfação, da qual parecia ser condição indispensavel a renuncia ao mesmo. Do narcisismo ameaçado extraiu o paciente a virilidade, com a qual se defendeu contra a atitude passiva em relação ao pai.

Notamos que neste ponto de nossa exposição temos que alterar nossa terminologia. Durante o sonho alcançara o paciente uma nova fase de sua organização sexual. Até aí, para ele as antiteses sexuais haviam sido atividade e passividade. Desde a sedução seu fim sexual foi o passivo, a saber, de ser tocado nos orgãos genitais, depois se transformou por meio de regressão á fase anterior da organização sadico-anal em fim masoquista, de ser punido e espancado, sendo-lhe indiferente alcança-lo por meio de homem ou de mulher. Sem atender á diferença de sexo, o paciente havia passado da Nanja

para pai, havia pedido áquela que lhe tocasse no membro e provocado esse a surra-lo. Em tudo isto não intervinha o orgão genital; na fantasia de receber pancadas no penis exteriorizou-se ainda a relação encoberta pela regressão. A ativação da cena primitiva no sonho reconduziu-o á organização genital. Descobriu a vagina e a significação biologica dos conceitos de masculino e feminino e compreendeu então que ativo equivale a masculino e passivo a feminino. Seu fim sexual passivo deveria ter-se transformado agora em objetivo sexual feminino e haver tomado como expressão a de servir de objeto sexual ao pai em vez de ser por este espancado no penis ou nas nadegas. Este fim feminino foi vitima do recalcamento e teve que ser substituido pelo medo do lobo.

Forçoso é interrompermos aqui a discussão de sua evolução sexual até que fases ulteriores de sua historia derramem novas luzes sobre as anteriores. Para apreciação da licofobia acrescentamos que tanto o pai como a mãe eram lobos para o paciente. A mãe representava o lobo castrado, que mandou que os outros trepassem nele e o pai, o lobo que se poz imediatamente por cima desse. Mas seu medo não se referia, como já ouvimos ele afirmar, senão ao lobo em posição erecta, ou seja seu pai. Além disto deve chamar nossa atenção o fato de que o medo no qual terminou o sonho, teve um modelo na narrativa do avô. Nesta o lobo castrado, que fizera os outros trepar em si, é acometido de medo quando se lembra da falta de sua cauda. Parece, pois, que o me-

nino durante o sonho se identificou com a mãe castrada e em seguida resistiu contra esta identificação exata. Esperamos que a tradução justa do que precede é a seguinte: se quizeres ser satisfeito pelo teu pai, deves deixar-te castrar como tua mãe; porém isto não quererás. Trata-se, portanto, de um protesto claro da masculinidade. Demais, deve ficar bem nitido que a evolução sexual do caso que aqui estudamos, oferece para nossa investigação o grande inconveniente de não se ter realizado sem estorvos: em primeiro logar foi decisivamente influenciada pela sedução e depois desviada pela observação da cena do coito, a qual mais tarde agiu a posteriori como uma segunda sedução.

V

Algumas discussões

Já foi dito que o urso polar e a baleia não podem travar luta entre si, porque, achando-se confinados cada um a seu elemento, não conseguem se aproxiximar um do outro. Do mesmo modo nos é impossivel discutirmos com individuos que se ocupam da psicologia e do estudo das neuroses, não reconhecem as premissas da psicanalise e consideram como artificios os resultados desta. Mas tambem desenvolveu-se nos ultimos anos uma oposição por parte de investigadores que, ao menos segundo a sua propria opinião, permanecem dentro do terreno da analise e não negam sua tecnica nem seus resul-

tados, porém se julgam com o direito de deduzir do mesmo material outras conclusões diferentes e submete-las a interpretações distintas.

As oposições teoricas são na maior parte infrutiferas. Desde que começamos a nos afastar do material basico corremos perigo de embriagarmo-nos com nossas afirmações e de acabarmos defendendo opiniões que teriam sido contraditadas por toda observação. Parece-nos, pois, muito mais convincente combater as teorias divergentes, pondo-as em prova em casos e problemas concretos.

Dissemos acima que certamente se tomarão por inverosimilhantes as seguintes circunstancias: 1.ª) que uma criança na idade de um ano e meio seja capaz de colher as percepções de um ato tão complicado e de as conservar tão fielmente em seu inconciente; 2.ª) que aos 4 anos seja possivel uma elaboração a posteriori e indispensavel á compreensão deste material e 3.ª) que exista um processo suscetivel de tornar conciente com coerencia e convicção os pormenores de uma tal cena assistida e compreendida em tais circunstancias.

A ultima questão é puramente de fato. Quem se der ao trabalho de levar por meio da tecnica prescrita a analise a tais profundidades convencer-se-á de que existe um tal processo; quem assim não agir e interromper a analise em qualquer camada mais proxima da superficie, renunciará a toda possibilidade de encontra-lo. Mas com isto não fica resolvida a interpretação do que foi alcançado pela analise das profundidades.

As duas outras objeções baseam-se em uma valorização insuficiente das impressões da tenra infancia, ás quais não se podem atribuir efeitos tão duradouros. Tais objeções querem buscar quasi exclusivamente a causa das neuroses nos conflitos serios que se dão mais tarde na vida e supõem que a importancia da idade infantil nos é falsamente apresentada na analise pela tendencia dos neuroticos para exprimirem seus interesses presentes em reminiscencias e simbolos do passado remoto. Com tal apreciação do fator infantil desapareceriam muitas das peculiaridades mais intimas da analise, mas sem duvida tambem grande parte do que crêa resistencia contra ela e afasta a confiança dos profanos.

Pomos, portanto, em discussão a teoria segundo a qual aquelas cenas da tenra infancia tais como são fornecidas por uma analise exaustiva da neurose, por exemplo do nosso caso, não seriam reproduções de acontecimentos reais a que poderiamos atribuir uma influencia sobre a conformação da vida ulterior e sobre a produção dos sintomas, mas sim fantasias provocadas por estimulos pertencentes á idade adulta e destinadas a uma representação de certo modo simbolica de desejos e interesses reais e que devem sua origem a uma tendencia regressiva, a um desvio dos problemas do presente. Sendo assim, podemos prescindir de todas as surpreendentes hipoteses analiticas sobre a vida psiquica e a atividade intelectual das crianças em idade tão tenra.

Em favor desta teoria falam o desejo que é comum a todos nós de achar uma racionali-

zação e simplificação do nosso dificil problema e tambem certos casos reais. É possivel desde logo remover uma objeção que poderia surgir precisamente no espirito do analista pratico. Havemos de conceder que, se o fato de que tal concepção destas cenas infantís se revelasse exato, nada mudaria na pratica da analise. Se o neurótico tem a perniciosa peculiaridade de desviar seu interesse do presente e prende-lo a tais substituições regressivas, produtos de sua fantasia, nada mais podemos fazer do que o seguir em seu caminho e levar á sua conciencia estes produtos inconcientes, pois, ainda que careçam de todo valor de realidade, são para nós de alta importancia como portadores e possuidores atuais do interesse que nós queremos desviar deles e dirigir para os problemas do presente. Portanto a analise seguiria exatamente o mesmo curso daquela em que o analista, ingenuo e confiado, aceita como verdadeiras tais fantasias. A diferença apareceria sómente ao cabo da analise, depois de descobertas estas. Diriamos então ao doente: «Sua neurose evoluiu como se o senhor em seus anos de infancia tivesse recebido tais impressões e continuado em seguida a edificar sobre elas. Vê o senhor que isto não é possivel. Tratava-se de produtos da sua fantasia para desvia-lo de problemas reais que a vida lhe apresentava. Permita-nos investigar agora que problemas eram estes e que vias de comunicação existiam entre os mesmos e suas fantasias». A esta solução das fantasias infantís

poderia seguir-se imediatamente uma segunda fase do tratamento orientado já para a vida real.

Tecnicamente seria impossivel um encurtamento deste caminho ou seja uma modificação do curso da cura psicanalitica até agora habitual. Se não tornamos concientes ao enfermo todas estas fantasias, em toda sua amplitude, não poderemos facilitar a livre disposição do interesse a elas preso. Se afastamos o individuo delas desde que pressentimos sua existencia e vislumbramos seus contornos gerais, não fazemos mais que apoiar a obra do recalcamento, pela qual elas se tornaram inacessiveis a todos os esforços do doente. Se precocemente as despojamos de todo seu valor, comunicando ao paciente que se trata apenas de fantasias que não encerram significação real alguma, jamais logramos sua colaboração afim de dirigi-las para a conciencia. Assim pois, procedendo corretamente, a tecnica analitica não experimentará modificação alguma, qualquer que seja o valor concedido a estas cenas infantís.

Dissemos que esta concepção das cenas como fantasias regressivas pode invocar em seu apoio fatores reais. Antes de mais o seguinte: estas cenas infantís, — tanto quanto nossa experiencia alcança até aqui -- não são reproduzidas como lembranças na cura, mas são resultados da reconstrução. Certamente para alguns parecerá a luta já decidida por esta confissão.

Desejariamos não ser mal interpretado. Todo analista sabe e comprovou numerosas vezes que em uma cura bem sucedida o paciente narra grande

numero de lembranças espontaneas dos seus anos de infancia pelo aparecimento das quais — talvez o primeiro — o medico não se sente absolutamente responsavel, porquanto nunca orientou o doente com nenhuma tentativa de reconstrução para semelhantes conteúdos. Estas lembranças, antes inconcientes, não precisam ser sempre verdadeiras; podem se-lo, mas muitas vezes estão deformadas em relação á verdade e entremeadas de elementos fantasiados, como acontece com as chamadas lembranção de cobertura, que espontaneamente ficaram conservadas. Diremos apenas que cenas, como as do nosso paciente, que pertencem a tão tenros anos e com tal conteúdo e tão extraordinaria significação na historia do caso, não são geralmente reproduzidas como lembranças, mas têm que ser decifradas, construidas, passo a passo e penosamente por meio de uma soma de indicios e alusões. É tambem suficiente para o argumento concedermos que tais cenas nos casos de uma neurose obsessiva não se tornam concientes como lembranças ou limitarmos a declaração ao caso que aqui estudamos.

Não somos de opinião de que estas cenas tenham de ser necessariamente fantasias pelo fato de não serem evocadas como lembranças. Parece-nos por completo equivalente á lembrança o fato de que elas sejam substituidas, como no nosso caso, por sonhos cuja analise nos conduz regularmente á mesma cena e que reproduzem infatigavelmente todos e cada um dos fragmentos do conteúdo da

mesma, transformando-os. Sonhar é tambem recordar, ainda que sob as condições da noite e da produção onirica. Por este regresso nos sonhos explicamos que no paciente mesmo pouco a pouco se forma uma convicção firme da realidade destas cenas primitivas, convicção que em nada é inferior ás baseadas na lembrança ([20]).

Os adversarios com efeito não necessitam abandonar a luta ante este argumento, dando-a já por perdida; pois os sonhos, como é sabido podem ser orientados ([21]). E a convição do analisado pode ser um resultado da sugestão para a qual ainda sempre se procura um papel no jogo de forças do tratamento analitico. O psicoterapeuta da velha escola sugeriria ao seu paciente que este está são, que venceu suas inibições, etc. O psicanalista, ao contrario lhe sugeriria haver ocorrido em criança este ou aquele de que ele agora se deve lembrar para readquirir a saúde. Tal seria a diferença entre ambos.

Deixemos patente que esta ultima tentativa de explicação dos nossos adversarios reduz a significação das cenas infantís muito mais do que inicial-

---

([20]) Um local da primeira edição de nossa Interpretação dos sonhos (1900) mostra como cedo nos ocupamos deste problema. Ali diz-se na pagina 126 a proposito da analise de uma fala que ocorre num sonho: *Isto não se pode obter mais.* Estas palavras procederam de nós mesmo; haviamos explicado alguns dias antes a ela «que as experiencias mais antigas da infancia *não se podem obter como tais,* porém são substituidas na analise por «translações» e sonhos».

([21]) Sobre o mecanismo do sonho não se pode exercer influencia alguma, mas sim sobre uma parte do material onirico.

mente parecia seu proposito; estas seriam fantasias e não realidades, porém, é claro, não fantasias do doente, mas do proprio analista, o qual as impõe ao analisado por meio de determinados complexos pessoais. Está visto que o analista que ouve esta censura evocará para sua tranquilidade como pouco a pouco se efetuou a construção daquela fantasia supostamente inspirada por ele ao paciente, como se mostrou independente do estimulo do medico em muitos pontos a conformação desta, como a partir de uma certa fase do tratamento pareceu convergir tudo para ela, como em seguida na sintese emanam da mesma os mais diversos e singulares efeitos e como naquela unica hipotese acharam sua solução os grandes e pequenos problemas e particularidades da historia clinica. Além disso fará constar que não reconhece em si espirito de penetração suficiente para inventar um sucesso que possa satisfazer todas estas exigencias. Todavia este arrazoado não terá efeito sobre a outra parte dos contraditores que não experimentou por si mesma a analise. De um lado se dirá que o psicanalista mesmo se ilude refinadamente, do outro, que ha obtusão do julgamento; jamais será possivel uma decisão.

Voltemo-nos para um outro fator que apoia a concepção contraria das cenas infantís reconstruidas É o seguinte: todos os processos invocados para explicar estes produtos em questão como sendo fantasias existem realmente e deve-se reconhecer sua importancia. O desvio do interesse do problema da

vida real (22), a existencia de fantasias como produtos substitutivos dos atos omitidos, a tendencia regressiva que se exprime em tais creações — regressiva em mais de um sentido enquanto se iniciam simultaneamente um afastamento da vida e um retrocesso ao passado — tudo isto é exato e se pode confirmar regularmente pela psicanalise. Diriamos que seria suficiente explicar as supostas reminiscencias da infancia das quais tratamos e esta explicação teria de acordo com os principios economicos da ciencia a preferencia sobre a outra para a qual seriam necessarias novas e desconcertantes hipoteses.

Tomamos a liberdade de aqui chamar a atenção para o fato de serem feitas as objeções formuladas até hoje contra a psicanalise segundo o principio do *pars pro toto*. De um conjunto altamento complicado toma-se uma parte dos fatores eficientes, proclamam-se estes como verdadeiros e negam-se em seu favor a outra parte e o todo. Se se observa um pouco mais de perto afim de ver a que grupo coube esta preferencia, achamos que é sempre aquele que contém o que já foi conhecido por outros caminhos ou se prende mais facilmente a este. Assim Jung escolhe a atualidade e a regressão e Adler os motivos egoistas. Mas justamente o que é novo na psicanalise e lhe é peculiar é abandonado e condenado como erroneo. É este o caminho pelo qual se consegue rechaçar os progressos revolucionarios da incomoda psicanalise.

---

(22) Temos bons e fundados motivos para preferirmos dizer: o desvio da libido dos conflitos atuais.

Não é superfluo salientar que nenhum dos fatores em que os nossos adversarios apoiam sua concepção das cenas infantís precisava ser ensinado por Jung como uma novidade. O conflito atual, o afastamento da realidade, a satisfação substitutiva na fantasia e a regressão ao material do passado, tudo isto constituiu sempre precisamente na mesma combinação e talvez com menos modificações terminologicas uma parte integrante de nossa doutrina pessoal. Porém não constitue toda, mas tão sómente um fragmento que contém aquela parte da motivação que colabora na produção da neurose, atuando desde a realidade como ponto de partida em sentido regressivo. Deixamos ao lado disso logar suficiente para uma segunda influencia progressiva que age partindo das impressões infantís, mostra o caminho á libido desviada da vida e permite compreender a regressão á infancia, inexplicavel de outro modo. Assim pois, segundo nossa concepção os dois fatores colaboram na produção dos sintomas. Porém existe ainda uma colaboração que nos parece igualmente importante. Afirmamos que *a influencia da infancia já se faz sensivel na situação inicial da produção das neuroses, concorrendo para determinar de um modo decisivo se o individuo ha de malograr no dominar os problemas reais da vida e em que ponto se dará o malogro.*

Discute-se, pois, a importancia do fator infantil. Nossa tarefa consistirá em encontrar um caso que possa demonstrar tal importancia sem deixar qualquer margem a duvida. Tal caso é o que aqui vamos

expondo minuciosamente e que se carateriza pela particularidade de que á neurose da idade adulta precedeu uma neurose da infancia. Precisamente por esta circunstancia escolhemos este caso para uma comunicação. Se alguem entender rejeita-lo por não lhe parecer bastante importante a zoofobia para ser reconhecida como uma neurose independente, chamaremos a atenção para a circunstancia de que á tal fobia se seguiram sem intervalo um ceremonial obsessivo, idéas e atos do mesmo carater, dos quais cuidaremos nos capitulos seguintes desta publicação.

Uma neurose aos 4 ou 5 anos de idade demonstra antes de tudo que sucessos da vida infantil são por si só capazes de produzir tal afecção, sem que seja necessario a fuga deante de um problema apresentado pela vida. Objetar-se-á que á criança tambem surgem continuamente problemas aos quais talvez esta quizesse escapar. Isto é exato, porém é facil passar em revista a vida de uma criança antes de sua epoca preescolar e investigar se existe nela um «problema» determinante da causa da neurose. Porém não descobrimos senão impulsos instintivos, cuja satisfação é impossivel á criança, incapaz de dominar estes bem como as fontes das quais derivam os mesmos.

A enorme brevidade do intervalo entre a explosão da neurose e a epoca dos sucessos infantís em apreço permite, como era de esperar, reduzir a um minimo a parte regressiva da motivação e põe claramente á mostra a parte progressiva da mesma, a influencia de impressões anteriores. Esperamos que a pre-

sente historia clinica ilustre nitidamente tal circunstancia. Todavia por outras razões a neurose infantil dá uma resposta decisiva á questão da natureza das cenas primitivas ou dos sucessos da tenra infancia apurados na analise.

Se aceitamos como premissa irrefragavel que uma tal cena primitiva se tenha desenrolado irrepreensivelmente sob o ponto de vista tecnico indispensavel para a solução sumaria de todos os enigmas que nos fornece o quadro sintomatico da doença infantil, e que todos os efeitos emanam dela como á mesma levaram todos os fios da analise, tal cena não poderá ser quanto a seu conteúdo mais do que a reprodução de uma rivalidade vivida pelo menino. Pois este, do mesmo modo que o adulto, só pode produzir fantasias com material alhures adquirido. Os caminhos para esta aquisição estão em parte fechados ao menino, (por exemplo, a leitura) e o espaço de tempo de que dispõe para isto é curto e pode ser investigado facilmente em busca das fontes correspondentes.

No nosso caso contém a cena primitiva o quadro do ato sexual entre os pais e uma posição especialmente favoravel a certas observações. Nada provaria a realidade dessa cena, se se tratasse de um doente cujos sintomas, portanto os efeitos da mesma, tivessem aparecido em qualquer momento de sua vida adulta. Um tal doente pode haver adquirido nos mais diversos momentos do longo intervalo as impressões, representações e os conhecimentos que em seguida, transformados em um quadro fan-

tastico, projeta sobre sua infancia e prende a seus pais. Mas quando os efeitos de uma tal cena aparecem aos 4 ou 5 anos é necessario que a criança a tenha presenciado antes, em idade mais tenra. Ficam então de pé todas as conclusões desconcertantes a que nos levou a analise da neurose infantil. É como se alguem quizesse supor que o paciente não sómente tivesse fantasiado inconcientemente esta cena primitiva, mas tambem houvesse confabulado sua alteração do carater, licofobia e obsessão religiosa, hipotese contraditada francamente por toda a idiosincrasia do individuo e pelo testemunho direto de seus parentes. Não podemos fugir a esta alternativa, não vemos outra possibilidade: ou a analise, que tem seu ponto de partida na neurose infantil, é um devaneio ou tudo sucedeu exatamente como foi exposto.

Causou-nos extranheza a circunstancia equivoca de que a preferencia do paciente pelas nadegas femininas e pelo coito naquela posição em que estas ressaltam mais especialmente, parecia exigir neste caso uma derivação do coito entre os pais, quando em tal preferencia se trata de um traço geral das constituições arcaicas predispostas para a neurose obsessiva. Aqui oferece-se uma explicação facil que resolve a contradição, mostrando-a como uma superdeterminação. A pessoa em que o menino observou esta posição no coito era seu pai, do qual podia ter herdado esta preferencia constitucional. Nem a doença ulterior do pai nem a historia da familia contradizem tal hipotese, pois, um irmão

do pai, como já foi mencionado, faleceu em um estado que deve ser interpretado como o desfecho de uma grave afecção obsessiva.

Lembramo-nos de que a irmã de nosso paciente ao seduzi-lo quando este contava três anos e meio lançou contra a boa e velha ama a extranha calunia de que ela punha toda a gente de cabeça para baixo e lhes pegava nos orgãos genitais. Neste ponto nos surgiu a idéa de que talvez tambem a irmã na tenra idade tivesse presenciado cena analoga áquela que mais tarde o irmão assistiu e nesse fato tivesse ido buscar o estimulo para a posição de cabeça para baixo no ato sexual. Tal hipotese assinalar-nos-ia tambem uma das fontes da precocidade sexual desta menina.

A principio não tinhamos intenção de ir além deste ponto na discussão do valor real das «cenas primitivas», mas, como fomos levado a tratar deste assunto em nossas conferencias «Introdução á psicanalise» em um contexto mais amplo e sem intenção de polemica, daria logar a más interpretações o fato de omitirmos a aplicação dos pontos de vistas ali determinantes ao presente caso. Portanto para completar e retificar o que anteriormente ficou exposto acrescentamos que é possivel ainda uma outra concepção da cena primitiva que serviu de base ao sonho, concepção que se afasta bastante da conclusão antes assentada e que nos remove algumas dificuldades. A doutrina que pretende reduzir as cenas infantís a simbolos regressivos, em realidade,

nada ganhará com esta modificação e ao contrario parece-nos que ficará definitivamente refutada por esta ou outra qualquer analise de uma neurose.

Pensamos que tambem podemos resolver a situação de outro modo. Não nos é possivel renunciar á hipotese de ter a criança observado um coito, cuja visão a convenceu de que a castração podia ser mais do que uma simples ameaça; tambem a importancia que mais tarde cabe ás posições dos pais quanto ao desenvolvimento da angustia e como condição erotica, nos impõe a conclusão que deveria ter sido um *coitus a tergo more ferarum*. Todavia ha um outro fator que não é tão indispensavel e pode ser abandonado. Talvez não fosse um coito entre os pais, mas sim entre animais que o menino visse e transferisse áqueles como se tivese concluido que os mesmos não o praticavam doutro modo.

Em favor desta hipotese está o fato dos lobos do sonho serem em realidade cães de pastor e aparecerem como tais no desenho. Pouco tempo antes do sonho havia sido o menino levado varias vezes a visitar os rebanhos de ovelhas, nos quais via tais cães brancos e grandes e poude provavelmente observar o coito dos mesmos. Com esta circunstancia podemos relacionar a triplice pratica do coito que o menino afirmou sem dar a razão e supoz conservado em sua memoria o fato de ter ele surpreendido em três ocasiões diferentes os cães de pastor em tal situação. O que se ajunta a isto na expectação exci-

tada da noite do sonho foi a transferencia para os pais do traço mnemico pouco antes adquirido com todas as minucias. Tal transferencia foi o que tornou possivel os intensos afetos de que sabemos. Deu-se então uma compreensão a posteriori daquelas impressões recebidas talvez poucos mêses ou semanas antes, processo este que talvez cada um de nós já tenha experimentado em si. A transferencia da copula dos cães para os pais não se efetuou mediante um processo dedutivo verbal, mas sim pela procura em sua memoria de uma cena real em que apareciam juntos seus pais e que se deixou fundir com a situação da copula. Todos os pormenores da cena afirmados na analise do sonho podiam ser reproduzidos fielmente. Tal cena poderia ter sido inteiramente inocente, consistindo apenas em que numa tarde calida de verão e durante sua malaria o menino despertara e vira deante de si seus pais no quarto, em roupas brancas. Todo o resto fôra tomado das observações realizadas nas visitas aos rebanhos e acrescentado pelo desejo posterior do menino, possuido de curiosidade sexual de surpreender tambem os pais no ato do coito, e então a cena assim fantasiada produziu todos os efeitos descritos, exatamente os mesmos como se tivesse sido real e não artificialmente construida com dois elementos, um anterior e indiferente e outro posterior e muito impressionante.

É desde logo evidente quanto fica diminuida a margem da nossa credulidade. Já não necessitamos supor que os pais tenham praticado a copula na

presença do filho, ainda que então muito pequeno, cousa que para muitos de nós constitue uma representação desagradavel, e o intervalo entre a cena primordial e seus efeitos fica tambem muito reduzido, compreendendo apenas alguns mêses do quarto ano do menino, sem remontar aos primeiros e obscuros anos da infancia. Quasi nada mais de extranho resta na conduta deste, que transfere o que observou nos cães para os pais e teme o lobo em vez do pai. Acha-se ele naquela fase de sua concepção do mundo a qual no «Totem e tabu» qualificamos de retorno do totemismo.

A teoria que pretende explicar as cenas primitivas das neuroses como produtos de fantasias retroativas de epocas ulteriores, parece-nos encontrar um apoio firme em nossa observação, não obstante contar o nosso neurotico apenas quatro anos. Apesar desta tenra idade, conseguiu substituir uma impressão dos quatro anos por um trauma imaginario supostamente sofrido com um ano e meio. Porém esta regressão não nos parece nem enigmatica, nem tendenciosa. A cena que se tratava de compor devia satisfazer certas condições que, dadas as circunstancias do paciente, só se podiam ter cumprido naquela idade muito tenra, como por exemplo, achar-se dormindo no quarto dos pais.

As observações que se seguem e extraídas dos resultados analiticos de outros casos, constituirão para a maioria de nossos leitores, a prova decisiva do acerto de nossa concepção. A emergencia na analise de neuroticos de uma

tal cena, — seja uma lembrança real ou fantasia — em que o individuo surpreende um coito entre seus pais, não é verdadeiramente nada insolito. É possivel que a analise de não neuroticos no-la revele com igual frequencia e que tal cena constitua regularmente parte do acervo mnemico conciente ou inconciente. Todas as vezes que pudemos descobrir pela analise uma cena tal, revelava esta a mesma particularidade que tanta extranheza nos causou, a saber, a de referir-se ao *coitus a tergo,* o unico que permite ao espectador a visão dos orgãos genitais. Não ha necessidade de continuar a duvidar que se trata apenas de uma fantasia, provocada talvez regularmente pela observação da copula entre animais. Ainda mais; dissemos que nossa exposição da cena primitiva havia ficado incompleta e que reservariamos para mais tarde a informação sobre o modo pelo qual o menino estorvara a copula dos pais. Acrescentaremos agora tambem que a forma deste estorvo é a mesma em todos os casos.

Supomos que em tudo isto nos expuzemos a graves desconfianças por parte dos leitores desta historia clinica. Se tivessemos á mão tais argumentos favoraveis a uma semelhante interpretação da cena primitiva, como poderiamos tomar sobre nós a responsabilidade de aceitar um outro aspeto tão absurdo? Ou, por ventura, no intervalo entre a primeira descrição da historia clinica e este aditamento fizemos aquelas nossas aquisições que nos obrigaram a modificar nossa primeira interpretação e não quizemos confessar isto por qualquer motivo? Declaramos, aqui outra cousa,

é que tencionamos encerrar desta vez a discussão acerca do valor real da cena primitiva com um *non liquet*. Esta historia clinica ainda não chegou ao fim; no seu decurso ulterior haverá um fator que abalará a certeza que cremos agora possuir. Nessa ocasião não haverá outro remedio senão remeter os leitores aos trechos de nossas «Lições», nos quais tratamos do problema das fantasias ou cenas primitivas.]

VI

A neurose obsessiva

Pela terceira vez sofreu o paciente uma influencia que modificou sua evolução de maneira decisiva. Quando contava quatro anos e meio de idade e seu estado de irritabilidade e angustia ainda não tinha melhorado, resolveu sua mãe ensinar-lhe a Historia Sagrada, na esperança de assim distraí-lo e reanima-lo. E, com efeito, conseguiu isto, pois a iniciação na religião poz um fim á fase de angustia, mas provocou uma substituição dos sintomas desta por sintomas de obsessão. Se até aí tinha dificuldade de adormecer, porque temia sonhar com cousas terriveis como naquela noite proxima do Natal, era agora forçado antes de se recolher á cama a beijar todas as efigies de santos de seu quarto, repetir orações e benzer sem conta a si e a seu leito.

Sua infancia mostra-se já claramente dividida nos seguintes periodos: 1.º) a epoca prehistorica, até

a sedução (aos 3 anos e três meses), de que faz parte a cena primitiva); 2.º) a epoca da alteração do carater, até o sonho de angustia (aos 4 anos); 3.º) a zoofobia até a iniciação religiosa (aos 4 anos e meio) e a partir daí a fase da neurose obsessiva até depois dos 10 anos. Nem a natureza das circunstancias, nem tão pouco a do nosso paciente, caraterizada ao contrario pela conservação de todo antecedente, e a coexistencia das mais diversas correntes haveriam de permitir uma substituição instantanea e precisa de uma fase pela seguinte. A irritabilidade não desapareceu ao surgir a angustia e estendeu-se em seguida, diminuindo paulatinamente atravez da epoca de fervor religioso. Parecia já não existir nesta ultima fase a licofobia. A neurose evoluiu descontinuamente; o primeiro acesso foi o mais longo e mais intenso, outros apareceram aos 8 e 10 anos, sempre após causas que estavam em evidente relação com o conteúdo da neurose. A progenitora mesma narrava-lhe a Historia Sagrada e fazia com que a Nanja lêsse trechos desta, em um livro ornado de ilustrações. Naturalmente dedicaram maior atenção á historia da Paixão de Cristo. A Nanja, que era muito devota bem como supersticiosa, dava seus esclarecimentos sobre o assunto, mas tinha tambem que ouvir todas as objeções e duvidas do pequeno critico. Se as lutas que então começaram a agitar o menino terminaram finalmente por uma vitoria da fé, deve-se isto muito á influencia da Nanja.

O que o paciente nos narrou como lembranças de suas reações á iniciação religiosa despertou-nos

a principio uma absoluta incredulidade, pois julgámos que tais pensamentos não podiam ser de uma criança de 4 a 5 anos e supuzemos que deslocava para um passado remoto idéas resultantes de reflexões de sua idade adulta e proxima dos 30 anos ([23]). Todavia o paciente nada queria saber de semelhante hipotese e como em muitas outras ocasiões não conseguimos chegar a um acordo sobre este ponto até que a relação das idéas recordadas com os sintomas contemporaneos das mesmas assim como sua intercalação em sua evolução sexual nos obrigaram a dar-lhe credito. Tivemos que nos dizer a nós mesmos que precisamente aquelas criticas das doutrinas religiosas que resistiamos a atribuir ao menino, são sómente sustentadas por uma minoria insignificante de adultos, cada vez menor e em via de desaparecer.

Apresentaremos agora o material de suas lembranças e em seguida procuraremos um caminho que conduza á compreensão do mesmo.

A impressão que o paciente colheu da Historia Sagrada não foi a principio agradavel segundo informou. O mesmo resistiu inicialmente contra o carater passivo da pessôa de Cristo no seu mar-

([23]) Repetidas vezes fizemos tentativas de retardar de um ano a historia do paciente, portanto de fazer remontar a sedução aos 4 anos e meio, o sonho ao 5.º aniversario natalicio. Nos intervalos nada se poude conseguir. Todavia o paciente manteve-se nisto inflexivel, sem nos poder libertar da ultima duvida neste ponto. Para impressão que fornece sua historia e para todas as discussões e consequencias a esta ligadas seria um tal retardamento de um ano manifestamente sem importancia.

tirio e depois contra todo o conjunto da sua historia. Dirigiu sua critica severa contra Deus Pai. Sendo este onipotente, seria culpado dos homens serem maus, atormentarem os outros e de irem para o Inferno. Deus devia te-los feito bons e é, portanto, responsavel por todo o mal e todos os tormentos. O preceito de oferecer um lado da face quando se recebe uma bofetada no outro era incompreensivel, assim como o fato de ter Cristo na Cruz desejado que fosse afastado aquele calice e igualmente o de não ter havido milagre para demonstrar que era filho de Deus. Sua argucia assim despertada sabia procurar com implacavel vigor os pontos fracos da Historia Sagrada.

A esta critica racionalista não tardaram a se ajuntar cavilações e duvidas que nos revelam a colaboração de impulsos secretos. Uma das primeiras perguntas que ele dirigiu á Nanja foi se Cristo tambem tinha trazeiro. Esta respondeu que Cristo era um Deus e igualmente um homem e como tal tinha e fazia tudo como os outros humanos. Isto de modo algum o satisfez, mas soube consolar-se, dizendo-se a si mesmo que o trazeiro é apenas a continuação das pernas. O medo, apenas mitigado, de se vêr obrigado a rebaixar a sagrada pessoa de Cristo surgiu de novo quando lhe ocorreu a pergunta se este tambem defecava. Não ousou fazer a pergunta á devota Nanja, porém ele proprio encontrou uma saída melhor do que aquela que lhe poderia ter dado a ama: se Cristo fez vinho do nada,

poderia reduzir a nada os alimentos, livrando-se assim de toda necessidade de defecação.

Volvendo a um fragmento anteriormente examinado, aproximar-nos-emos da compreensão destas cavilações. Sabemos que após a recusa da Nanja e da consecutiva repressão da atividade sexual nascente a vida sexual do menino se desenvolveu nas direções do sadismo e masoquismo. Maltratava e atormentava pequenos animais, fantasiava surrar cavalos, bem como ser espancado o herdeiro do trono. No sadismo manteve sua primitiva identificação com o pai e no masoquismo escolheu este para seu objeto sexual. Achava-se naquela fase da organização pregenital em que lobrigamos a predisposição para a neurose obsessiva. O efeito do sonho que o colocou sob o influxo da cena primitiva, lhe havia permitido levar a cabo um avanço para a organização genital e transformar seu masoquismo em relação ao pai em uma atitude feminina deante deste, isto é, em homossexualidade. Todavia o sonho não determinou este avanço e acabou em angustia. A relação com o pai, a qual desde o fim sexual de ser castigado por aquele o devia haver conduzido ao fim seguinte, de servir de objeto sexual, como mulher, foi lançada por intervenção de sua virilidade a uma fase narcisica mais primitiva e dissociada, porém não resolvida por um deslocamento sobre uma substituição do pai na qualidade de medo de ser devorado pelo lobo. Só afirmando a coexistencia das três tendencias sexuais orien-

tadas para o pai, lograremos talvez refletir exatamente a situação. A partir do sonho o paciente era, no seu inconciente, homossexual, ao passo que na neurose permanecia no nivel do canibalismo; entretanto o conjunto continuava dominado por sua atitude anterior masoquista. Todas três correntes tinhas fins sexuais passivos; o objeto era uno, como uno era o impulso sexual, mas ambos haviam experimentado uma dissociação para três niveis distintos. O conhecimento da Historia Sagrada deu-lhe então a possibilidade de sublimar a atitude masoquista predominante em face do pai. O paciente passou a ser Cristo, o que lhe foi especialmente facil pelo fato de haver nascido no dia de Natal. Com isto tornou-se algo grande — circunstancia sobre a qual a principio não recaíu acento suficiente — um homem. Na duvida acerca da existencia do trazeiro em Cristo transparece a atitude homossexual recalcada, pois esta duvida nada mais significa do que a pergunta se podia ser utilizado como mulher pelo pai tal qual sua mãe na cena primitiva. A solução das outras idéas obsessivas, confirmar-nos-á esta interpretação. O recalcamento da homossexualidade passiva correspondia então á preocupação de que era condenavel fazer tais suposições em relação á pessoa sagrada de Cristo. Esforçava-se, pois, por manter sua nova sublimação livre dos complementos emanados das fontes do recalcado, porém não o conseguiu.

Ainda não compreendemos porque tambem se insurgia contra o carater passivo de Cristo

e contra os maus tratos que seu pai lhe impunha, começando assim a renegar mesmo em sua sublimação seu ideal masoquista, até então mantido. Podemos supor que este segundo conflito foi particularmente favoravel ao aparecimento das idéas obsessivas humilhantes, provindas do primeiro (entre a corrente masoquista dominante e a corrente homossexual recalcada), pois é natural que em um conflito dalma todas as tendencias contrarias, ainda que das mais diversas fontes, se somem umas ás outras. Novas comunicações revelaram-nos o motivo da sua rebeldia e com isto o da critica exercida sobre a religião.

Tambem sua investigação da sexualidade logrou vantagens dos ensinamentos sobre a Historia Sagrada. Até então não possuia base para admitir que as crianças provêm sómente da mulher. Ao contrario, a Nanja fizera acreditar que ele era filho apenas do pai e a irmã, filha só de sua mãe e esta relação mais intima com o pai foi muito valiosa para o menino. Ouviu então que Maria era chamada a mãe de Deus, por conseguinte as crianças provinham de mulher e a informação da Nanja tinha que ser abandonada. Além disto os relatos da Historia Sagrada lhe causavam confusão quanto ao saber quem era propriamente o pai de Cristo. Estava inclinado a admitir que fosse José, pois ouviu dizer que eles viveram sempre juntos, mas a Nanja dizia que este fazia apenas as vezes de pai, sendo o verdadeiro pai Deus. Semelhante explicação não lhe extinguira as duvidas. Com-

preendia apenas que a relação entre pai e filho não era tão intima quanto sempre se lhe havia figurado.

O menino sentia de certo modo em relação ao pai a ambivalencia afetiva integrada em todas as religiões e atacava sua religião por causa do afrouxamento desta relação com o pai. Como era natural, sua oposição deixou em breve de ser uma duvida sobre a veracidade da doutrina e se orientou diretamente contra a pessoa de Deus. Este tratara dura e cruelmente a seu filho e não se mostrou melhor para com os homens. Sacrificara o filho e exigira o mesmo de Abraão. Começou, pois, o paciente a temer a Deus.

Se ele era Cristo, seu pai era Deus. Mas o Deus que a religião lhe impunha, não era o perfeito substituto do pai, que ele amara e que não queria que lhe roubassem. Seu amor a este pai creou sua argucia critica. Teve que atravessar aqui uma ardua fase de seu desligamento do pai. Foi de seu antigo amor a seu progenitor, já manifestado muito cedo, que tirou a energia para atacar a Deus e a argucia para criticar a religião. Mas, por outro lado, tal hostilidade contra o novo Deus não foi um ato original, pois teve seu prototipo em um impulso hostil contra o pai, impulso este que surgira sob a influencia do sonho angustioso e em suma era apenas uma revivescencia do mesmo. Os dois impulsos sentimentais opostos que haviam de reger toda sua vida posterior, encontraram-se aqui

para o combate de ambivalencia no tema religioso. O que desta luta resultou na qualidade de sintoma, as idéas blasfemas e a obsessão que o assaltou, de associar sempre a idéa de Deus com as de «esterco» e «porco», era por tal razão o resultado autentico de uma transação, como no-lo demonstrará a analise, destas idéas com o erotismo anal.

Alguns outros sintomas obsessivos de modalidade menos tipica referem-se com identica segurança ao pai, mas tambem permitem reconhecer o laço de dependencia entre a neurose obsessiva e os sucessos casuais anteriores. Entre as cerimonias religiosas com que por fim expiou suas blasfemias, contava-se tambem o preceito de respirar de um modo solene em determinadas circunstancias. Ao fazer o sinal da cruz tinha que inspirar profundamente ou expirar com força. Em sua lingua, halito é igual a espirito. Isto era o papel do Espirito Santo. Tinha que inspirar este ultimo ou expirar os maus espiritos de que ouvia falar e sobre que lera (24). Estes espiritos maus atribuia ás idéas blasfemas, pelas quais tinha que fazer tanta penitencia. Era, porém, forçado, a expirar fortemente quando via mendigos, invalidos, pessôas feias, velhas e dignas de compaixão, e, sem que soubesse como, relacionar esta obsessão com os espiritos. Unicamente se dava a si razão de fazer isto para não ficar como aqueles infelizes.

(24) Este sintoma, conforme ouviremos, apareceu aos seis anos, quando já sabia ler.

A analise em seguida a um sonho mostrou que a obsessão de expirar fortemente quando via pessoas dignas de lastima havia começado sómente depois dos seis anos e se achava relacionada a seu pai. Ha longos mêses as crianças não viam este, quando a mãe lhe anunciou que os iria levar á cidade para lhes mostrar alguma cousa que muito os alegraria. Com efeito, conduziu-os a um sanatorio onde visitaram o pai, cujo mau aspeto causou muito pesar ao filho. O pai foi, pois, o prototipo dos invalidos, mendigos e pobres, deante dos quais era o paciente forçado a expirar com força, como em outros casos é o das formas imprecisas que se vêm nos estados de medo, e das caricaturas burlescas. Veremos mais adeante que esta atitude compassiva se relaciona com um pormenor especial da cena primitiva, o qual veio atuar tão tardiamente na neurose obsessiva.

O proposito de não ficar como aquelas pessoas dignas de lastima e que motivava sua expiração forte deante das mesmas, era, pois, a antiga identificação com o pai transformada em sentido negativo. Mas com isto copiara tambem o pai em sentido positivo, porquanto o respirar fortemente era a imitação do ruído, que ouvira partir daquele durante a copula [25]. Assim, pois, o Espirito Santo devia sua origem a este sinal da excitação sexual masculina. O recalcamento converteu esta respiração em espirito mau, para o qual havia ainda

---

[25] Pressuposta, claro está, a realidade da cena primitiva.

uma outra genese, a saber, a malaria, da qual sofrera na epoca da cena primitiva.

A repulsa contra estes espiritos maus correspondia a um traço ascetico evidente, que se manifestou ainda em outras reações. Quando ouviu que de uma feita Cristo havia introduzido alguns maus espiritos em porcos, os quais se precipitaram num abismo, pensou que sua irmã quando muito pequena rolara de um caminho nos penhascos á praia. Ela era tambem um espirito mau e uma porca; daí um caminho curto o conduziu á associação Deus — porco. Tambem seu pai mesmo se revelara dominado pela sensualidade. Quando o paciente soube da historia dos primeiros homens ocorreu-lhe a idéa da semelhança de sua sorte com a de Adão. Em conversa com a Nanja se fingiu hipocritamente admirado de que Adão se tivesse deixado arrastar á desgraça por uma mulher e prometeu á Nanja jamais casar-se. Nesta epoca se manifestou intensa inimizade contra as mulheres por causa da sedução por parte da irmã. Tal hostilidade havia ainda de perturbar frequentemente sua vida erotica. A irmã foi para ele durante muito tempo a encarnação do pecado e da tentação. Toda vez que acabava de se confessar tinha a impressão de estar puro e sem culpa. Mas parecia-lhe então que a irmã espreitava o ensejo para lança-lo de novo no pecado e antes que se pudesse dar conta havia provocado uma violenta disputa com a irmã e pecara outra vez. Assim se via forçado continuadamente a reproduzir o fato da sedução. Por outra parte nunca havia declarado na

confissão suas idéas blasfemas, por mais que estas o oprimissem.

Chegamos sem perceber ao quadro sintomatico dos anos posteriores da neurose obsessiva e, deixando de parte muita coisa de permeio, vamos relatar o exito daquela. Já sabemos que a neurose, abstraindo-se de sua existencia permanente, experimentava agravações temporarias. Umas destas ocorreu por ocasião da morte, na mesma rua, de um menino com quem ele se poude identificar. Aos dez anos foi confiado a um preceptor alemão, que não tardou em adquirir sobre ele extraordinaria influencia. É muito instrutivo verificar que toda sua religiosidade desapareceu para nunca mais voltar quando em suas conversas com o preceptor percebeu que aquele substituto do pai não dava valor algum á religiosidade e não cria na verdade das doutrinas religiosas. Seu fervor religioso desapareceu com sua adesão ao pai, substituido agora por um novo pai mais acessivel. Contudo tal desaparecimento não se deu sem um novo surto da neurose obsessiva, do qual o paciente se lembra especialmente, a obsessão de pensar na Santissima Trindade toda vez que via na rua três monticulos de esterco. Sabemos que o paciente jamais cedia a um estimulo novo sem fazer antes uma tentativa de reter aquilo que perdera o valor. Quando o professor o convidou a renunciar ás crueldades contra os pequenos animais, poz termo a estas, porém não sem antes se satisfazer ainda uma vez, cortando lagartas. Durante o tratamento pela analise ainda se

comportou do mesmo modo, manifestando sempre uma «reação negativa» passageira. Após cada solução incisiva tentava por certo tempo negar seu efeito com uma agravação do sintoma correspondente. Sabe-se que as crianças em geral se portam de modo semelhante deante das proibições. Quando se ralha com elas, por exemplo, por causa de um barulho insuportavel que estão fazendo, repetem-no ainda uma vez antes de cessar, aparentando assim agirem de *motu proprio* e se terem rebelado contra a proibição.

Sob a influencia do preceptor alemão originou-se uma nova e melhor sublimação de seu sadismo, o qual correspondendo á puberdade, que estava proxima, adquiriu então o predominio sobre o masoquismo. Começou a entusiasmar-se pela vida militar, pelos uniformes, cavalos e pelas armas e nutria com tais idéas sonhos diurnos. Deste modo chegou pela influencia de um homem a libertar-se de suas atitudes passivas e achar-se em caminhos quasi normais. Como o efeito de sua adesão ao preceptor, que não tardou a separar-se dele, lhe ficou uma preferencia por tudo que era alemão (medicos, estabelecimentos, mulheres) sobre o que para o mesmo era nacional (representação do pai), circunstancia que facilitou consideravelmente a transferencia na cura.

Á epoca anterior a sua libertação pelo professor tudesco pertence um sonho que citaremos por haver ficado esquecido até sua emergência no curso do tratamento. Viu-se a cavalo e perseguido por uma lagarta

gigantesca. Reconheceu neste sonho uma alusão a um outro ocorrido antes da chegada do preceptor alemão e que haviamos interpretado muito tempo antes. Neste primeiro sonho, havia visto o demonio vestido de preto e na posição erecta, a qual no lobo e no leão tanto o havia impressionado. Com o dedo estendido apontava o demo para um enorme caracol. Não tardou em advinhar que aquele diabo pertencia a uma historia conhecida e que o sonho mesmo era uma elaboração transformada de um quadro muito espalhado, que representava o demonio em uma cena amorosa com uma moça. O caracol como extranho simbolo sexual feminino substituia a mulher. Orientado pelo gesto indicativo do demonio foi-nos facil atinar com a significação do sonho: o paciente anelava por alguem que lhe deveria proporcionar os ultimos ensinamentos de que ainda necessitava sobre o enigma do congresso sexual, como antes na cena primitiva o pai lhe havia fornecido os primeiros.

Outro sonho ulterior em que o simbolo feminino foi substituido pelo masculino, recordou-lhe um determinado fato pouco antes ocorrido com ele. Certo dia quando passeava a cavalo pela quinta passou por um camponez que dormia e a cujo lado estava deitado o filho. Este acordou o pai e disse-lhe algo que fez com que o mesmo se levantasse e começasse a injuriar e perseguir o transeunte, que tratou de se afastar ás pressas. Além desta lembrança associou ao sonho a de que na mesma quinta havia arvores que se apresentavam completamente brancas por se acharem cobertas de fios de lagartas. Do

que o paciente fugiu realmente foi da realização da fantasia de que o filho dormia junto a seu pai e a lembrança das arvores brancas foi evocada para estabelecer um nexo com o sonho angustioso dos lobos brancos sobre a nogueira. Foi, portanto, um acesso de medo, deante daquela atitude feminina em face do homem contra o qual se protegera a principio com a sublimação religiosa e se devia proteger pouco depois, ainda muito mais eficazmente, com a sublimação militar.

Seria um grave erro admitir que após a cessação dos sintomas obsessivos não restaram alguns efeitos permanentes da neurose obsessiva. O processo conduzira a uma vitoria da fé religiosa sobre a rebelião critica e investigadora e tivera como premissa o recalcamento da atitude homossexual. De ambos os fatores resultaram danos permanentes. Desde esta primeira grande derrota a atitude intelectual ficou gravemente prejudicada. O individuo não revelou desejo algum de aprender nem mais aquela argucia com que na idade de 5 anos analisara os ensinamentos da religião. O recalcamento da homossexualidade ocorrido durante aquele sonho angustioso reservou para o inconciente aquele importantissimo impulso, conservando-lhe assim sua primitiva orientação para o fim sexual, e a subtraiu a todas as sublimações ás quais ordinariamente se presta. Ao paciente faltavam, pois, todos os interesses sociais, que dão conteúdo á vida. Sómente quando o tratamento psicanalitico conseguiu a supressão deste acorrentamento da homosse-

xualidade poude melhorar a situação e foi muito interessante assistir como sem advertencia direta do medico cada fragmento libertado da libido homossexual procurou uma explicação na vida e uma adesão ás grandes tarefas coletivas da humanidade.

VII

O erotismo anal e o complexo da castração

Convem lembrar-se o leitor de que foi, por assim dizer, como produto secundario durante a analise de uma doença no adulto que obtivemos a historia de uma neurose infantil. Tivemos, pois, que a recompor com fragmentos ainda menores do que em geral se oferecem á sintese. Este trabalho, não excessivamente dificil quanto ao mais, encontra um limite natural quando se trata de concretizar no plano da descrição uma figura multidimensional. Cumpre, pois, contentarmo-nos com apresentar os fragmentos que o leitor pode reunir para formar um todo unitario e harmonico. A neurose obsessiva descrita nasceu, como já repetimos, no terreno de uma constituição sadico-anal. Até aqui, porém, só cogitamos de um dos seus fatores principais, o sadismo, e de suas transformações. Tudo que concerne ao erotismo anal de proposito se deixou de lado e deverá agora ser apresentado numa exposição de conjunto.

Os analistas estão ha muito tempo de acordo em admitir que na conformação da vida sexual e da

atividade psiquica cabe uma extrema importancia aos multiplos impulsos instintivos reunidos sob a denominação de erotismo anal. Igualmente concordam que uma das exteriorizações mais importantes do erotismo transformado e procedente desta fonte se nos oferece no apreço do dinheiro, materia valiosa que no curso da vida atrai para si o interesse psiquico orientado a principio para as fezes, ou seja, para o produto da zona anal. Acostumamo-nos a referir o interesse pelo dinheiro quando esse é de natureza libidinal e não racional ao prazer dos excrementos e a exigir do homem normal que mantenha absolutamente livre de influencias libidinais sua relação com o dinheiro e a regule segundo normas deduzidas da realidade. Esta relação esteve muito perturbada no nosso paciente no tempo de sua doença na idade adulta, constituindo isto uma das causas mais importantes de sua falta de independencia e de sua incapacidade para a vida. As heranças do pai e do tio enriqueceram-no muito e este concedia grande importancia a ser tido como rico e se aborrecia muito quando alguem duvidava de sua fortuna. Contudo não sabia quanto possuia, quanto gastava e nem o que lhe restava. Era dificil dizer se se devia qualifica-lo como avarento ou prodigo, pois se conduzia, ora de um ora de outro modo e nunca de forma que que pudesse indicar um proposito consequente. Por alguns traços singulares que exporemos adeante, podia ser considerado um ricaço vaidoso, que via em sua riqueza a maior superioridade de sua pes-

soa e aos interesses afetivos antepunha sempre os monetarios. Porém, não avaliava os outros pela sua riqueza e, em muitas ocasiões, se mostrava modesto, generoso e compassivo. O dinheiro estava subtraído a sua disposição conciente e representava algo outro.

Já mencionamos que nos pareceu muito extranho o modo pelo qual se consolou da perda da irmã, que nos ultimos anos fôra sua melhor camarada, com a reflexão de que agora não precisava mais repartir com essa a herança dos pais. Mais singular era talvez a serenidade com que contava isto, como se não percebesse a mesquinhez que tal confissão revelava. A analise o rehabilitou, mostrando que a dor pela morte da irmã sofrera apenas um deslocamento, mas isto resultou ainda mais incompreensivel, não obstante tivesse querido encontrar no enriquecimento uma compensação.

Em outro caso a ele mesmo pareceu sua conduta enigmatica. A fortuna deixada por morte do pai foi dividida entre o paciente e sua mãe. Esta a administrava e satisfazia os pedidos de dinheiro do filho de maneira irrepreensivel, como ele proprio afirmava. Apesar disto toda conversa entre eles sobre questões de dinheiro costumava terminar da parte do paciente com as mais violentas queixas. Dizia que sua mãe não o amava, que pensava em economizar á custa dele e provavelmente o preferia ver morto para dispor de todo o dinheiro. Em pranto a mãe protestava o seu desinteresse, o paciente envergonhava-se e asseverava com toda razão que jamais pensara,

realmente, tais cousas dela, porém com a certeza de repetir a mesma cena na primeira ocasião.

O fato das fezes terem para ele, muito tempo antes da analise, a significação de dinheiro se depreende de uma serie de incidentes, dois dos quais exporemos aqui. Em uma epoca em que o intestino ainda permanecia totalmente alheio a seus padecimentos, visitou um dia seu primo, que vivia pobremente numa grande cidade. Depois da visita recriminou-se de não haver auxiliado com dinheiro a este parente e teve então, ato continuo, a «vontade de evacuar, talvez a maior de sua vida». Dois anos mais tarde concedeu realmente uma pensão a este primo. O outro caso é o seguinte. Aos 18 anos, quando se preparava para o exame de madureza, visitou um colega e combinou com este as precauções que o medo de reprovação no exame lhes aconselhava. Resolveram peitar o bedel e a parte com que o nosso paciente contribuiu para a soma necessaria foi naturalmente maior. Em regresso para casa, pensou em dar de bom grado ainda mais dinheiro, se conseguisse passar no exame, se neste nada de mal lhe acontecesse e de fato lhe ocorreu um outro contratempo (*) antes de chegar á porta de sua residencia.

Estamos preparados para ouvir que em sua doença ulterior, sofreu pertinazes perturbações do intestino sujeitas a oscilações dependentes de varias circunstancias. Quando recorreu a nosso

(*) O contratempo de que fala o autor, foi ter o paciente evacuado nas calças. (N. do T.).

tratamento se havia habituado a clisteres, que um creado lhe aplicava, e passava mêses a fio sem exonerações espontaneas, salvo quando experimentava uma subita e determinada excitação, que tinha a virtude de restabelecer por alguns dias a atividade normal do intestino. Sua queixa principal era de que o mundo se lhe mostrava envolto num veu ou de que se achava separado do mundo por um veu. Este só se rompia no momento em que por ocasião do clister o conteúdo intestinal abandonava o reto e então o paciente se sentia de novo são e normal ([26]).

O colega a quem enviamos o paciente afim de dar opinião sobre o estado intestinal deste, foi bastante perspicaz para declarar que tais disturbios eram de origem funcional ou mesmo psiquica e abster-se de prescrever qualquer medicação energica. Com efeito, nem medicação alguma nem a dieta prescrita proporcionaram alivio. Durante os anos do tratamento analitico, o paciente não tinha dejeções espontaneas (abstraindo-se daquelas provocadas pelas influencias subitas antes mencionadas), mas convenceu-se de que qualquer tratamento mais intenso do orgão obstinado ainda peoraria seu estado e contentava-se com provocar evacuações, uma ou duas vezes por semana, por meio de clister ou de laxante.

Falando das perturbações intestinais de nosso paciente, concedemos a seu estado morbido na idade adulta uma importancia maior do que até agora lhe vinhamos atribuindo na exposição de sua neurose

([26]) O efeito era o mesmo quer o clister fosse aplicado por ele, quer por outra pessoa.

infantil. Dois motivos nos levaram a isto, a saber: em primeiro logar os sintomas intestinais correspondentes á neurose infantil pouco se modificaram na doença ulterior e em segundo coube a eles um papel capital na terminação do tratamento.

Conhecemos já a importancia que para o medico que analisa uma neurose obsessiva tem a duvida, a qual é a arma mais forte do doente e o meio preferido por sua resistencia. Graças a esta duvida poude nosso paciente, entrincheirado numa indiferença respeitosa, fazer com que todos os esforços terapeuticos da cura resvalassem sobre ele durante anos inteiros. Não experimentava o menor alivio e não havia meio algum de convence-lo. Afinal descobrimos a importancia da perturbação intestinal para nossos objetivos; representava esta, aquela parte de histeria que regularmente se encontra no fundo de toda neurose obsessiva. Prometemos ao paciente restabelecer completamente sua atividade intestinal; por meio de tal promessa tornamos patente sua descrença e tivemos então a satisfação de ver se desvanecerem suas duvidas quando o intestino começou a «intervir» no trabalho e acabou recobrando no curso de poucas semanas sua função normal, que esteve durante tanto tempo perdida.

Retornamos agora á infancia do paciente, a uma idade na qual as fezes ainda não podiam ter para ele a significação de dinheiro.

Aquele havia começado a padecer muito cedo de perturbações intestinais e sobretudo da mais frequente e mais normal na criança: a incontinencia.

Mas indubitavelmente andamos acertado, afastando uma explicação de ordem patologica para estes fatos tão precoces e vendo neles apenas uma prova da intenção de não deixar que lhe estorvassem ou impedissem a consecução do prazer ligado ao ato de defecar. Até muito depois do começo de sua doença ulterior, conservou o paciente aquele prazer intenso relativo a pilherias e figuras concernentes ao anus e que corresponde em geral á rudeza natural de algumas classes sociais.

No tempo em que esteve confiado aos cuidados da governante inglêsa, aconteceu varias vezes que a Nanja e ele eram obrigados a ocupar o mesmo quarto que aquela mulher odiada. A Nanja então observou com clara compreensão, que precisamente naquelas noites o menino evacuava na cama, o que fora disto não costumava acontecer. O mesmo não se envergonhava deste fato, que era uma manifestação de rebeldía contra a governante.

Um ano mais tarde, (aos 4 anos e meio) na epoca do medo, acontecia que durante o dia evacuava nas calças. Isto o envergonhava muito e quando o limpavam, queixava-se vivamente de que assim não mais podia viver. Neste comenos se havia modificado alguma coisa para cuja pista fomos conduzido pelo exame de sua lamentação. Verificou-se que repetiu as palavras ouvidas de outra pessoa. Certa vez [27] sua mãe o havia levado consigo

[27] Não foi possivel fixar a data deste fato, mas devemos supo-lo anterior ao sonho de angustia, provavelmente anterior á viagem dos pais.

á estação de estrada de ferro, quando acompanhava o medico que a tinha ido visitar. Durante o caminho ela se queixava ao facultativo de suas dôres e hemorragias e proferira as mesmas palavras — «assim não posso mais viver» — sem a menor suspeita de que a criança as conservaria na memoria. A queixa que o paciente em sua doença posterior teve que repetir inumeras vezes significava, portanto, uma identificação com sua mãe. Não tardou o paciente em recordar um elemento intermedio cuja falta se notara entre os dois fatos relativos quer quanto ao tempo quer quanto ao conteúdo. No começo de seu periodo de medo sua mãe advertira repetidamente a todos de casa a necessidade de observar as precauções devidas, para que as crianças não fossem acometidas de disenteria, doença de que havia muitos casos nas proximidades da quinta. O menino indagou que vinha a ser disenteria e ao ter ouvido que nesta se encontra sangue nos dejétos ficou muito assustado e afirmou que em suas fezes havia este; temeu morrer de disenteria, mas o exame cuidadoso das mesmas convenceu-o de que se havia enganado e não tinha de que recear. Compreendemos que neste medo se queria efetuar a identificação com sua mãe, a respeito de cujas hemorragias ouvira esta falar com o medico. Em sua tentativa posterior de identificação (aos 4 anos e meio) faltou o pormenor do sangue e deste modo o paciente já não compreendeu sua reação intensa ao incidente e a atribuiu á vergonha, sem saber que seu motivo verdadeiro era o medo

de morrer, que se exteriorizou inequivocamente em sua queixa.

A progenitora que sofria do utero, temia tanto por si como pelos filhos, e é muito provavel que o temor do menino se apoiasse não só em seus motivos proprios, mas tambem na identificação com sua mãe.

Que devia significar esta identificação?

Entre a atrevida aplicação da incontinencia aos 3 anos e meio e o espanto que esta lhe produzia aos 4 e meio, se deu o sonho, que iniciou seu periodo de medo e lhe permitiu uma compreensão a posteriori da cena vivída com 1 ano e meio e a explicação do papel correspondente á mulher no ato sexual. É possivel relacionar com esta magna transformação a de sua conduta no que diz respeito á defecação. A desinteria era, evidentemente, para ele, a doença de que a mãe se queixara ao medico e com a qual não era possivel viver. Assim pois, para o menino sua mãe sofria de uma doença intestinal e não genital. Sob a influencia da cena primitiva lhe nasceu a idéa de dependencia entre a doença materna e o que o pai praticara com a esposa ([28]). Seu medo de deitar sangue ao defecar, ou seja, de estar doente como sua genitora, era a repulsa de sua identificação com essa naquela cena sexual, a mesma repulsa com que despertara do sonho. A angustia era tambem prova de que na elaboração ulterior

([28]) Dedução provavelmente acertada.

da cena primitiva ele se substituira á sua mãe, invejando-a naquela relação com o pai. O orgão em que se podia manifestar esta identificação com a mulher e portanto a atitude passiva homossexual em relação ao homem, era a zona anal. As perturbações funcionais desta haviam adquirido assim a significação de impulsos eroticos femininos e a conservaram durante a doença ulterior.

Levanta-se aqui um argumento contrario, cuja discussão muito pode contribuir para esclarecer a situação aparentemente confusa. Tivemos que admitir que o paciente compreendeu durante o processo do sonho que a mulher é castrada e tem ao envés do membro viril uma ferida que serve para a copula, sendo assim a castração condição indispensavel de feminilidade, e que esta ameaça de perder o penis o havia levado a reprimir sua atitude feminina deante do homem em relação ao pai, despertando então com medo de seu onirismo homossexual. Como se compadecem esta interpretação do ato sexual e este reconhecimento da existencia da vagina com a escolha do reto para a identificação com a mulher? Não repousarão, por ventura, os sintomas intestinais sobre a concepção provavelmente anterior e inteiramente oposta ao medo de castração de que a parte terminal do intestino é o logar da copula?

Certamente fica de pé a contradição assinalada e as duas teorias expostas são irreconciliaveis. A questão reside apenas em saber se realmente ha necessidade de que sejam compativeis. Nossa extra-

nheza provém de que sempre somos inclinados a tratar os processos psiquicos inconcientes da mesma fórma que os concientes, esquecendo a profunda diferença entre os dois sistemas psiquicos.

Quando a expectação excitada do sonho de Natal lhe apresentou o quadro da copula dos pais, outrora assistida (ou reconstruida), surgiu certamente em primeiro logar a antiga interpretação do congresso sexual, segundo a qual a parte do corpo que recebia o penis era a porção final do intestino. Que outra coisa podia ter ele acreditado quando com um ano è meio assistiu áquela cena [29]. Mas depois vieram os novos sucessos aos 4 anos. Suas aquisições correspondentes a esse intervalo de tempo e os indicios sobre a possibilidade da castração despertaram e lançaram uma duvida sobre a «teoria da cloaca», aproximando-o do descobrimento da diferença dos sexos e do papel sexual da mulher. Porém o paciente se portou deante disso, como em geral o fazem as crianças, ás quais se fornece uma explicação não desejada — sexual ou de outra especie. Rejeitou a novidade — no nosso caso por motivos de medo de castração — e ficou aferrado á idéa antiga. Decidiu-se pelo intestino contra a vagina do mesmo modo e pelos mesmos motivos que depois o fizeram tomar partido a favor do pai e contra Deus. A nossa explicação foi recusada e mantida a teoria antiga, a qual devia fornecer então o material para a identificação com a mulher,

(29) Ou enquanto não compreendeu o coito dos cães.

identificação esta que oferece mais tarde sob a forma de medo de morrer de uma doença intestinal e das primeiras preocupações religiosas, a de saber se Cristo tivera trazeiro, etc. Por outra parte, seria errado crer que o nosso descobrimento permaneceu ineficaz, pois bem ao contrario teve uma forte atuação, convertendo-se em motivo de manter recalcado todo o processo onirico e de excluí-lo de toda elaboração ulterior conciente. Porém com isto se exgotou sua eficacia e já não exerceu influencia alguma na decisão do problema sexual. Constituiu desde logo uma contradição o fato de daí em deante poder existir o medo da castração ao lado da identificação com a mulher por meio do intestino, mas trata-se apenas de uma contradição logica que não tem neste terreno maior significação. Todo o processo é agora carateristico da forma de trabalhar do inconciente. Um recalcamento é algo bem diferente duma repulsa.

Quando estudamos a genese da licofobia pesquisamos os efeitos da nossa concepção do ato sexual; agora, investigando as perturbações da atividade intestinal, achamo-nos sobre o terreno da antiga teoria da cloaca. Os dous pontos de vista permanecem separados por uma fase do recalcamento. A atitude feminina em face do homem, afastada pelo recalcamento, refugia-se no quadro dos sintomas intestinais e se manifesta nas frequentes diarréas, constipações e dores intestinais nos anos da infancia. As fantasias sexuais posteriores, baseadas em conhecimentos sexuais exatos, podem assim exteriorizar-se de modo regressivo como perturbações intestinais.

Nós, porém, não as compreendemos até que descobrimos a mudança de significação experimentada pelas fezes depois dos primeiros dias da infancia ([30]).

Mais atraz deixamos ver que um fragmento do conteúdo da cena primitiva foi retido e o apresentamos agora. A criança interrompeu por fim a copula dos pais com uma evacuação que poude motivar seu pranto. Tudo que do outro conteúdo da mesma cena trouxemos para a discussão vale para a critica deste aditamento. O paciente aceitou este ato final por nós reconstruido e pareceu confirma-lo com a produção de «sintomas passageiros». Tivemos que retirar outra adição, que consistiu em supor que o pai, aborrecido com a interrupção do coito, havia dado livre expansão a seu enfado, pois o material da analise não mostra reação alguma. Aquele pormenor ultimamente acrescentado não deve ser colocado no mesmo plano que o conteúdo restante da cena. Não se trata neste pormenor de uma impressão do exterior, cujo retorno se deve esperar em muitos sinais posteriores, mas sim de uma reação pessoal da criança. Sua ausencia ou sua inclusão ulterior no processo da cena não trariam consigo modificação alguma do conjunto. Sua interpretação porém, não dá margem a duvidas. Tal reação exprime uma excitação da zona anal (no sentido mais lato). Em outros casos analogos uma tal observação da copula terminou com uma micção e um adulto teria

---

([30]) Conf.: Ueber Triebumsetzungen usw. (Ges. Schriften, vol. V).

em condições identicas uma ereção. O fato de que nosso menino efetuou como sinal de sua excitação sexual uma dejeção deve ser considerado como um carater de sua constituição sexual congenita. Ele toma logo uma atitude passiva, mostrando-se mais inclinado a uma identificação posterior com a mulher do que com o homem.

Nestas circunstancias utiliza o conteúdo intestinal, como qualquer criança, em uma das suas primeiras e mais preliminares significações. As fezes são o primeiro presente, a primeira prova de carinho do pequeno ser, de uma parte do proprio corpo, da qual o individuo se aliena em favor sómente de uma pessoa amada[31]. A sua utilização em sinal de rebeldia, como no nosso caso, aos 3 anos e meio, contra a governante, é apenas a transformação negativa daquela significação anterior de presente. O *grumus merdae* que os ladrões ás vezes deixam no local do delito, parece reunir duas significações: a mofa e a indenisação expressada em forma regressiva. Sempre que é alcançada uma fase superior, pode a inferior continuar a ser

---

[31] E' facil de comprovar que lactentes sujam com suas fezes as pessoas que conhecem e de que gostam; não concedem a estranhos esta distinção. Nos «Tres ensaios para a teoria sexual» mencionamos o primeiro aproveitamento das fezes para excitação auto-erotica da mucosa intestinal. Os progressos da investigação nos revelaram que a defecação se acha regida pela relação com um objeto ao qual a criança quer mostrar com ela sua obediencia e seu afeto. Esta relação prolonga-se em seguida no fato do ser infantil só se deixar colocar no urinol ou auxiliar no urinar por certas pessôas que lhe são queridas, no que tambem intervêm outros processos de satisfação.

utilizada em sentido negativo rebaixado. O recalcamento encontra sua expressão na antitese ([32]).

Numa fase anterior da evolução sexual tomam as fezes a significação de «criança». Esta ultima seria expelida pelo anus como as fezes. A significação de presente dada a estas permite facilmente esta mudança. Na linguagem corrente o filho é designado como «um presente» e a mulher diz frequentemente que «presenteou ao homem com uma criança», mas no uso do inconciente considera-se igualmente com razão o fato inverso, a saber, que a mulher «recebeu» a criança como presente do homem.

A significação de dinheiro dada ás fezes parte da de presente e toma outra direção.

A antiga lembrança de cobertura do nosso paciente segundo a qual havia tido o primeiro acesso de colera por não ter recebido no Natal bastantes presentes, revela-nos agora seu sentido mais profundo. O que faltava ao paciente era a satisfação da sexualidade que ainda interpretava no sentido anal. Sua investigação sexual estava orientada neste sentido antes do sonho e havia compreendido durante o processo do mesmo que o ato sexual resolvia o enigma da origem das crianças. Já antes do sonho o menino não gostava de crianças pequeninas. Certa vez encontrou um filhote de passarinho, ainda implume, que caíra do ninho, e tomou esse por uma criança e teve medo do mesmo. Mostrou a analise, que todos

([32]) No inconciente não existe «não»; as antiteses coesistem fundidas. A negação é introduzida pelo processo do recalcamento.

os pequenos animais, lagartas, insetos, contra os quais se enfurecia, tinham para ele a significação de criancinhas ([33]). Sua relação com a irmã, de mais idade que o mesmo, dera-lhe o ensejo de refletir muito sobre as relações das crianças mais idosas com as mais novas e a afirmação da Nanja de que sua mãe gostava muito dele, porque era o mais moço, deu-lhe motivo compreensivel de desejar não ser sucedido por outra criança menor. Sob a influencia do sonho que lhe apresentou a copula entre os pais, experimentou seu medo de semelhante possibilidade uma revivescencia.

Devemos, pois, acrescentar ás correntes sexuais que já conhecemos, uma outra nova, emanada como as demais da cena primitiva reproduzida no sonho. Na identificação com a mulher (a mãe) está ele disposto a presentear o pai com um filho e sente ciumes de sua mãe, que já fez e talvez torne a fazer isto. Por um rodeio que atravessa o ponto de partida comum da significação de presente pode agora o dinheiro incorporar a si a significação de criança e chegar assim a constituir-se em expressão da satisfação feminina (homossexual). Este processo realizou-se em nossa paciente por ocasião de se achar com sua irmã em um sanatorio alemão e ver que o pai deu a irmã duas grandes cedulas. Este fato despertou o ciume do menino, que sempre em sua fantasia suspeitara das relações do

---

([33]) Igualmente a sevandija, que nos sonhos e nas fobias frequentemente está em logar das criancinhas.

pai com a irmã; quando ficou a sós com ela exigiu que esta lhe entregasse sua parte daquele dinheiro e isto com tal violencia e tais exprobações que a menina em prantos lhe entregou todo. Não foi sómente o dinheiro em si que o excitou, mais do que isto a criança que esse significava, isto é, a satisfação sexual anal por parte do pai. Em consequencia, seus pensamentos sómente significavam em realidade o seguinte: agora sou o unico filho e meu pai tem que amar a mim apenas. Mas o fundo homossexual desta reflexão, absolutamente capaz de conciencia, era tão insuportavel que teve essa de ser disfarçada de sua sordida cubiça para grande alivio do individuo.

Fato semelhante se deu quando após a morte de seu pai dirigia ele a sua mãe aquelas injustas acusações de que preferia o dinheiro a seu proprio filho e de que gostava mais daquele do que deste. O antigo ciume por julgar que ela gostava de outra criança, a possibilidade de que a mesma desejasse um outro filho o obrigaram a dirigir-lhe acusações, cuja inconsistencia ele proprio reconhecia.

Esta analise da significação das fezes nos explica que as idéas obsessivas que levavam a relacionar Deus com fezes exprimiam algo mais do que a ofensa blasfema que nessas via. Eram antes legitimos resultados de transações nos quais participava por um lado uma corrente carinhosa e respeitosa e por outro uma corrente insultante e hostil. A associação de «Deus — fezes» era provavelmente uma abreviatura

de uma oferta que ás vezes se ouve em fórma não abreviada. «Defecar sobre Deus», «defecar alguma coisa para Deus» quer dizer tambem dar-lhe um filho, fazer com que ele lhe dê um filho. A velha significação negativa e rebaixada de presente e a significação de criança que ulteriormente se desenvolveu da primeira, estão fundidas nas palavras obsessivas. Na ultima exprime-se uma ternura feminina, a disposição a renunciar a sua virilidade em troca de se poder ser amado como uma mulher. É este precisamente aquele impulso hostil contra Deus, expresso com palavras inequivocas no sistema delirante do paranoico Schreber ([34]), presidente do Senado.

Quando mais tarde falarmos sobre as ultimas soluções dos sintomas em nosso paciente ficará demonstrado novamente como seus disturbios intestinais se puzeram a serviço da corrente homossexual e exprimiram a atitude feminina em face do pai. Uma nova significação das fezes abrir-nos-á agora caminho para a investigação do complexo de castração. Ao excitar a mucosa intestinal erogena a massa fecal desempenha o papel de um orgão ativo, comportando-se como o penis em relação á mucosa vaginal e constituindo como que um precursor do mesmo na epoca da cloaca. Por sua parte, a excreção do conteúdo intestinal em favor (por amor de) de outra pessoa representa o prototipo da castração, sendo o primeiro caso de re-

([34]) Freud, Ges. Schriften, vol. VIII. pag. 353 e seg.

nuncia a uma parte do proprio corpo ([35]), com o fim de conseguir o favor de outra pessoa querida. O amor narcisico ao proprio penis não necessita, pois, de uma contribuição do erotismo anal. As fezes, a criança e o penis formaram, portanto, uma unidade, um conceito inconciente — *sit venia verbo* — o de pequena porção separavel do corpo. Por estas vias de ligação, podem-se realizar deslocamentos e incrementos da carga da libido, muito importante para a patologia e que a analise põe a descoberto. Já conhecemos a atitude inicial do nosso paciente em face do problema da castração. Ele rejeitou esta e permaneceu no ponto de vista da copula anal. Ao dizer que a rejeitou, referimo-nos ao fato de não querer saber nada dela no sentido do recalcamento. Tal atitude não supunha juizo algum sobre sua existencia, mas equivalia a faze-la inexistente. Esta atitude não poude ser a definitiva, nem mesmo nos anos de sua neurose infantil. Mais tarde encontramos bôas provas de que o paciente chegou a reconhecer a castração como uma realidade. Tambem neste ponto teve de conduzir-se conforme aquele traço carateristico de sua personalidade que tão dificil nos faz a exposição e compreensão de seu caso. Havia resistido a principio e depois cedido, mas nenhuma destas reações havia suprimido a outra e por fim coexistiam nele duas correntes contrarias, uma das quais rechaçava a castração, que

---

([35]) A criança considera as fezes como sendo uma parte do corpo.

a outra estava disposta a aceitar, consolando-se com a feminilidade como compensação. A terceira corrente, mais antiga e mais profunda, que se tinha limitado a rejeitar a castração sem emitir julgamento sobre sua realidade podia ser todavia ativada. Já referimos noutro trabalho ([36]) uma alucinação que o paciente teve aos 5 anos e a que ajuntaremos aqui um breve comentario:

«Quando contava 5 anos, brincava ao lado de minha ama no jardim, fazendo cortes com um canivete na casca de uma daquelas nogueiras que desempenham tambem papel ([37]) em meu sonho ([38]). Subitamente notei com indizivel espanto que havia cortado o dedo minimo da mão (direita ou esquerda?) e de tal modo que este estava apenas preso pela pele. Não sentia dores, mas sim grande medo. Não ousei dizer coisa alguma á ama que estava a poucos passos de mim, atirei-me sobre o banco mais proximo e permaneci assentado, incapaz de olhar para o dedo. Por fim me tranquilizei, olhei para este, que estava intato». Sabemos que aos quatro anos e meio e depois de travar conhecimento com a His-

---

([36]) Ueber fausse reconnaissance («déjà raconté») während der psychoanalytischen Arbeit. Intern. Zeitschr. für ärztliche Psychoanalyse, I, 1913.

([37]) Conf. Märchenstoffe in Träumen — Intern. Zeitschr. für ärztliche Psychoanalyse. (Ges. Schriften, vol. IIII, 2.)

([38]) Retificação por ocasião de uma narrativa posterior: «Creio que não dei corte algum na arvore. Isto é uma fusão com outra lembrança que tambem deve estar falseada por uma alucinação e que é a de ter feito com uma faca um corte em uma arvore da qual correu sangue».

toria Sagrada, se iniciou nele aquele intenso trabalho mental que culminou em sua devoção obsessiva. É portanto admissivel que a mencionada alucinação haja ocorrido no periodo em que o paciente se decidiu a reconhecer a realidade da castração, constituindo talvez a exteriorização daquele passo decisivo. Tambem a pequena retificação apresenta certo interesse. A circunstancia de ter experimentado na alucinação o mesmo fato horrivel que Tasso narra de seu heroi Tancredo na «Jerusalem Libertada», justifica a interpretação de que para o pequeno paciente significava a arvore uma mulher. Desempenhava, portanto, o papel do pai e relacionava as hemorragias maternas com a castração da mulher, com a «ferida», já por ele verificada. O estimulo desta alucinação partiu de um relato segundo o qual uma parenta nascera com 6 dedos num pé, tendo sido o dedo supra-numerario logo depois cortado com um machado. As mulheres não possuiam, pois, penis, por que lhes era cortado por ocasião do nascimento. Por este meio aceitou o paciente na epoca de sua neurose obsessiva o que já durante o sonho havia averiguado e repelido então pelo recalcamento. Tão pouco a circuncisão ritual de Cristo, como a de todos os judeus, lhe podia ser desconhecida depois da leitura da Historia Sagrada e das conversas sobre esta. É indubitavel que nesta epoca o pai se converteu para ele naquela pessoa temída que ameaçou efetuar a castração. O Deus cruel, com quem então lutava o menino e que deixa os homens cair em pecado para depois castiga-los e que sacri-

ficou seu filho e os filhos dos homens, projetava seu carater sobre seu pai, a quem por outro lado ele procurava defender contra aquele Deus. O menino teve que realizar aqui um esquema filogenico e o conseguiu ainda que suas experiencias pessoais não pareceram demonstra-lo. As ameaças de castração ou alusões a esta, das quais teve conhecimento, partiram sobretudo de mulheres (39), porém esta circunstancia não poude impedir por muito tempo o resultado final. É do pai que por fim temia a castração, vencendo a herança filogenica o sucesso acidental. Na prehistoria da humanidade foi certamente o pai que exerceu a castração como castigo, mitigando-a depois até reduzi-la á circuncisão. Quanto mais amplo se fazia no curso do processo da neurose obsessiva o recalcamento de sua sexualidade tanto mais natural havia de ser para ele o atribuir ao pai, o verdadeiro representante da atividade sexual, tais intenções más.

A identificação do pai com o castrador (40) adquiriu consideravel importancia como fonte de uma hostilidade intensa, inconciente, levada até o desejo de sua morte e dos sentimentos de culpabilidade surgidos como reação á mesma. Em tudo isto

(39) Sabemo-lo da Nanja e ainda o sabemos de outras mulheres.

(40) Aos sintomas mais torturantes e tambem mais grotescos de sua doença ulterior pertencia sua relação com todo alfaiate ao qual havia encomendado uma roupa, seu respeito e sua timidez deante desta alta personagem, suas tentativas de atrai-la para si por gorgetas muito grandes e seu desespero a proposito do resultado do trabalho por mais que este agradasse.

sua conduta era identica a de qualquer outro neurotico possuido de um complexo positivo de Edipo. O que havia de extraordinario era a coexistencia de uma corrente contraria, na qual o pai era o castrado e como tal lhe inspirava profunda compaixão. Na analise do cerimonial respiratorio á vista de invalidos, etc., pudemos mostrar que este sintoma se referia ao pai, o qual lhe havia causado pesar por ocasião da visita a este no Sanatorio. A analise permitiu investigar ainda mais para traz este processo. Quando o menino era muito pequeno, provavelmente ainda antes da sedução, havia na propriedade um pobre jornaleiro encarregado do transporte dagua para casa. Este não podia falar e dizia-se que era porque lhe haviam cortado a lingua. Era provavelmente um surdo-mudo. O menino gostava muito dele, lastimava sua sorte e depois da morte do infeliz, costumava procura-lo no firmamento([41]). Foi este o primeiro individuo defeituoso que lhe inspirou compaixão; segundo o contexto em que apareceu incluido e o momento de sua emergencia na analise foi tambem um substituto do pai.

A analise ligou a este mudo a lembrança de outros criados que lhe haviam sido simpaticos e dos quais o paciente salientou que eram enfermiços ou judeus (circuncisão). Tambem o criado que ajudou a o limpar quando com 4 anos e meio evacuou nas calças, era um judeu que estava tuberculoso e lhe inspirava

([41]) Lembramos aqui sonhos que ocorreram mais tarde do que o sonho angustioso, ainda na primeira quinta e nos quais a cena do coito aparecera como um processo entre corpos celestes.

compaixão. Todas essas pessôas pertencem ao periodo anterior a sua visita ao pai no Sanatorio, portanto, á epoca que precedeu ao aparecimento do cerimonial respiratorio destinado a evitar uma identificação com as pessôas que lhe causavam lastima. A analise orientou-se de repente, com motivo em um sonho, para a epoca prehistorica, fazendo com que o paciente afirmasse que no coito da cena primitiva vira o penis desaparecer e por isso se compadecera do pai, tendo-se alegrado com o reaparecimento do que acreditava perdido. Portanto um novo impulso afetivo nascido desta cena. A origem narcisica da compaixão mostra-se aqui com toda evidencia.

VIII

Complementos da epoca primitiva e solução

Acontece em muitas analises que ao aproximarmo-nos de seu fim surge de repente novo material mnemico até aí cuidadosamente ocultado. Ou tambem o paciente lança em tom indiferente uma observação aparentemente superflua, a esta junta-se em uma outra ocasião algo que logo desperta a atenção do medico e por fim se reconhece naquele insignificante fragmento de lembrança a chave dos mais importantes enigmas que a neurose encobre. Nos primeiros tempos da analise contou o nosso paciente uma lembrança procedente da epoca em que seus acessos de colera costumavam terminar em acessos

de medo e que era a seguinte. Certa vez perseguia uma borboleta bonita de grandes azas com listas amarelas e com prolongamentos terminais ponteagudos. De repente ao ve-la pousada numa flor foi invadido de terrivel medo do inseto e fugiu aos gritos. Esta lembrança voltava de tempos a tempos na analise e exigia uma explicação, que demorou em ser conseguida. Deviamos supor dantemão que tal pormenor não se conservara por si mesmo, porém que representava, na qualidade de lembrança de cobertura, alguma cousa mais importante, a que estava de qualquer forma preso. O paciente explicou um dia que em seu idioma borboleta era «babuschka», velha mãezinha, e que em geral nas borboletas vira sempre mulheres e meninas e nos besouros e lagartas, rapazes. Assim, pois, naquela cena de medo deveria ter-se despertado a lembrança de uma mulher. Não silenciaremos o fato de termos outrora aventado a possibilidade de que as listas amarelas das azas da borboleta lhe tivessem recordado listas semelhantes do traje de uma determinada mulher, solução totalmente erronea, como em seguida se verá, a qual, porém, não quizemos calar, para que ficasse demonstrado com um exemplo quão pouco contribue em geral a iniciativa do medico para solução dos problemas apresentados, sendo assim inteiramente injusto responsabilizar sua fantasia e a sugestão por ele exercida sobre o paciente pelos resultados da analise.

A proposito de algo absolutamente diferente e muitos mêses depois observou o paciente que o que

lhe inspirara medo fôra o movimento de abertura e fechamento das azas da borboleta quando pousada na flor. Tal movimento havia sido como o de uma mulher ao abrir as pernas, formando com estas a figura de um V ou seja de um 5 em algarismo romano, alusão á hora em que desde seus anos de meninice era diariamente acometido de um acesso de depressão.

Era esta uma idéa a qual jamais teriamos chegado e tanto mais valiosa quanto o processo de associação nela integrada apresentava um carater absolutamente infantil. Observamos em realidade com frequencia que a atenção das crianças é mais facilmente atraída por movimentos do que por formas em repouso e que elas baseiam muitas vezes em tais movimentos associações que nós adultos não estabelecemos. Durante algum tempo não tornou a surgir alusão alguma a este pequeno problema. Faremos constar apenas a hipotese de que os prolongamentos ponteagudos das azas da borboleta podiam ter tido a significação de simbolos genitais.

Um belo dia surgiu no paciente uma especie de lembrança, timida e obscura, de que antes da Nanja devia ter havido em sua casa uma outra ama, que gostava muito dele e possuia o mesmo nome que a mãe. Certamente o menino correspondia á ternura de sua ama, tratando-se assim de um primeiro amor perdido. Não tardamos em suspeitar que á pessoa daquela primeira aia se devia relacionar alguma cousa que mais tarde adquiriu consideravel importancia.

Posteriormente corrigiu o paciente sua lembrança. A ama não podia ter o mesmo nome que sua mãe; ele havia cometido um erro que naturalmente demonstrava que aquela se tinha confundido com esta em sua memoria. O verdadeiro nome da ama surgira-lhe á mente agora por uma via indireta. Recordara-se de repente de um deposito da primeira quinta no qual se guardavam as frutas colhidas; entre estas havia uma certa qualidade de peras grandes, de excelente paladar e com listas amarelas na casca. Em seu idioma a palavra correspondente a pera é «gruscha» e Gruscha era tambem o nome daquela ama.

Ficou, portanto, claro que atraz da lembrança de cobertura da borboleta perseguida se escondia a lembrança da ama. Porém as listas amarelas não pertenciam a seu vestido, mas sim á casca da fruta que tinha o mesmo nome que ela. Mas donde provinha o medo que apareceu ao ser ativada a lembrança desta rapariga? A hipotese mais proxima havia sido a de que o menino teria visto pela primeira vez nesta o movimento das pernas que havia descrito, referindo-o ao V, simbolo do numero cinco na escrita romana, movimentos que tornam acessiveis á vista partes genitais. Mas, por nossa parte, preferimos deixar esta hipotese e esperar o aparecimento de novo material.

Muito em breve surgiu a lembrança de uma cena; era uma lembrança incompleta, mas bem precisa no tocante ao que estava conservado. Gruscha estava ajoelhada no soalho, tendo a seu lado uma

cuba com agua e uma vassoura curta feita de varas e pilhereava com o menino, que estava ali perto, ou ria-se do mesmo.

Os dados obtidos no curso da analise permitiram-nos completar as lacunas desta lembrança. Nos primeiros mêses de tratamento falara o paciente de uma sua atração erotica obsessiva por uma jovem camponesa, na qual aos 18 anos tinha ido buscar o motivo de sua doença posterior. Neste primeiro periodo da analise havia resistido singularmente a transmitir o nome da menina, resistencia tanto mais extranha porquanto se apresentou isolada, pois o paciente se mostrava geralmente docil aos preceitos analiticos fundamentais. Mais quanto a este pormenor limitava-se a afirmar que o envergonhava muito comunicar o referido nome por ser este exclusivamente proprio das classes baixas e por nenhuma moça distinta usar um tal nome. Este, que acabamos por apurar, era *Matrona* e lembrava o vocabulo «mãe». O envergonhar-se estava manifestamente deslocado. O paciente não se envergonhava do fato em si destas paixões dizerem respeito exclusivamente a raparigas mais modestas, mas sim apenas do nome. Se a aventura com a Matrona possuisse algum elemento comum com a cena de Gruscha, a vergonha do paciente poderia referir-se a este acontecimento anterior.

Noutra ocasião narrou que quando teve conhecimento da historia de João Huss, se impressionou com esta e sua atenção se fixou especialmente nos feixes de gravetos que o povo

levou para a fogueira. A simpatia por João Huss desperta em nós uma certa suspeita, pois encontramos esta frequentemente em pacientes jovens. Um destes até compoz um drama sobre a vida e morte de João Huss, havendo começado a escrever a peça no mesmo dia que lhe roubou o objeto de sua paixão secreta. A morte em uma fogueira faz de Huss como de outros que sofreram igual suplicio, um heroi dos que padeceram de enurese na infancia. O nosso paciente associou os feixes de gravetos da fogueira com a vassoura (feixe de varas) da ama.

Todo este material permitiu preencher facilmente as lacunas da lembrança da cena com Gruscha. O menino ao vêr a criada esfregando o soalho urinou deante desta, que lhe dirigiu uma ameaça de castração, certamente gracejando [42].

Não sabemos se os leitores já advinharam o motivo pelo qual demos conhecimento tão minucioso deste episodio infantil [43]. Estabelece este importante laço de união entre a cena primitiva e o amor obsessivo posterior, que se tornou tão decisivo para o destino do paciente, induzindo além disto uma condição erotica, que explica a obsessão.

---

(42) E' muito curioso que a reação de pejo apareça tão intimamente ligada á micção involuntaria (diurna e noturna) e não, como era de esperar, á incontinencia de fezes. A experiencia não deixa a respeito disto duvida alguma. A relação regular da incontinencia de urina com o fogo dá que pensar. E' possivel que nestas reações e relações existem precipitados da historia da civilização humana mais profundos que todos os residuos chegados até nós no mito e no «folklore».

(43) Ocorreu mais ou menos por volta dos dois anos e meio, isto é, entre a suposta observação do coito e a sedução.

Ao ver a rapariga ajoelhada, lavando o soalho, em posição que fazia ressaltar as nadegas, viu reproduzida a postura que a mãe assumira na cena do coito. Deste modo a rapariga passou a ser sua mãe, e a ativação daquele quadro passado([44]), despertou nele uma excitação sexual que o levou a se portar com a criada como na cena primitiva o pai, cujo ato outrora o menino só podia ter compreendido como uma micção. O ato de urinar deante da rapariga foi realmente uma tentativa de sedução, á qual ela respondeu com uma ameaça de castração, como se tivesse compreendido assim.

A obsessão emanada da cena primitiva transferiu-se para a cena com Gruscha e continuou a agir mercê do impulso nela recebido. A condição erotica, porém, sofreu uma alteração que testemunha a influencia da segunda cena, pois ficou transferida desde a posição da mulher á atividade na mesma. Esta alteração tornou-se evidente, por exemplo, no incidente com Matrona. O menino passeava pela aldeia, que pertencia á segunda quinta, e viu á beira de um tanque uma rapariga ajoelhada a lavar roupa. Imediatamente sentiu violenta e irresistivel atração por ela, apesar de nem lhe ter visto o semblante. Sua posição e atividade a haviam feito tomar o logar de Gruscha. Compreendemos agora como a vergonha concomitante ao conteúdo da cena com Gruscha poude logo relacionar-se com o nome de Matrona.

([44]) Antes do sonho!

Um outro acesso erotico sofrido pelo paciente alguns anos antes mostra ainda mais claramente a influencia coercitiva da cena com Gruscha. Uma jovem aldeã que servia em sua casa, já ha muito tempo lhe havia agradado, porém o paciente tinha conseguido sempre dominar-se até que um dia ao ve-la munida de cuba e vassoura, esfregando o soalho tal qual a rapariga de sua infancia, não se poude conter. Até sua propria escolha definitiva de objeto, tão importante para sua vida posterior, se revela por certas circunstancias intimas, que aqui podem ser omitidas, dependente da mesma condição erotica, isto é, como um prolongamento da obsessão que, partindo da cena primitiva e atravez da cena com Gruscha, dominou sua escolha de amor. Já antes observamos a tendencia de nosso paciente a rebaixar seu objeto de amor, na qual vimos uma reação contra a pressão exercida pela superioridade da irmã. Prometemos então mostrar que tal motivo não fôra o unico determinante, senão encobria uma determinação mais profunda por motivos puramente eroticos. A lembrança da rapariga que lavava o soalho e rebaixada assim ao menos quanto á posição, revelou esta motivação. Todos os objetos eroticos posteriores foram substitutos deste, do qual a casualidade fizera por sua vez a primeira substituta da mãe. A primeira idéa que ocorreu ao paciente deante do problema do medo da borboleta se nos revela a posteriori como alusão remota á cena primitiva (5 horas). A relação da cena de Gruscha com a ameaça de castração foi confirmada por um

sonho muito significativo, que o paciente mesmo soube interpretar. Disse este: «Sonhei que um homem arrancava as azas de uma espa». «Espa? perguntamos, o que quer dizer com isto?» — O inseto com listas amarelas no corpo e que pode dar ferroadas». Deve ser uma alusão á gruscha, á pera com listas amarelas. — «Vespa, pois, quer dizer? — É vespa?» «De fato acreditava que o nome fosse espa». (Ele aproveitava como muitos outros sua ignorancia de nosso idioma para encobrir seus sintomas)». Mas Espa, isto sou eu, S. P.» (iniciais do seu nome). A espa é naturalmente uma vespa mutilada. O sonho manifesta assim claramente que o paciente se vinga da Gruscha pela sua ameaça de castração.

O ato realizado pelo menino na cena com Gruscha foi o primeiro efeito que conhecemos da cena primitiva, representa-nos o individuo com uma reprodução do pai e descobre-nos uma tendencia evolutiva orientada naquela direção que mais adeante merecerá o qualificativo de masculina. A sedução reduziu o pequeno a uma passividade, sem duvida já preparada por sua conduta como espectador da copula dos pais.

Neste periodo do tratamento tivemos a impressão de que a solução da cena com Gruscha, isto é, do primeiro fato de que ele se podia recordar e se recordou sem que esperassemos isto nem o ajudassemos, marcava o termino favoravel, pois a partir de tal momento desapareceu toda resistencia e nossa tarefa ficou reduzida a reunir dados

e ajusta-los. A antiga teoria do trauma, baseada em impressões colhidas na terapeutica psicanalitica, readquiriu de repente seu valor. Por puro interesse critico tentamos uma vez mais impor ao paciente uma outra interpretação mais simples e mais acessivel de sua historia. Não se podia duvidar da realidade da cena com Gruscha, porém tal cena por si nada significa e foi intensificada por meio de regressão dos sucessos de sua escolha de objeto, a qual foi transferida da irmã para as criadas por influxo da tendencia para rebaixar o objeto erotico. A observação da copula teria sido apenas uma fantasia de seus anos posteriores da infancia e cujo nucleo historico poderia ter sido o fato de haver tomado um clister ou presenciado isto noutra pessoa

Talvez pensem alguns dos leitores que só agora com estas hipoteses nos haviamos aproximado da compreensão do caso; o paciente fitou-nos atonito e com certo desdem quando lhe apresentamos tal interpretaçãc e nunca mais tornou a reagir a ela. Mais atraz já expuzemos nossos proprios argumentos contra tal racionalização.

[A cena com Gruscha, porém, não encerra apenas condições decisivas da escolha do objeto para a vida do paciente, preservando-nos assim do erro de conceder valor excessivo á significação da tendencia para rebaixar a mulher. Consegue tambem justificar nossa conduta anterior quando recusamos admitir como unica solução possivel numa referencia da cena primitiva á observação de um coito animal efetuada pelo menino pouco antes do sonho.

A cena com Gruscha havia emergido espontaneamente na memoria do paciente, sem intervenção alguma de nossa parte. O medo da borboleta de listas amarelas, a qual a ela referimos, provou que havia tido um importante conteúdo ou pelo menos que se tinha tornado possivel atribuir a posteriori uma tal importancia a seu conteúdo. Esta importancia, que falta na lembrança, poude ser descoberta e nela integrada, completando-a mediante as associações que com a mesma estabeleceu o paciente e com as conclusões que destas deduzimos. Resultou então que o medo da borboleta era absolutamente analogo ao medo do lobo, tratando-se em ambos os casos de medo de castração, a principio referido á pessoa que fôra a primeira a proferir tal ameaça e depois transferido para aquela outra, á qual se havia de vincular conforme o prototipo filogenico. A cena com Gruscha se desenrolara quando o menino contava dois anos e meio, porém a da borboleta amarela foi seguramente posterior ao sonho de angustia. Foi facil perceber que a compreensão ulterior da possibilidade da castração, tomando esta da cena com Gruscha, produzira angustia; mas esta cena mesmo não continha nada de repulsivo ou de inverosimil e sim apenas absolutamente pormenores triviais, dos quais não havia que duvidar. Nada exigia que a reduzissemos a uma fantasia do menino nem tão pouco parecia possivel faze-lo.

Temos direito de ver no fato do menino urinar deante da rapariga que ajoelhada lavava o soalho,

uma prova de excitação sexual? Testemunharia esta então a influencia duma impressão anterior, que podia ser tanto a realidade da cena primitiva como a observação de um coito animal feita antes da idade de 2 anos e meio? Ou por ventura a situação descrita era absolutamente inocente e puramente casual a micção do pequeno, havendo sido mais tarde sexualizada em sua memoria depois de ter reconhecido como muito importantes outras situações analogas?

Sobre este ponto não nos atrevemos a formar conclusão alguma. Consideramos já um alto merecimento da psicanalise ter podido chegar a lançar tais interrogações. Porém não podemos negar que a cena com Gruscha, o papel que a essa coube na analise e os efeitos que da mesma resultaram para a vida do paciente só ficam satisfatoriamente explicados, admitindo-se a realidade da cena primitiva, que para outros efeitos não importa tanto ser considerada uma fantasia. Demais, tal cena, no fundo, nada encerra de impossivel e a hipotese de sua realidade concorda inteiramente com a influencia estimulante das observações feitas nos animais, ás quais aludem os cães de pastor que apareceram no sonho.

Desta conclusão pouco satisfatoria passaremos a outra questão que já examinamos nas «Lições de introdução á psicanalise». De bom grado desejariamos saber se a cena primitiva foi uma fantasia ou um acontecimento real, mas o exemplo de outros casos analogos mostra-nos que de fato não é tão

importante tal decisão. As cenas de observação de coito entre os pais, de sedução na infancia e de ameaças de castração representam indubitavelmente um patrimonio herdado, uma herança filogenica, mas podem constituir tambem aquisições da experiencia pessoal. No caso do nosso paciente a sedução por parte da irmã foi uma realidade indiscutivel. Porque não o havia de ser tambem a observação do coito entre os pais?

Vemos, pois, na historia primitiva da neurose que o menino recorre a esta experiencia filogenica onde não é suficiente sua experiencia pessoal. Preenche as lacunas da verdade individual com a verdade prehistorica, substitue sua propria experiencia pela de seus antepassados. No reconhecimento da herança filogenica estamos de perfeito acordo com Jung («A Psicologia dos processos inconcientes» 1917), obra que já não poude influenciar nossas «Lições de introdução á psicanalise»; mas consideramos um erro metodologico apelar para explicação tirada da filogenia antes que se tenham esgotado as possibilidades dessa pela ontogenia. Não vemos porque se quer negar tenazmente á prehistoria infantil uma significação que se concede de bom grado á ascendencia do individuo. É indiscutivel que os produtos e motivos filogenicos precisam por si mesmos de explicação, que em uma grande serie de casos se encontra na infancia do individuo. Por fim não nos admiramos de que a conservação das mesmas condições faça ressurgir organicamente no individuo o que estas crearam

em epocas anteriores e depois se transmitiu hereditariamente como disposição para sua reaquisição.]

No intervalo entre a cena primitiva e a sedução (entre um ano e meio e três anos e três mêses) temos que inserir ainda o mudo, carregador de agua, que foi para o paciente um substituto de seu pai, assim como Gruscha, uma substituta de sua mãe. Cremos que não ha razão de se falar aqui de uma tendencia para rebaixamento, ainda que achemos os pais representados por serviçais domesticos. A criança não presta atenção a estas diferenças sociais, que para ela ainda têm pouca importancia, e equipara pessoas de condição modesta a seus pais, se estas lhe oferecem como este carinho. Tão pouco apresenta importancia esta tendencia no que concerne á substituição dos pais por animais, pois a criança não possue ainda motivo para sentir a inferioridade destes. Sem atender a tal rebaixamento tios e tias são chamados para substitutos dos pais, como no caso do nosso paciente varias lembranças o testemunham.

Pertence ainda á mesma epoca a noticia obscura de uma fase em que a criança nada queria comer senão doces, pelo que se chegou a temer por sua saúde. Narraram-lhe a historia de um tio que tambem havia recusado os alimentos e que, ainda jovem, morrera de inanição. Contaram-lhe tambem que aos 3 mêses de idade havia estado tão mal (de uma pneumonia?) que já lhe tinham preparado a mortalha. Deste modo conseguiram assusta-lo e ele começou de novo a comer; nos ultimos anos de sua

infancia chegou a exagerar a ingestão de alimentos para proteger-se contra a morte. O medo de morrer que outrora lhe haviam despertado para seu bem, reapareceu mais tarde quando a mãe o advertiu do perigo da desenteria e provocou ainda posteriormente um acesso de neurose obsessiva. Tentaremos mais adeante pesquisar suas origens e sua significação.

A nosso ver a recusa de alimentos possue a significação de um primeiro acesso de neurose, de modo que a sitiofobia, licofobia e religiosidade obsessiva formam a serie completa das afecções infantís que produziram a predisposição para a neurose post-puberal. Objetar-se-á que são muito poucas crianças as que escapam a tais disturbios, a saber, uma inapetencia transitoria ou a uma zoofobia. Mas este argumento nos é muito util. Estamos disposto a afirmar que toda neurose de um adulto se forma sobre uma neurose infantil, que nem sempre foi bastante intensa para despertar atenção e para ser reconhecida como tal. A importancia teorica da neurose infantil para a concepção das afecções que tratamos como neuroses e queremos derivar apenas das influencias da vida ulterior é robustecida por aquela objeção. Se o nosso paciente não houvesse tido além da perturbação do apetite e da licofobia a religiosidade obsessiva, sua historia não se distinguiria francamente da de outros seres humanos e careceriamos mais ainda de materiais valiosos, que nos podem preservar de erros faceis.

A analise seria insatisfatoria, se não trouxesse a compreensão daquela lamentação, na qual o paciente

resumia seus sofrimentos. Queixava-se este de que o mundo lhe aparecia envolto em um véu e nossa experiencia psicanalitica afastou a possibilidade de que estas palavras não tivessem significação e houvessem sido escolhidas ao acaso. O véu não se rompia senão em uma situação, a saber, quando o conteúdo intestinal mercê de um clister atravessava o anus. Neste comenos o paciente se sentia outra vez bem e via claramente o mundo durante um certo espaço de tempo. A interpretação deste «véu» foi tão dificil como a do medo da borboleta, pois o nosso doente não se mantinha fixo no veu e o substituia por um sentimento indefinido de obscuridade, de trevas e de outras cousas igualmente incompreensiveis. Sómente pouco antes do fim do tratamento lembrou-se ter ouvido dizer que nascera empelicado. Por isto sempre se teve na conta de um singular, de um ser especialmente afortunado ao qual nenhum mal podia suceder, confiança que sómente o abandonou quando se reconheceu acometido de gonorréa. Este agravo a seu narcisismo fe-lo desmoronar e cair na neurose. Com isto repetiu um mecanismo que já havia uma vez agido nele. Tambem sua licofobia irrompera ao enfrentar-se com a possibilidade de uma castração, á qual evidentemente a gonorréa foi equiparada. A coifa, com que nasceu, é pois, o véu, que o encobre do mundo e lhe oculta este. Sua queixa é realmente a realização de uma fantasia de desejo, a qual o mostra como regressado ao ventre materno ou seja a fantasia de desejo de evasão do mundo. A

tradução disto seria a seguinte: sou tão infeliz na vida que tenho de retornar ao ventre materno.

Que significação deve ter o fato deste véu simbolico e que fôra real, em uma ocasião romper-se no momento da defecação após um clister e o de sua doença cessar nestas condições? A analise nos permite responder. Quando o véu do nascimento se rompe o paciente vê o mundo e renasce. As fezes são a criança, na qual ele nasce pela segunda vez para uma vida mais feliz. Tal seria, pois, a fantasia do renascimento, para a qual recentemente Jung chamou a atenção e á qual este concedeu uma importancia predominante na vida de desejos dos neuroticos.

Tudo isto estaria muito bem, se fosse suficiente, mas certos pormenores da situação e a necessidade de um nexo com a historia especial da vida do paciente nos obrigam a levar mais adeante a interpretação. O renascimento tem por condição que o clister seja aplicado por um homem, a quem o paciente forçado pela necessidade mais tarde se substituiu. Isto só pode significar que o paciente se identificou com sua mãe, que tal homem representa o papel de pai e que o clister reproduz o ato de fecundação, cujo fruto são as fezes, a criança fecal -- o proprio paciente. A fantasia do renascimento está, pois, intimamente ligada á condição de satisfação sexual pelo homem. A tradução seria agora, portanto: só quando lhe é dado substituir a mulher, sua mãe, para obter do pai a satisfação e dar

a este um filho, é que desaparece a doença. Por consequencia a fantasia do renascimento era aqui apenas uma reprodução mutilada e censurada da fantasia de desejo homossexual.

Examinando mais de perto a situação, observamos que o paciente não faz mais que repetir nesta condição de sua cura a situação da chamada cena primitiva: outrora ele queria substituir a mãe e, como nós já muito antes haviamos admitido, produzir a mesma cena, a criança fecal, achando-se todavia fixada áquela cena decisiva para sua vida sexual e cujo retorno no sonho dos lobos marcou o começo de sua doença. A rotura do véu é analoga ao fato de abrirem-se os olhos e abrir-se a janela. A cena primitiva foi transmutada em uma condição de cura.

O que representou sua queixa e o que é representado pela exceção do mesmo pode ser facilmente fundido em uma unidade, que nos pantenteia então todo seu sentido. O paciente deseja regressar ao ventre materno, não simplesmente para nascer de novo, mas para, ali estando, ser atingido pelo pai por ocasião do coito, para obter dele a satisfação e dar-lhe um filho.

Ser parido pelo pai, ser sexualmente satisfeito por ele e dar-lhe um filho, este ultimo fato á custa da renuncia a sua virilidade, é expressão na linguagem de erotismo anal: com estes desejos está fechado o circulo da fixação ao pai e encontrou a homossexualidade a sua suprema e intima expres-

são [45]. Cremos que este exemplo lança tambem luz sobre o sentido e a origem das fantasias do regresso ao ventre materno e do renascimento. A primeira procede frequentemente, como no nosso caso, da adesão ao pai. O paciente deseja achar-se no ventre de sua mãe para se substituir a esta no coito e ocupar o logar da mesma em relação ao pai. A fantasia do renascimento é provavelmente em regra, uma atenuação, por assim dizer, um eufemismo da fantasia de coito incestuoso com a mãe, ou, para usar uma expressão de H. Silberer, uma abreviação *anagogica* da mesma. O individuo deseja volver á situação em que se achou no utero materno, desejo em que se identifica o homem com seu proprio penis, e se deixa representar por este. Neste ponto as duas fantasias se nos revelam como antiteses nas quais se expressava, conforme a atitude masculina ou feminina do individuo correspondente, o desejo do coito com o pai ou com a mãe. Não se pode afastar a possibilidade de que no lamento e na condição de cura do nosso paciente apareçam unidas ambas as fantasias e, portanto, ambos os desejos incestuosos.

Tentaremos mais uma vez interpretar os ultimos resultados da analise de acordo com as teorias de nossos adversarios: o paciente deplora sua evasão do mundo em uma fantasia tipica de retorno ao

(45) A possivel interpretação secundaria de que o véu representa o himen que se rompe na copula, não concorda com a condição de cura e não tem relação alguma com a vida do paciente, para o qual a virgindade nada significava.

ventre materno, só vê sua possibilidade de cura em um renascimento, exprimindo este com sintomas anais segundo sua constituição predominante. Conforme o prototipo da fantasia de renascimento anal construiu para si uma cena infantil que reproduz seus desejos por meios arcaicos e simbolicos. Seus sintomas se encadeiam então como se se originassem de uma tal cena primitiva. Foi forçado a decidir-se por todo este retrocesso, porque esbarrou num problema da vida, para o qual era por demais indolente ou porque tinha todo fundamento para desconfiar de sua inferioridade e acreditou defender-se do melhor modo com tais dispositivos de uma humilhação.

Tudo isto estaria muito bem, se o infeliz já não tivesse tido aos 4 anos um sonho, com que começou sua neurose e que foi estimulado pela narrativa do avô sobre o alfaiate e o lobo e cuja interpretação é necessaria á hipotese de uma tal cena primitiva. As facilidades que as teorias de Jung e Adler nos pretendem proporcionar infelizmente desaparecerem deante destes fatos pequenos, porém inatacaveis. No pé em que se acham as cousas parece-nos que a fantasia do renascimento deriva da cena primitiva e não que a cena primitiva seja ao contrario um reflexo da fantasia do renascimento. Talvez possamos tambem supor que o paciente aos 4 anos era muito novo ainda para já desejar renascer. Mas cremos mais prudente retirar este argumento, pois nossas observações pessoais demonstram que até agora não se tem

dado o devido valor ás crianças e que não se sabe ainda de que estas são capazes([46]).

IX

Sintese e problemas

Ignoramos se os leitores conseguiram formar-se com a exposição até aqui feita deste caso uma idéa clara da origem e da evolução da doença de nosso paciente. Tememos que isto não se tenha dado. Mas, ainda que em geral não costumemos defender nossa arte expositiva, desta vez alegaremos circunstancias atenuantes. A descrição de fases tão precoces e de ca-

([46]) Concedemos que esta questão é a mais ardua da psicanalise. Não necessitamos das publicações de Adler e Jung para nos ocuparmos criticamente da possibilidade de que os acontecimentos da infancia esquecidos e descobertos pela psicanalise — inverosimilmente precoces — repousam antes em fantasias creadas em ocasiões posteriores, devendo ver-se portanto, uma manifestação de um fator constitucional ou de uma disposição filogenicamente conservada ali onde cremos achar nas analises o efeito a posteriori de tais impressões infantís. Ao contrario, nenhuma duvida nos empolgou mais nem nos fez renunciar tão decididamente a muitas publicações. Por outro lado fomos o primeiro a dar a conhecer tanto o papel da fantasia na produção de sintomas como o «retrofantasiar» de estimulos posteriores, com projeção destes para a infancia e a ulterior sexualização das mesmas, fato este que nenhum de nossos adversarios dignou mencionar. (Veja-se «Interpretação dos sonhos», 1.ª ed. p. 49 e os «Comentarios sobre um caso de neurose obsessiva», 1908). Se apesar de tudo, continuamos propugnando por nossa teoria, mais inverosimil e mais ardua, foi sempre com argumentos, como os que o caso aqui descrito ou qualquer outro de neurose infantil nos impõe ao investigador e que de novo submetemos á consideração dos leitores.

madas tão profundas da vida psiquica constitue uma tarefa que até agora nunca foi empreendida e a nosso ver é melhor leva-la a cabo imperfeitamente do que fugir deante dela, fuga que trará consigo além disto determinados perigos. É preferivel, pois, mostrar corajosamente que não nos deixamos deter pela conciencia de nossa inferioridade. O caso mesmo não era especialmente favoravel. A possibilidade de estudar o mesmo por meio do adulto, á qual devemos a riqueza de dados sobre a infancia, teve que ser paga com uma das mais ingratas fragmentações da analise e das consequentes imperfeições da exposição. Particularidades pessoais e traços de carater devidos a sua nacionalidade, distinta da nossa, tornaram muito penosa a compreensão simpatica *(Einfühlung)*. O contraste entre sua personalidade afavel e docil, de inteligencia aguçada e modo de pensar elevado e sua vida instintiva completamente indomavel nos impoz um prolongado trabalho preparatorio educativo e que dificultou a visão do conjunto. Mas do carater do caso, que trouxe á descrição as mais arduas tarefas, o paciente mesmo não tem culpa alguma. Felizmente conseguimos separar na psicologia do adulto os processos psiquicos em concientes e inconcientes e descrever claramente ambas as especies. Na criança, porém, esta distinção é dificilima, sendo quasi que impossivel diferençar o conciente do inconciente. Processos que chegaram a predominar e que por sua atuação posterior devem ser equiparados aos concientes não o foram todavia na criança. É facil compreender-se o motivo disto: o conciente

ainda não adquiriu na criança todos seus caracteres, está em pleno desenvolvimento e ainda não possue bem a capacidade de se concretizar em representações verbais. A confusão, da qual via de regra nos fazemos culpados, entre o fenomeno de emergir na conciencia como percepção e o pertencer a um sistema psiquico suposto, que poderiamos denominar de uma forma qualquer convencional, porém resolvemos chamar igualmente conciencia é absolutamente inocua na descrição da psicologia do adulto, mas induz a erro quando se trata da mesma na infancia. Tambem a introdução do «preconciente» quasi não adeanta aqui, pois o preconciente da criança não coincide necessariamente com o do adulto. Contentamo-nos, portanto, com termos reconhecido claramente a obscuridade neste terreno.

É evidente que um caso como o aqui descrito poderia dar ensejo para discutir todos os resultados e problemas da psicanalise, o que seria um trabalho interminavel e injustificado. Devemos considerar que um caso unico não nos pode proporcionar todos os conhecimentos e todas as soluções que desejamos e temos que nos limitar com aproveita-lo naqueles aspetos que mais claramente nos apresenta. Em geral o trabalho explicativo da psicanalise é estreitamente limitado. Os sintomas mais salientes constituem o que deve ser explicado, o que será feito pelo descobrimento de sua genese, pois os mecanismos psiquicos e processos instintivos aos quais somos assim conduzidos, não têm que ser esclarecidos, mas sim descritos. Para adquirir das conclusões sobre estes dois ultimos

pontos novas generalidades são necessarios muitos casos como o presente, correta e profundamente analisados. E não é facil obte-los, pois cada um deles exige trabalhos de alguns anos. Neste terreno o progresso pois, só se pode realizar de vagar. É muito facil a tentação de nos satisfazermos, com «arranhar» a superficie psiquica em um certo numero de pessoas e substituirmos depois o trabalho omitido pela especulação, colocada sob o patrocinio de qualquer orientação filosofica. Em favor deste modo de proceder se podem alegar necessidades praticas, mas as necessidades da ciencia não se satisfazem com nenhuma substituição.

Vamos tentar dar uma revisão sintetica da evolução sexual do nosso paciente, partindo dos indicios mais precoces. O primeiro fato que dele averiguamos foi a perturbação do apetite, a qual interpretaremos, apoiando-nos em outros casos, mas com toda reserva, como o resultado de um processo no dominio sexual. Tivemos que considerar como a primeira organização reconhecivel a chamada *canibal ou oral*, na qual a cena é dominada ainda pelo apoio primitivo da excitação sexual no instinto de nutrição. Não são de esperar manifestações diretas desta fase, mas sim indicios dela quando está perturbada. A alteração do instinto de nutrição, que tambem pode ter outras causas, mostra-nos porque o organismo não logrou dominar a excitação sexual. O fim sexual desta fase não podia ser senão o canibalismo, o comer, e exterioriza-se no nosso doente, em virtude de regressão de uma fase superior no

medo de ser devorado pelo lobo. Tivemos que traduzir este medo pelo de servir de objeto sexual a seu pai. É sabido que em anos posteriores — tratando-se de meninas, na puberdade ou pouco depois desta, — ha uma neurose que exprime a repulsa sexual por anorexia e que deve ser relacionada com esta fase oral da vida sexual.

No paroxismo do amor («amo-te tanto que era capaz de te comer») e no trato carinhoso com crianças, no qual o adulto se comporta como uma criança, torna a aparecer o fim erotico da organização oral. Em outro logar lançamos a hipotese de que o pai de nosso paciente costumava ralhar com carinho, brincando com ele de lobo ou cão ou dizendo que o ia devorar. O paciente confirmou esta suspeita por sua conduta extranha por ocasião da transferencia. Todas as vezes que deante das dificuldades da cura retrocedia, refugiando-se nessa, ameaçava com a devoração e mais tarde com toda uma serie de maus tratos, o que constituia apenas uma expressão de ternura.

A linguagem usual aceitou definitivamente certos traços desta fase oral da sexualidade e qualifica assim de «apetitoso» um objeto erotico ou de «doce» a pessoa amada. Lembraremos aqui que nosso pequeno paciente não queria comer senão doces. Bonbons e doces substituem, via de regra, no sonho caricias, satisfações sexuais.

Parece que tambem pertence a esta fase um medo (naturalmente no caso de perturbação), que aparece como medo da vida e se pode prender a

tudo que é mostrado como adequado á criança. Em nosso paciente este medo foi aproveitado para induzi-lo a vencer sua inapetencia e leva-lo até a supercompensação desta. O fato de que a observação da copula entre seus pais, da qual tantos efeitos ulteriores haveriam de emanar, fôra anterior ao periodo de anorexia nos revela sua fonte possivel. Talvez possamos admitir que tal observação acelerou os processos da maturação sexual e assim tambem produziu efeitos diretos ainda que não aparentes.

Sabemos naturalmente tambem que é possivel explicar de outro modo e mais simplesmente o quadro sintomatico deste periodo, a licofobia e a anorexia, sem recorrer á sexualidade nem a uma fase da organização pregenital. Quem não vir inconveniente algum em prescindir dos sinais da neurose e da continuidade dos fenomenos preferirá sem duvida esta outra explicação e não poderemos evitar isto. É muito dificil por caminhos diferentes dos indiretos por nós utilizados chegar a alguma conclusão convincente sobre estes primordios da vida sexual.

A cena com Gruscha (aos dois anos e meio) mostra-nos a neurose no inicio de uma evolução que poude ser qualificada de normal, salvo talvez precoce: identificação com o pai, erotismo urinario como representante da masculinidade. Esta cena está inteiramente sob a influencia da primitiva. Até agora atribuimos á identificação com o pai um carater narcisico; tendo, porém, em vista o conteúdo da cena primitiva, have-

mos de reconhecer que esta identificação já corresponde á fase da organização genital. O orgão genital masculino já começou a desempenhar seu papel e continua nisto sob a influencia da sedução por parte da irmã.

Temos a impressão de que a sedução não só favoreceu a evolução, mas tambem, em grau maior, a perturbou e a desorientou, dando-lhe fim sexual passivo, inconciliavel no fundo com a ação do orgão genital masculino,. Deante do primeiro obstaculo exterior, a saber, a ameaça de castração feita pela Nanja (aos 3 anos e meio) desmoronou a organização genital, ainda insegura, e regrediu á fase anterior da organização sadico-anal, a qual em outras condições talvez tivesse transcorrido com indicios tão leves como nas outras crianças.

A organização sadico-anal é facil de reconhecer como uma continuação da oral. A energica atividade muscular quanto ao objeto, a qual a carateriza tem sua razão de ser como ato preparatorio para o comer que depois desaparece como fim sexual. A novidade no tocante á fase anterior consiste essencialmente em que o orgão passivo e receptor, separado da boca, se forma na zona anal. Daqui a certos paralelos biologicos ou á teoria das organizações humanas pregenitais como residuo de dispositivos que em algumas classes zoologicas ainda se conservam, não ha mais que um passo. A constituição do instinto de investigação pela sintese de componentes é tambem carateristico desta fase.

O erotismo anal não se faz notar aqui claramente. Sob a influencia do sadismo as fezes trocaram sua significação carinhosa por uma outra, ofensiva. Na transformação do sadismo em masoquismo interveiu um sentimento de culpabilidade, o qual indica processos evolutivos em esferas distintas das sexuais.

A sedução prolongou sua influencia, mantendo a passividade do fim sexual. Transformou grande parte do sadismo em sua antitese passiva, o masoquismo. É discutivel se se pode atribuir inteiramente á sedução a passividade, pois a reação da criança de um ano e meio á observação do coito foi já predominante. A coexcitação sexual se manifestou em uma defecação, na qual ha que distinguir todavia um elemento ativo. Ao lado do masoquismo, que domina sua corrente sexual e se exterioriza em fantasias persiste o sadismo, que se manifesta contra os pequenos animais. Sua investigação sexual começou a partir da sedução e ocupou-se essencialmente de dois problemas: o da procedencia das crianças e o da possibilidade da castração, entrelaçando-se com as manifestações de seus instintos e dirigindo suas tendencias sadicas para os pequenos animais como representantes das criancinhas.

Conduzimos a narrativa até as proximidades do quarto aniversario natalicio, momento em que o sonho dos lobos ativou a observação do coito realizada com um ano e meio e fez com que produzisse a posteriori seus efeitos. Os processos que a partir

desta data se desenrolam escapam em parte á nossa apreensão e tão pouco nos é possivel descreve-los satisfatoriamente. A ativação do quadro que então em uma fase mais adeantada da evolução intelectual pode já ser compreendida, age não só com um sucesso recente mas tambem como um trauma novo, como uma intervenção extranha analoga á sedução. A organização genital interrompida continua de repente novamente, porém o progresso realizado no sonho não pode ser mantido. Sucede ao contrario que um processo comparavel sómente a um recalcamento determina uma repulsa do que é novo e sua substituição por uma fobia. A organização sadico-anal subsiste, portanto, tambem na fase agora iniciada da zoofobia, juntando-se áquela com manifestações de angustia. A criança continua suas atividades sadica e masoquista, todavia reage com angustia a uma parte das mesmas; a transformação do sadismo em sua antitese realiza provavelmente neste periodo novos progressos.

Da analise do sonho de angustia deduzimos que o recalcamento se prende ao conhecimento da castração. O fato novo é rejeitado, porque sua aceitação custaria a perda do penis. Uma reflexão mais cuidadosa permite reconhecer talvez o seguinte: o recalcado é a atitude homossexual no sentido genital, a qual se formara sob a influencia do descobrimento. Porém esta atitude permanece conservada para o inconciente, constituindo como que uma camada mais profunda e isolada. O movel deste recalcamento parece ser a masculinidade narcisica do

orgão genital, que promove um conflito, ha muito tempo preparado, com a passividade do fim sexual de carater homossexual. O recalcamento é, pois, uma consequencia da masculinidade.

Inclinar-nos-iamos talvez a modificar desde este ponto toda uma parte da teoria psicanalitica. Parece, com efeito, evidente que o conflito entre as tendencias masculinas e femininas, portanto, a bissexualidade, é o que engendra o recalcamento e a produção da neurose. Mas esta dedução, é falha. Das duas tendencias sexuais em conflito uma está de acordo com o eu, porém a outra contraría o interesse narcisico e por isto sucumbe ao recalcamento. Assim, pois, tambem neste caso é o ego a instancia que desencadeia o recalcamento em favor de uma das tendencias sexuais. Em outros casos não existe tal conflito entre masculinidade e feminilidade, ha sómente uma tendencia sexual que solicita ser aceita, porém tropeça em determinados poderes do ego e é rechaçada. Muito mais frequentes que os conflitos nascidos dentro da sexualidade mesma são os que se passam entre esta e as tendencias morais do ego. Em nosso caso não ha tal conflito moral. A acentuação da bissexualidade como motivo do recalcamento seria, pois, insuficiente, mas a do conflito entre o ego e a libido explica todos os processos.

Á teoria do «protesto masculino», tal qual a desenvolveu Adler, pode-se objetar que o recalcamento toma sempre o partido da masculinidade contra a feminilidade, pois em grandes series de

casos é aquela que se acha submetida ao recalcamento por ordem do ego.

Além disto uma apreciação mais justa do processo de recalcamento em nosso caso negaria que a masculinidade narcisica foi o unico motivo. A atitude homossexual, nascida durante o sonho, é tão intensa que o ego do menino não a consegue dominar e se defende da mesma mediante o processo do recalmento auxiliado pela masculinidade narcisica dos orgãos genitais. Apenas para evitar malentendidos diremos que todas as tendencias narcisicas permanecem no ego, daí agindo, e os recalcamentos recaem sobre cargas de objetos libidinais.

Passemos agora do processo do recalcamento, cuja exposição exaustiva talvez não logramos, ao estado resultante do sonho. Se tivesse cabido realmente á masculinidade a vitoria sobre a hommossexualidade (feminilidade) durante o processo do sonho, deveriamos então encontrar como dominante uma tendencia sexual ativa do carater, já francamente masculino. Porém não achamos o menor indicio disto; o essencial da organização sexual não se alterou e a fase sadico-anal subsiste e continua a dominar. A vitoria da masculinidade revela-se apenas pela reação de medo aos fins sexuais passivos da organização predominante (masoquistas, porém não femininos). Não existe tendencia sexual masculina vitoriosa, mas apenas uma tendencia passiva e uma resistencia a esta.

Imaginamos as dificuldades que terá o leitor de perceber a separação insolita, mas imprescindi-

vel, do ativo-masculino e do passivo-feminino e por isto não queremos poupar repetições. O estado posterior ao sonho pode-se, pois, descrever da seguinte forma: as tendencias sexuais foram dissociadas; no inconciente foi alcançada a fase da organização sexual e se constituiu uma homossexualidade muito intensa. Sobre ela existe (virtualmente no conciente) a corrente sexual sadica anterior e predominantemente masoquista; o ego mudou inteiramente de atitude quanto á sexualidade, acha-se em plena repulsa sexual e repele com medo os fins masoquistas predominantes, como antes reagiu aos fins homossexuais mais profundos com a produção de uma fobia. O resultado do sonho, pois, não foi tanto a vitoria de uma corrente masculina, mas sim a reação contra uma corrente feminina e outra passiva. Seria muito forçado atribuir o carater de masculinidade a esta reação, pois o ego não possue agora tendencias sexuais, mas tão sómente o interesse de sua propria conservação e da manutenção de seu narcisismo.

Examinemos agora a fobia. Esta originou-se no nivel da organização genital e revela-nos o mecanismo relativamente simples de uma histeria de angustia. O ego protege-se por meio do desenvolvimento de angustia deante daquilo em que vê um poderoso perigo ou seja da satisfação homossexual. Contudo o processo de recalcamento deixa um vestigio que não deve ser perdido de vista. O objeto ao qual se prendeu o fim sexual, tem que se fazer representar por um outro em face da

conciencia e deste modo o que chega a se tornar conciente não é o medo do pai e sim o do lobo. Porém a produção da fobia não se satisfaz com este unico conteúdo, pois este animal é substituido, tempos depois, pelo leão. Com as tendencias sadicas contra os pequenos animais concorre uma fobia em relação a eles, representantes dos competidores do individuo, isto é, a dos irmãozinhos que sua mãe lhe poderia vir a dar. A genese da fobia da borboleta é especialmente interessante, constituindo como que uma repetição do mecanismo que no sonho produziu a licofobia. Um estimulo casual ativa uma ocorrencia antiga, a cena com Gruscha, cuja ameaça de castração se mostra eficaz a posteriori, ao passo que quando realmente se deu não causou impressão alguma no individuo (49).

Pode-se dizer que o medo que entra na produção destas fobias, é o medo da castração. Esta afirmativa não contradiz a teoria de que o medo resultou do recalcamento da libido homossexual. Em ambas as maneiras de expressão alude-se ao mesmo

(49) A cena da Gruscha, como já mencionamos, foi recordada espontaneamente pelo paciente, sem intervenção alguma da parte medica; a lacuna que apresentava foi preenchida pela analise de um modo que se deve qualificar de irrepreensivel, se de fato se dá valor á tecnica psicanalitica. Uma explicação racionalista desta fobia limitar-se-ia ao seguinte: Não é absolutamente extranho que um menino predisposto ao medo seja um dia tomado de um acesso desse deante de uma borboleta com listas amarelas, provavelmente em consequencia de uma inclinação para este sentimento. (Conf. Stanley Hull, A Synthetic genetic study of fear. Amer. J. of Psychology XXV, 1914). Na ignorancia desta causa procura na infancia um fato que tenha relação com este

processo, a saber, a que o ego subtrai dos desejos homossexuais uma quantidade de libido, que é convertida em medo flutuante e se fixa depois em fobias. Mas na primeira maneira de expressão figura tambem o motivo que impede o ego.

Uma reflexão mais demorada faz-nos descobrir que esta primeira doença de nosso paciente (deixando de parte a anorexia) não se limita á fobia, mas deve ser considerada como uma legitima historia, á qual, correspondem além dos sintomas fobicos fenomenos de conversão. Uma parte da tendencia homossexual é conservada no orgão correspondente e o intestino porta-se daí em deante e mesmo mais tarde como um orgão afetado de histeria. A homossexualidade inconciente e recalcada recolheu-se no reto. Justamente esta parte da historia nos prestou os melhores serviços para a solução da doença ulterior.

Outrosim não nos deve faltar coragem de atacar as circunstancias ainda mais complicadas da neurose obsessiva. Revisemos mais uma vez a situação. Teremos uma corrente sexual masoquista predomi-

---

medo e aproveita a identidade casual dos nomes e a da repetição das listas para elaborar a fantasia de uma aventura com a ama, de que ainda tinha lembrança. Se, porém, as circunstancias acessorias de um acontecimento, em si inocente, a saber, lavar, cuba, vassoura, revelaram na vida ulterior o poder de determinar permanentemente e de modo coercitivo, a escolha do objeto, cabe nestas condições á fobia da borboleta uma importancia inconcebivel. A situação torna-se ao menos tão notavel como a por nós afirmada e em consequencia a interpretação racionalista destas cenas não traz vantagem alguma. Assim, pois, a cena com a Gruscha se torna mais valiosa, porque podemos preparar nela nosso juizo sobre a cena primitiva, cuja certeza é menor.

nante e outra homossexual recalcada, contra isto um ego timido dominado pela repulsa histerica. Quais são os processos que transformam este estado no da neurose obsessiva?

A transformação não se opera espontaneamente por evolução interna, mas é provocada por uma influencia exterior extranha. O resultado visivel desta transformação é que a relação com o pai, a qual estava no primeiro plano e havia encontrado expressão na licofobia, se manifesta depois por uma religiosidade obsessiva. Não podemos deixar de consignar que o processo que se desenrolou neste paciente, sancionou inequivocamente uma confirmação de uma das hipoteses incluidas no «Totem e tabu» sobre a relação entre o animal totemico e a divindade(50). Ali asseveramos que a representação de deus não é um desenvolvimento do totem, porém que surge da raiz comum de ambos, independentemente deste ultimo e para substitui-lo. O totem seria o primeiro substituto do pai, deus, por sua vez um substituto ulterior, no qual o pai readquire sua figura humana. Isto observamos tambem em nosso paciente. Este atravessa na licofobia a fase de substituição totemica do pai, a qual depois se interrompe e é substituida em consequencia de novas relações entre o paciente e este por uma fase de fervor religioso.

A influencia que provoca esta mutação é o conhecimento transmitido pela progenitora de ensi-

(50) Totem e tabu, pag. 37, 1913 (Ges. Schriften, vol. X).

namentos de religião e da Historia Sagrada. O resultado é o que foi desejado pela educação. Prepara-se um fim lento para a organização sadicomasoquista, a licofobia desaparece rapidamente e em logar da repulsa por medo da sexualidade aparece uma forma mais elevada de repressão da mesma. O fervor religioso torna-se força dominante na vida do menino. Todavia estas vitorias não se conquistam sem lutas, cujos sinais são os pensamentos blasfemos, e como consequencia destes se estabelece um exagero obsessivo do cerimonial religioso.

Se quizermos prescindir destes fenomenos patologicos, poderemos dizer que a religião realizou tudo o que lhe competia na educação do individuo: subjugou as tendencias sexuais do menino, oferecendo a estas uma sublimação e uma ancoragem segura, desvalorizou suas relações familiares e com isto evitou um insulamento perigoso, pondo aquele em ligação com a grande coletividade humana. O menino selvagem, amedrontado, tornou-se social, moral e educavel.

O movel principal da influencia religiosa foi a identificação com a figura de Cristo, facilitada pela coincidencia da data natalicia de ambos. O amor extraordinariamente grande ao pai e que tornara necessario o recalcamento encontrou finalmente aqui uma saída e uma sublimação ideal. Sendo Cristo, podia o paciente amar seu pai, que agora era Deus, com um fervor que, tratando-se do pai terrestre, em vão encontrava descarga possivel. Os caminhos pelos quais o paciente podia testemunhar este amor

lhe eram indicados pela religião e a elas não se prendia a conciencia de culpabilidade inseparavel das tendencias eroticas individuais. Se assim a corrente sexual mais profunda, já precipitada como homossexualidade inconciente, podia ser ainda desprezada, a tendencia masoquista, mais superficial, achou sem grande resistencia uma incomparavel sublimação na paixão de Cristo, o qual se deixou maltratar e sacrificar por ordem do pai divino e em sua honra. Assim desempenhou a religião sua obra sobre o pequeno transviado por meio de uma mescla de satisfação, sublimação, desvio do sensual para processos puramente espirituais e estabelecimento de relações com a coletividade social, facilitado a ele como a todo crente. Pela mesma religião a resistencia inicial do paciente contra esta teve tres pontos de partida diferentes. Em primeiro logar, era carateristica dele a resistencia a toda novidade. Defendia toda posição de sua libido, impulsionado pelo medo da perda que havia de trazer consigo seu abandono e por desconfiança da possibilidade de achar uma completa compensação na nova. É esta uma particularidade psicologica importante e fundamental, que estabelecemos em nossos «Três ensaios para uma teoria sexual», qualificando-a de capacidade de *fixação*. Jung quiz fazer dela sob o nome de «inercia» psiquica a causa principal de todos os insucessos dos neuroticos. A nosso ver, sem razão, pois que ela vai muito mais longe e desempenha tambem na vida de individuos não nervosos papel importante. A mobilidade facil ou viscosidade das cargas

de energia libidinal ou de outra especie constituem um carater proprio de muitos normais e não apenas de todos os nervosos, carater este que até aqui não foi posto em relação com outros, sendo assim como um numero primo, sómente por si mesmo divisivel. Sabemos apenas que a mobilidade das cargas psiquicas diminue notavelmente com a idade dos individuos, fornecendo-nos assim uma das indicações para os limites da influencia psicanalitica. Ha, porém, pessoas nas quais a plasticidade psiquica traspassa o limite habitual da idade e outras que a perdem muito precocemente. Tratando-se de neuroticos, fazemos o ingrato descobrimento de que sob condições aparentemente iguais, neles não se consegue anular em uns modificações que em outros são facilmente dominadas. Portanto tambem nas conversões de processos psiquicos ha que tomar em consideração o conceito de uma «entropia», cuja medida se opõe a uma transformação regressiva do sucedido.

Um segundo ponto de ataque foi oferecido ao paciente pelo fato de que a doutrina religiosa mesma não tem como base uma relação univoca com respeito a Deus-Padre, mas que é entremeada de sinais de atitude ambivalente, que presidiu a sua genese. Esta ambivalencia o paciente sentiu logo graças a sua propria, altamente desenvolvida, e ligou á mesma aquelas penetrantes criticas que tanto nos maravilharam numa criança de 5 anos. Todavia o fator mais importante é o terceiro, ao qual devemos atribuir os resultados patologicos de sua luta contra a religião. A corrente que o impelia para o homem

e que devia ser sublimada pela religião não mais estava livre, mas ao contrario em parte segregada mediante recalcamento e com isto subtraída á sublimação, prendendo-se a seu fim sexual primitivo. Mercê desta conexão a parte recalcada procurava abrir um caminho para a parte sublimada ou rebaixa-la para si. As primeiras cavilações relativas á pessoa de Cristo continham já a pergunta se este filho sublime podia satisfazer com o pai a relação sexual tal qual o paciente fixara no seu inconciente. As repulsas desta tendencia não tiveram outro resultado senão o de fazer aparecer idéas obsessivas aparentemente blasfemas, nas quais se impunha o amor fisico a Deus sob a forma de uma tendencia a rebaixar sua personalidade divina. Uma violenta luta de defesa contra estes produtos de transação devia conduzir depois o individuo ao exagero obsessivo de todas as atividades, nas quais a piedade, o amor puro a Deus, encontraria sua escapatoria dantemão traçada. Por fim triunfou a religião, mas sua base impulsiva se mostrou incomparavelmente mais forte do que a adesividade de seus produtos de sublimação, pois quando a vida lhe proporcionou novo substituto do pai, cuja influencia se orientou contra a religião, foi esta abandonada e substituida por outra cousa. Mencionemos ainda a circunstancia interessantissima de se ter originado a piedade sob a influencia de mulheres (mãe e ama) e ter sido ao contrario uma influencia masculina que tornou possivel libertar o paciente dela.

A genese da neurose obsessiva sobre o terreno da organização sexual sadico-anal confirmou inteiramente o que em outro logar expuzemos no estudo «Sobre a predisposição para neurose obsessiva». Mas a preexistencia de uma forte histeria torna o nosso caso sob este ponto de vista menos transparente. Terminaremos a revisão geral da evolução sexual de nosso paciente, lançando um certo raio de luz sobre as transformações ulteriores da mesma. Com a puberdade surgiu nele a corrente normal masculina fortemente sexual e com o fim sexual correspondente á organização genital, corrente cujos destinos regeram sua vida até a doença ulterior. Esta corrente se ligou diretamente á cena com Gruscha, tomou dela carater de paixão erotica obsessiva, que aparecia por acessos e teve de lutar com as inibições emanadas dos residuos da neurose infantil. Finalmente em luta adquiriu plena masculinidade com uma violenta irrupção para mulher; aferrou-se daí em deante a este objeto sexual, porém não ficou contente com esta posse, pois uma intensa inclinação, agora inconciente para o homem e que reunia em si todas as energias das fases anteriores, o afastava do objeto feminino e o forçava a exagerar nos intervalos sua dependencia em relação á mulher. O paciente queixou-se durante o tratamento de que não se podia prender á mulher e todo nosso trabalho visou descobrir sua relação inconciente com o homem. Sua infancia fôra caraterizada pela oscilação entre atividade e passividade,

sua puberdade pela luta para conquistar a masculinidade e o periodo que precedeu sua doença, pela conquista do objeto de tendencia masculina. A causa de sua doença não cabe nos «Tipos morbidos neuroticos» que pudemos reunir ([51]) como casos especiais de «privação» e nos adverte assim de uma lacuna na dita serie. Ele desmoronou quando uma afecção organica genital fez reviver seu medo de castração, interrompeu seu narcisismo e o obrigou a perder a confiança na predileção pessoal do destino. Adoeceu, pois, por causa de uma «privação» narcisica. Esta prepotencia de seu narcisismo estava em completa harmonia com os outros sinais de uma evolução sexual inibida, de modo que sua escolha erotica e heterossexual não concentrava em si apesar de toda sua energia senão poucas tendencias psiquicas e a atitude homossexual, muito mais proxima do narcisismo, se afirmava nele com tal tenacidade, como poder inconciente. Naturalmente em semelhantes perturbações a cura psicanalitica não pode conseguir mudança repentina e equivalente ao resultado de uma evolução normal, mas apenas logra remover obstaculos e tornar viaveis os caminhos afim de que os influxos da vida possam levar a cabo uma evolução melhor orientada.

Como particularidades de sua personalidade psiquica descobertas pela psicanalise, porém não de todo aclaradas e que nestas condições não pu-

([51]) Ges. Schriften, vol. V.

deram ser diretamente influenciadas, assinalamos as seguintes: a tenacidade da fixação, já mencionada, o desenvolvimento extraordinario da tendencia para ambivalencia e como terceiro traço de uma constituição que temos de qualificar de arcaica, a capacidade de conservar umas ao lado das outras e capazes de função as cargas libidinais mais heterogeneas e contraditorias. Uma oscilação constante das mesmas, que durante muito tempo parecia excluir toda solução e todo progresso, dominou o quadro de sua doença ulterior, do qual sómente podemos dar aqui breves minucias. Era este, sem duvida alguma, um traço carateristico de seu sistema inconciente e que estendeu até os processos concientes; mas o paciente revelava este traço sómente nos resultados de impulsos afetivos, pois no terreno puramente logico antes mostrava uma habilidade especial no rastrear contradições e incompatibilidades. Deste modo sua vida psiquica nos dava uma impressão semelhante a que nos produz a antiga religião egipcia, que nos é incompreensivel porque conserva as fases evolutivas ao lado dos produtos finais.

Terminamos aqui o que nos propuzemos transmitir sobre este caso morbido. Apenas dois dos numerosos problemas que este sugere nos parecem dignos de especial menção. O primeiro concerne aos esquemas filogenicos congenitos, os quais cuidam como «categorias» filosoficas da distribuição das impressões da vida e são, a nosso ver, residuos da historia da civilização humana. O complexo de Edipo,

que compreende a relação da criança com seus pais, é o mais conhecido destes esquemas. Onde os sucessos da vida não se adaptam ao esquema hereditario se inicia uma remodelação das mesmas fantasias, obra que certamente seria util acompanhar em todas as suas partes. Precisamente estes casos são muito apropriados para nos provar a existencia independente do esquema. Muitas vezes podemos observar que este vence o sucesso individual, como ocorreu no nosso caso quando o pai se tornou o castrador e o perigo que ameaçava a sexualidade infantil, apesar da existencia de um complexo de Edipo totalmente inverso. Um outro efeito é o que se dá quando a ama aparece em logar da mãe ou se funde com esta. As contradições entre a experiencia e o esquema parecem fornecer materia abundante para os conflitos infantís.

O segundo problema está proximo do primeiro, porém, é muito mais importante. Considerando a conduta da criança de quatro anos deante da cena primitiva reativada ([52]) e recordando as reações bem mais simples da criança de ano e meio ao presenciar esta cena, dificilmente podemos afastar a hipotese da cooperação de uma especie de conhecimento previo, não facilmente determinavel e semelhante a um

([52]) Podemos prescindir de que tal conduta foi descrita sómente dois decenios mais tarde, pois todos os efeitos que derivamos da cena, se manifestaram sob a forma de sintomas, obsessões, etc., já na infancia e muito antes da analise. Quanto a este ponto é indiferente considerar a cena primitiva como uma realidade ou apenas como uma fantasia primitiva.

preparo para a compreensão ([53]). É inteiramente impossivel imaginar em que possa consistir este fator e a unica cousa que podemos fazer é compara-lo ao mais amplo conhecimento instintivo dos animais.

Se no homem existisse um tal patrimonio instintivo, não nos causaria admiração que este atingisse muito particularmente os processos da vida sexual, ainda que não se pudesse limitar de nenhum modo a isto. Este elemento instintivo seria o nucleo do inconciente, uma atividade mental primitiva mais tarde destronada e substituida pela razão humana, que, porém, conserva muitas vezes e talvez em todos os casos o poder de rebaixar até seu nivel os processos psiquicos mais altos. O recalcamento seria o regresso a esta fase instintiva e o homem pagaria assim com sua capacidade para a neurose aquela grande aquisição nova e testemunharia com possibilidade das neuroses a existencia da fase anterior primitiva e instintiva. A importancia dos traumas da infancia consistiria em que os mesmos levam a este inconciente um material que o protegeria de ser suprimido pela evolução ulterior.

Sabemos que estas hipoteses que acentuam o fator hereditario filogenicamente adquirido da vida psiquica têm sido já repetidamente propostas e que ha mesmo certa tendencia a lhes conceder um logar na investigação psicanalitica. Por nossa parte sómente nos parecem admissiveis no momento em que

---

([53]) Devemos acentuar de novo que estas reflexões seriam ociosas, se sonho e neurose não pertencessem por si mesmos á infancia.

a psicanalise, observando todas as instancias, chega aos vestigios do herdado, depois de ter penetrado atravez da camada do que foi individualmente adquirido (54).

(54) (Adição em 1923): Reuniremos aqui a cronologia dos acontecimentos mencionados nesta historia:

Nascimento no dia de Natal.

Com um ano e meio: Malaria. Observação do coito dos pais ou daquela cena inocente em que estes se achavam juntos e á qual mais tarde o paciente acrescentou a fantasia do coito.

Pouco antes de dois anos e meio: Cena com Gruscha.

Aos dois anos e meio: Lembranças de cobertura da partida dos pais com a irmã. Esta lembrança mostra-o sózinho com a Nanja e nega assim Gruscha e a irmã.

Antes de três anos e três mêses. Queixa da mãe ao medico.

Aos três anos e três mêses. Começo da sedução por parte da irmã; pouco depois, ameaça de castração partida da Nanja.

Aos três anos e meio: A governante inglesa; começo da alteração do carater.

Aos 4 anos: Sonho com o lobo e aparecimento da fobia.

Aos 4 anos e meio: Influencia da Historia Sagrada. Emergencia dos sintomas obsessivos.

Pouco antes dos cinco anos: Alucinação da mutilação do dedo.

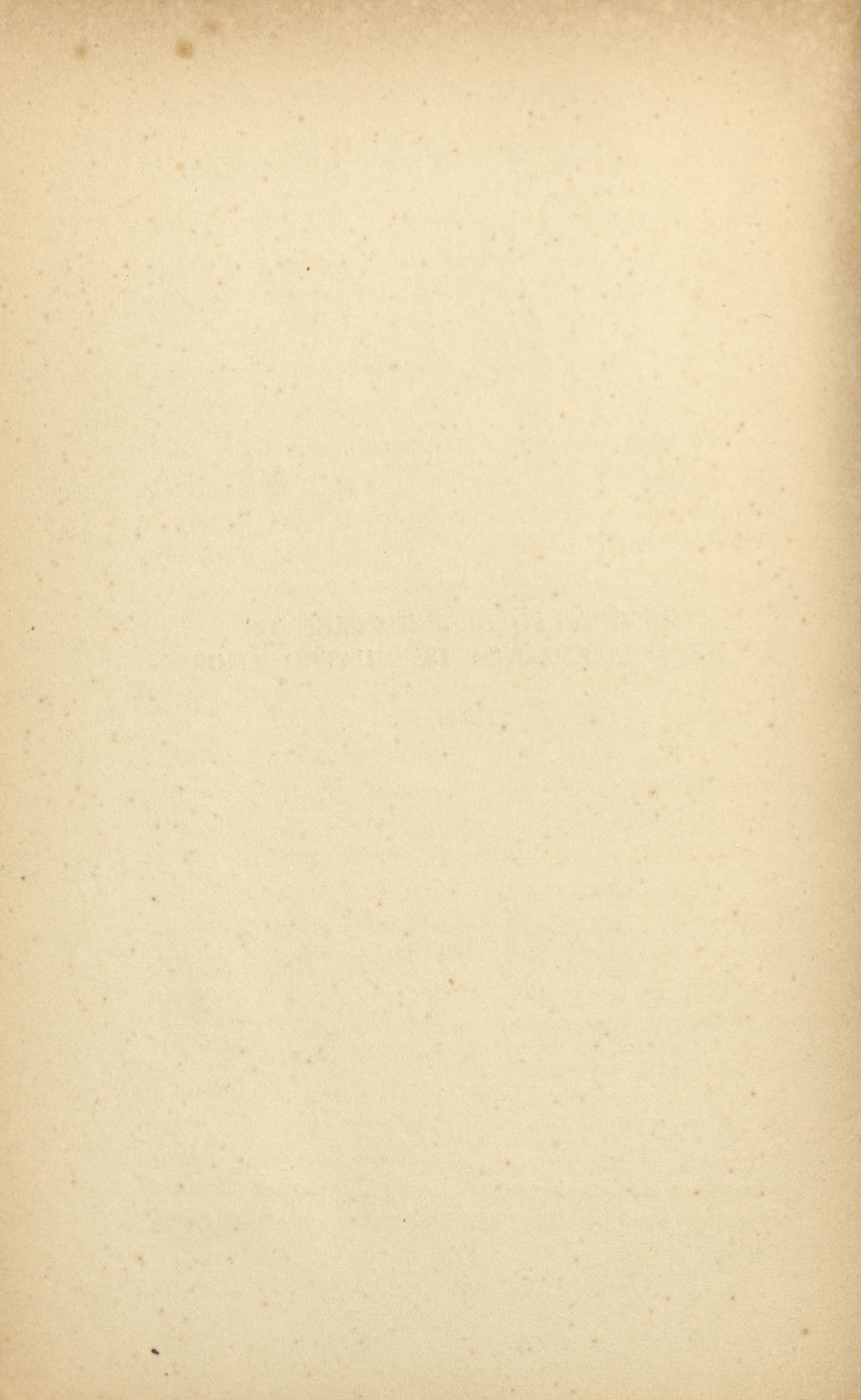
Aos cinco anos: Sua mudança da primeira quinta.

Depois dos seis anos: Visita ao pai doente.

Oito anos
Dez anos } Ultimas explosões da neurose obsessiva.

Nossa exposição terá revelado aos leitores que o paciente era de nacionalidade russa. Demos-lhe alta, completamente curado segundo julgamos, poucas semanas antes de rebentar a guerra mundial e só o tornamos a ver quando os azares da guerra abriram ás potencias centrais o acesso á Russia Meridional. Veiu então o paciente a Viena e informou-nos que imediatamente depois do tratamento havia surgido nele um impulso para libertar-se do medico. Em alguns mêses de trabalho foi dominado um fragmento da transferencia, ainda não superado. Desde então o paciente, a quem a guerra roubara patria, fortuna e todas as relações com seus parentes, se tem sentido normal, conduzindo-se irrepreensivelmente. E' possivel que sua desgraça tenha contribuido para afirmar seu restabelecimento, satisfazendo sua conciencia de culpabilidade.

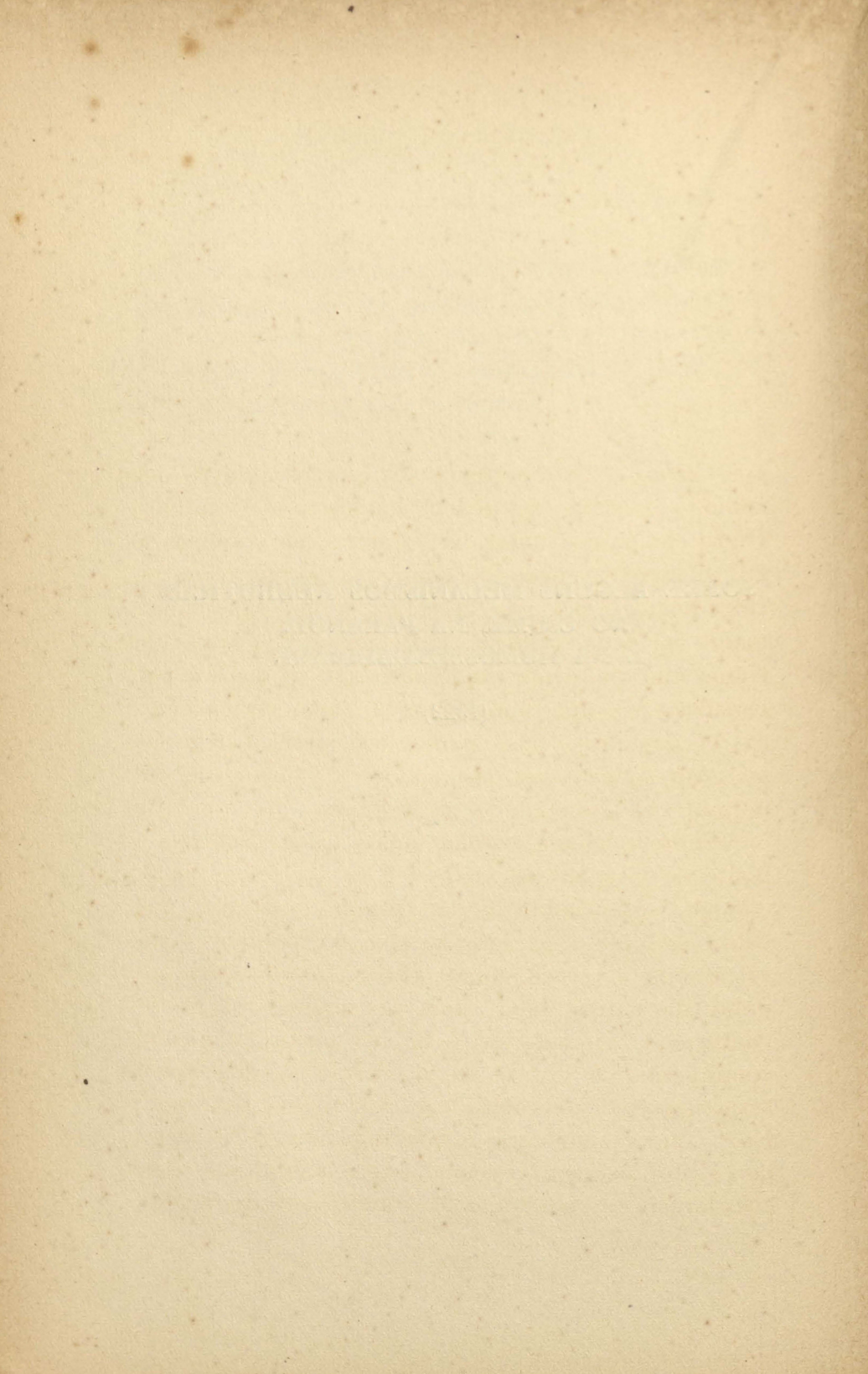
ASSOCIAÇÃO DE PENSAMENTOS DE UMA CRIANÇA DE QUATRO ANOS

(1920)

Da carta de uma mãe norte-americana: «Tenho que narrar-te o que a pequena disse hontem. Declarava a prima Emilia que ia tomar uma habitação. Ajuntou então a criança: «Se Emilia casar, terá um bebê». Fiquei muito surpresa e perguntei: «Mas, onde aprendeste isto?» E ela respondeu: «Quando alguem casa aparece sempre um bebê». Tornei a perguntar: «Como podes saber disto?» E a pequena retrucou: «Ora, sei muita cousa mais, sei tambem que as casas crescem no solo *(in the ground)*». Imagina que extranha associação de pensamentos! É justamente isto que eu pretendia dizer um dia a ela para dar explicação. E então continua ainda: «Sei que tambem que o bom Deus crêa o mundo (makes the world». Quando ela diz tais cousas custa-me a acreditar que ainda não tem quatro anos».

Parece que a mãe compreendeu a transição da primeira afirmativa para a segunda. A criança quer dizer: sei que as crianças crescem dentro da mãe e exprime este seu conhecimento não de maneira direta, mas simbolica, substituindo a mãe pela mãe-terra. Já conhecemos por muitas observações que dão margem a duvidas, como as crianças se sabem utilizar cedo de simbolos. Mas tambem a terceira afirmação

da pequena não perdeu o nexo com o que dissera antes. Só podemos admitir que a criança queria comunicar mais uma parte do seu conhecimento sobre a origem das crianças: eu sei tambem que tudo é obra do pai. Mas desta vez substituiu ela o pensamento direto pela correspondente sublimação, a saber, de que o bom Deus crêa o mundo.

SOBRE ALGUNS MECANISMOS NEUROTICOS NO CIUME, NA PARANOIA E NA HOMOSSEXUALIDADE

(1922)

A

Ciume. — Este pertence aos estados afetivos que como a tristeza se podem qualificar de normais. Onde ele parece faltar no carater e na conduta de um homem é justo concluir que sofreu forte recalcamento e por isto desempenha um papel tanto maior na vida psiquica inconciente. Os casos de ciume anormalmente exagerado, com os quais a psicanalise se ocupa, apresentam-se como pertencentes a três categorias. Os ciumes destas três categorias ou graus podem ser designados: 1) concorrente ou normal; 2) projetado e 3) delirante.

Sobre o ciume *normal* pouco ha a dizer sob o ponto de vista da psicanalise. É facil ver que ele se compõe essencialmente da tristeza e da dor por causa do objeto de amor que se crê perdido e do sofrimento narcisico, tanto quanto este se deixa separar de outros bem como de sentimentos hostís contra o rival preferido e de um maior ou menor contingente de critica de si mesmo, a qual quer responsabilizar o proprio ego pela perda do amor. Este ciume, ainda que o qualifiquemos de normal, não é absolutamente racional, isto é, nascido de relações atuais, proporcional ás condições e dominado

inteiramente pelo ego conciente, pois tem raizes profundas no inconciente, continua os mais precoces impulsos da afetividade infantil e deriva do complexo de Edipo ou do complexo fraternal do primeiro periodo da sexualidade. É todavia digno de nota que este ciume é experimentado bissexualmente por algumas pessoas, quero dizer, no homem além da dor por causa da mulher amada e do odio contra o rival masculino age tambem para reforça-lo a tristeza devida ao homem inconcientemente amado e ao odio contra a mulher como rival. Sei de um homem cujos acessos de ciume o faziam sofrer muito e, segundo sua informação, padecia os mais duros tormentos na transposição conciente deste sobre a mulher infiel. O sentimento de desamparo que então experimentava, as imagens que encontrava para representar seu estado, como se ele tivesse sido abandonado, qual Prometeu ao pasto do abutre ou preso a um ninho de cobras, referia ele a impressões de varias agressões sexuais que experimentara na infancia.

O ciume da segunda categoria ou o ciume *projetado* provém no homem como na mulher da propria infidelidade cometida ou de impulsos para esta e que foram submetidos a recalcamento. É da experiencia quotidiana que a fidelidade, mórmente a exigida pelo matrimonio, só pode ser mantida graças a constantes tentações. Quem as repele de si, sente entretanto seus impetos tão fortemente que de bom grado recorre para seu alivio a um mecanismo inconciente e consegue tal alivio, mesmo

uma absolvição perante sua conciencia, quando projeta os proprios impulsos para infidelidade sobre a outra parte, a quem deve fidelidade. Este forte motivo pode servir-se então do material de percepção, que trai os impulsos inconcientes analogos da outra parte, e poderia justificar-se mediante a reflexão de que o parceiro ou parceira[1] provavelmente não é muito melhor do que ele proprio.

Os costumes sociais atenderam a esta situação geral de modo inteligente, concedendo um certo terreno ao «coquetismo» da mulher casada e ao desejo de conquista do marido na esperança de assim derivar e tornar inocua a inevitavel inclinação para a infidelidade. A convenção social estabelece que ambas as partes não devem levar em conta mutuamente estes pequenos passos em direção á infidelidade e consegue na maior parte dos casos que o desejo aceso no objeto extranho por um certo retorno á fidelidade seja satisfeito no proprio objeto. O ciumento, porém, não quer saber desta tolerancia convencional, não acredita que haja uma parade e um retrocesso no caminho pelo qual se enveredou e que o «flirt» social possa ser uma garantia contra a infidelidade real. No tratamento de um tal ciumento deve-se evitar contestar-lhe o material sobre o qual ele se baseia e só se pode querer orienta-lo para

(1) Veja-se a estrofe do canto de Desdemona:

I called him thou false one, what answered he then?
If I court more women, you will couch with more men.

(Eu lhe disse: «tu falso». Que respondeu ele?
Se eu cortejo outras mulheres, tu namoras outros homens.)

outra apreciação do mesmo. O ciume originado por tal projeção quasi que tem carater delirante, porém não resiste ao trabalho analitico, que descobre as fantasias inconcientes da propria infidelidade.

Mais grave é o ciume da terceira categoria, o ciume *delirante*. Tambem este nasce de tendencias para infidelidade recalcadas, mas os objetos destas fantasias são do mesmo sexo. O ciume delirante corresponde a uma homossexualidade deteriorada e afirma seu logar entre as formas classicas da paranoia. Como tentativa de defesa contra um impulso homossexual muito veemente no homem poder-se-ia ela resumir na seguinte formula: «Eu não o amo, ela o ama»(2). Em caso de delirio ciumento deve-se estar com o espirito preparado para o ciume das três categorias e não sómente para o da terceira.

B

Paranoia. — A maior parte dos casos de paranoia, por motivos sabidos, escapam á investigação analitica. Contudo pude colher ultimamente no estudo aprofundado de dois paranoicos alguma coisa nova para mim.

O primeiro caso dizia respeito a um jovem com paranoia de ciume perfeitamente desenvolvida, cujo objeto era sua presença absolutamente fiel. Um periodo tempestuoso, no qual o delirio dominou in-

(2) Vejam-se as explanações sobre o caso Schreber: observações psicanaliticas sobre um caso de paranoia (demencia paranoide) exposto auto-biograficamente Ges. Schriften, vol. VIII).

interruptamente o paciente, já havia passado. Quando o vi apresentava apenas acessos bem isolados que duravam varios dias e apareciam de maneira interessantemente regular no dia em que o casal praticava a copula, a qual dava satisfação ás duas partes. Pode-se concluir disto que todas as vezes após a satisfação da libido homossexual o componente homossexual, que fôra simultaneamente excitado, era forçado a se externar num acesso de ciume.

Este colhia seu material na observação dos menores indicios pelos quais o «coquetismo» inteiramente inconciente da esposa, imperceptivel para qualquer outro, se revelava a ele. Ora a mão desta tinha por acaso roçado no cavalheiro que estava sentado a seu lado ora ela havia inclinado o rosto demais para o lado daquele ou mostrara um sorriso mais amavel do que quando estava a sós com o esposo. O paciente dava uma extraordinaria atenção a todas estas exteriorizações do inconciente da esposa e sabia sempre interpreta-las com acerto de modo que em realidade sempre tinha razão e ainda podia invocar a analise para justificar seu ciume. A sua anormalidade reduzia-se verdadeiramente ao fato dele observar mais rigorosamente o inconciente de sua consorte e dava a este muito mais valor do que a outra pessoa qualquer teria ocorrido faze-lo.

Lembramo-nos de que os paranoicos perseguidos se comportam de modo inteiramente semelhante. Tambem eles não reconhecem nada indiferente nos outros e em seu «delirio de referencia» ser-

vem-se dos menores indicios que estes extranhos lhes oferecem. A significação de seu delirio de referencia é de que eles esperam de todos os extranhos alguma cousa como amor; porém estes nada disto lhes mostram, riem-se, agitam a bengala ou até cospem no chão, quando eles passam e isto realmente não se faz, quando se tem um pouco de amizade á pessoa que está proxima. Tal cousa só se pratica quando essa é de todo indiferente á alguem e o paranoico não se acha tão sem razão quanto ao parentesco fundamental dos conceitos «extranho» e «inimigo», se ele sente como uma hostilidade tal indiferença em relação a sua exigencia de amor.

Parece-nos que descrevemos muito insuficienmente a conduta dos paranoicos quer ciumentos quer perseguidos, se dizemos que eles projetam para o exterior e sobre outros o que não querem perceber em seu proprio interior. Certamente assim procedem, todavia não projetam á toa para o exterior, para onde nada de semelhante se encontra, mas se deixam dirigir por seu conhecimento do inconciente e deslocam para o inconciente alheio a atenção que subtraem do seu proprio. Meu ciumento reconhece a infidelidade de sua esposa em vez de sua propria; tornando com gigantesco aumento a infidelidade desta conciente para si, consegue manter sua propria inconciente. Se consideramos seu exemplo como de valor, podemos concluir que tambem a hostilidade que o perseguido encontra em outras pessoas é o reflexo de seus proprios sentimentos hostís contra os outros. Como sa-

bemos que no paranoico justamente a pessoa do mesmo sexo mais querida se transforma no perseguidor, surge a pergunta sobre a procedencia desta inversão de afeto e a primeira resposta será que a ambivalencia afetiva, sempre presente, fornece a base para o odio e a falta de realização de pretenções de amor fortalece esse. Assim a ambivalencia afetiva presta ao perseguido para defesa da homossexualidade o mesmo serviço que o ciume a meu paciente.

Os sonhos de meu ciumento prepararam-me uma grande surpresa. Não se apresentaram ao mesmo tempo que a explosão do acesso, mas sim quando o paciente ainda estava dominado pelo delirio, eram completamente isentos deste e deixavam reconhecer os impulsos homossexuais que lhe serviam de base e não mais encobertos do que habitualmente fora disto. Com minha diminuta experiencia acerca de sonhos de paranoicos achava-me propenso a admitir de uma maneira geral que a paranoia não penetrava no sonho.

O estado da homossexualidade neste paciente era facil de perceber. Não tinha constituido amizade alguma nem interesses sociais; dava precisamente a impressão de que o delirio se tivesse incumbido da continuação do desenvolvimento de suas relações com o homem, como para recuperar uma parte do perdido. A diminuta importancia do pai em sua familia e um trauma homossexual humilhante nos primeiros anos da adolescencia haviam cooperado para levar sua homossexualidade ao recalcamento

e cortar-lhe o caminho para sublimação. Toda sua juventude foi dominada por um forte apego a sua mãe. Entre muitos filhos era francamente o predileto desta e desenvolveu em relação a mesma um intenso ciume de tipo normal. Quando mais tarde escolheu uma noiva, o que fez essencialmente dominado pela idéa de tornar rica sua progenitora, sua necessidade de uma mãe virgem se manifestou por uma duvida obsessiva sobre a virgindade de sua eleita. Os primeiros anos de seu casamento decorreram sem ciumes. Em seguida foi infiel á esposa e manteve com outra mulher longa relação amorosa. Sómente quando, levado por uma determinada suspeita, terminou com esta, irrompeu nele um ciume de projeção, com o qual poude sopitar os remorsos de sua infidelidade. Este em breve se complicou pela adjunção de impulsos homossexuais, cujo objeto era o padrasto, e evoluiu até a completa paranoia de ciume.

Sem analise meu segundo caso provavelmente não teria sido classificado de paranoia persecutoria, mas tive que considerar este jovem como um candidato a ela. Havia nele uma ambivalencia de extraordinaria tensão em relação ao pai. Duma parte era o mais pronunciado rebelde, que abertamente resistira a todos os desejos e ideais paternos, doutra parte, em um estrato mais profundo, ainda era sempre o filho mais submisso, que após a morte do pai com delicada conciencia de culpa renunciou ao goso da mulher. Suas relações reais com homens estavam evidentemente sob o signo da desconfiança;

com sua inteligencia vigorosa sabia racionalizar esta atitude e arranjar as cousas de modo que era enganado e explorado por conhecidos e amigos. O que aprendi de novo neste caso é que idéas classicas de perseguição podem existir, sem que o delirante lhes conceda credito e valor. Elas surgiam eventualmente quando o paciente era analisado, porém este não lhes dava importancia e via de regra zombava das mesmas. Fato semelhante pode ocorrer em muitos casos de paranoia e ao aparecer esta tomamos como produções novas as idéas delirantes manifestadas quando elas já podiam existir ha muito tempo. Parece-me constituir um conhecimento importante a circunstancia de um fator qualitativo, a presença de certas produções neuroticas, ter praticamente menos importancia do que o fator quantitativo, seja qual for o grau de atenção, ou melhor, a quantidade de carga que estas produções podem atrair para si. A discussão de meu primeiro caso, o de paranoia de ciume, me havia induzido a dar valor igual ao fator quantitativo, mostrando-me que ali a anormalidade consistia essencialmente na sobrecarga das interpretações do inconciente extranho. Ha muito tempo a analise da histeria deu-me a conhecer um fato analogo. As fantasias patogenicas, filhas de impulsos instintivos recalcados, são por longo tempo suportadas a par da vida psiquica normal e não agem patogenicamente senão depois de receberem uma sobrecarga por uma transformação da economia da libido; sómente então explode o conflito que leva á produção de sintomas. Com

o progresso do nosso conhecimento somos cada vez mais forçados a salientar o ponto de vista *economico*. Estimaria perguntar se o fator quantitativo aqui acentuado não basta para cobrir os fenomenos, para os quais recentemente Bleuler e outros introduziram o conceito da «interpolação» (Schaltung). Dever-se-ia apenas admitir que um aumento de resistencia em uma direção do fluxo psiquico teria como consequencia a sobrecarga duma outra via e com isto a intercalação da mesma neste.

Nos meus dois casos de paranoia se mostrou um contraste instrutivo quanto ao aspeto dos sonhos. Ao passo que no primeiro os sonhos, como se disse, eram isentos de delirio, no outro paciente havia grande numero de sonhos de perseguição, que se podiam considerar como prodromos ou produtos substituintes das idéas delirantes de igual conteúdo. Aquilo que o perseguia e a que ele conseguia escapar com grande medo, era em regra um forte touro ou um outro simbolo da masculinidade, o qual era reconhecido no sonho mesmo como representante do pai. Uma vez me informou o enfermo acerca de um sonho paranoico de transferencia muito carateristico. Viu-me fazendo a barba em sua presença e percebeu pelo olfato que eu usava o mesmo sabão que seu pai. Achava que eu assim procedia afim de força-lo a fazer a transferencia de seu pai para minha pessoa. Na escolha da situação sonhada revelou-se de maneira evidente o menosprezo do paciente em relação a suas fantasias paranoicas e sua falta de crença nelas, pois

a observação diaria lhe podia fazer ver que eu não usava sabão de barba, portanto, neste ponto não lhe oferecia apoio para tal transferencia.

A comparação entre os sonhos de meus dois pacientes ensina-nos, porém, que nossa interrogação relativa á possibilidade da paranoia (ou uma outra psiconeurose) penetrar no sonho, repousa sómente numa concepção inexata deste. O sonho distingue-se do pensar em vigilia pelo fato de que pode acolher conteúdos (do dominio do recalcado) que não conseguem aparecer no pensar em vigilia. Tirante isto, é apenas uma forma de pensar, uma transformação do material preconciente do pensamento pelo trabalho onirico e por suas condições. Nossa terminologia das neuroses não é aplicavel ao recalcado, que não pode ser designado histerico, nem neurotico obsessivo, nem paranoico. Ao contrario a outra parte do material constituida pelos pensamentos preconcientes e que não resiste á produção do sonho pode ser normal ou trazer em si o carater de qualquer neurose. Os pensamentos preconcientes podem ser resultados de todos aqueles processos patogenicos nos quais reconhecemos a essencia de uma neurose. Não se vê porque toda idéa patologica não deveria sofrer a transformação no sonho. Este pode, sem mais, portanto, corresponder a uma fantasia histerica, a uma idéa obsessiva, ou a uma idéa delirante, isto é, em sua interpretação fornecer uma delas. Em minha observação em dois paranoicos, encontro que o sonho de um é normal, enquanto o paciente se acha em acesso, e que o sonho do outro

encerra um conteúdo paranoico, ao passo que ele ainda zomba de suas idéas delirantes. O sonho acolheu, pois, em ambos os casos o que na vigilia a esse tempo era recalcado. Mas, isto tambem não é necessariamente a regra.

C

Homossexualidade. — O reconhecimento do fator da homossexualidade não nos desobriga de estudar os processos psiquicos que intervêm na sua genese. O processo tipico, já firmado em inumeros casos, consiste em que o jovem, até então intensamente apegado a sua mãe, empreende alguns anos após a puberdade uma mudança, identifica-se com ela propria e procura objetos amorosos, nos quais se possa encontrar de novo a si mesmo, os quais então poderia amar como sua mãe o amou. Como sinal carateristico deste processo estabelece-se habitualmente por muitos anos como condição de amor que os objetos masculinos devam ter a idade em que se deu a transformação no individuo. Tomamos conhecimentos de varios fatores que provavelmente concorrem com intensidade variavel para este resultado. Em primeiro logar o apego á mãe, o que dificulta a transferencia para um outro objeto feminino. A identificação com a progenitora é uma resultante desta fixação de objeto e possibilita ao mesmo tempo ficar fiel em certo sentido a este. Vem em seguida a tendencia para a escolha narcisica do objeto, a qual em geral é de realiza-

ção mais facil do que uma versão para o sexo diferente. Atraz deste fator se esconde um outro de muita intensidade ou talvez coincida com ele: o alto preço concedido ao orgão viril e a incapacidade de dispensar sua presença no objeto de amor. O menosprezo da mulher, a aversão a esta e mesmo o horror deante da mesma derivam em regra da descoberta feita precocemente de que ela não possue penis. Mais tarde vim a conhecer ainda como um motivo forte para a escolha homossexual do objeto o respeito ao pai ou o medo deste, pois a renuncia á mulher tem a significação de que se evita a concurrencia com este (ou com todas as pessoas masculinas, que fazem as suas vezes). Os dois ultimos motivos (o fixar-se na condição do penis bem como evitar a concurrencia) podem ser somados ao complexo de castração. Apego á mãe, narcisismo, medo de castração, fatores estes de modo algum especificos, tinhamos encontrado até aqui na etiologia psiquica da homossexualidade e a eles se associaram ainda a influencia da sedução, que é a causa de uma fixação precoce da libido, assim como a influencia de fator organico, que favorece o papel passivo na vida erotica.

Mas nunca acreditei que esta analise da genese da homossexualidade estivesse completa. Posso hoje apontar um novo mecanismo que conduz á escolha homossexual do objeto, ainda que não consiga dizer qual a importancia de seu papel na formação da homossexualidade extrema, exclusiva e manifesta. A

observação chamou-me a atenção para varios casos nos quais na infancia haviam aparecido impulsos ciumentos muito fortes derivados do complexo materno contra rivais, na mór parte das vezes irmãos mais velhos. Este ciume levou a atitudes intensamente hostís e agressivas contra os irmãos e que puderam ir até o desejo de morte destes, porém não resistiram á evolução. Sob os influxos da educação e certamente tambem em consequencia da continua impotencia destes impulsos se deu o recalcamento dos mesmos e uma transformação afetiva de modo que os antigos rivais se tornaram os primeiros objetos homossexuais de amor. Um tal exito do apego á mãe mostra multiplas relações interessantes com outros processos conhecidos por nós. É em primeiro logar justamente o inverso do que se observa na evolução da paranoia persecutoria, na qual as pessoas antes amadas se tornam os perseguidores odiados, ao passo que aqui os rivais se transformam em objetos de amor. Este resultado apresenta-se ainda como um exagero do processo que na minha opinião conduz á genese individual dos impulsos sociais [3]. Aqui como ali existem em primeiro logar impulsos ciumentos hostís que não podem levar á satisfação, e os sentimentos de identificação amorosos bem como sociais se originam como produtos de reações contra os impulsos agressivos recalcados.

---

(3) Veja-se Massenpsychologie und Ich-Analyse, 1921 (Ges. Schriften, vol. VI.).

Este novo mecanismo da escolha homossexual do objeto, constituido pela origem na rivalidade vencida e pela tendencia agressiva recalcada, mistura-se em alguns casos com as condições tipicas que conhecemos. Não é raro apurar na historia da vida de homossexuais que sua transformação se deu depois que a progenitora elogiou um outro filho e apontou este como modelo. Por este fato foi provocada a tendencia para a escolha narcisica do objeto e, após uma curta fase de violento ciume o rival se tornou objeto de amor. Fora disto separa-se o novo mecanismo pela circunstancia de que nele a transformação se opera em anos muito mais precoces e a identificação com a progenitora se eclipsa. Este mecanismo nos casos por mim observados conduziu sómente a atitudes homossexuais, que não excluiram a heterossexualidade e não acarretaram *horror feminae*.

É sabido que um numero mediocre de pessoas homossexuais se carateriza por desenvolvimento particular dos impulsos instintivos sociais e por dedicação a interesses da coletividade. Seriamos tentados a dar disto a seguinte explicação teorica, a saber, que um homem o qual vê nos outros individuos do mesmo sexo possiveis objetos de amor, se deve conduzir em relação á coletividade masculina de modo diverso de outro que é forçado a ver no homem antes de tudo o rival perante a mulher. Contra isto ha apenas a ponderar que no amor homossexual ha ciume e rivalidade e que a coletividade masculina encerra outrosim estes possiveis

rivais. Mas mesmo, se se abstrai desta fundamentação especulativa, o fato da escolha homossexual do objeto se originar da vitoria precoce sobre a rivalidade com o homem não pode ser indiferente para a relação entre a homossexualidade e o sentimento social.

A psicanalise costuma considerar como sublimação de atitudes homossexuais os sentimentos sociais. Nos homossexuais preocupados com o bem da coletividade a libertação dos sentimentos sociais em relação á escolha do objeto não teria sido lograda inteiramente.

NEUROSE E PSICOSE

(1924)

Em nosso trabalho, recentemente publicado, «O ego e o id» atribuimos ao aparelho psiquico uma estrutura que permite uma representação mais simples e sinoptica de toda uma serie de relações. Em outros pontos, por exemplo, no que concerne á origem e ao papel do superego fica ainda muita cousa a esclarecer e resolver.

Temos agora que exigir de uma tal hipotese que esta se mostre util e proveitosa em outros terrenos, ainda que não seja senão apenas para encararmos, sob um outro ponto de vista, o já conhecido, o agruparmos de outra maneira e o descrevermos de modo mais convincente. A esta aplicação da nova hipotese poderia tambem estar unido um retorno vantajoso da teoria decrepita para a experiencia sempre viçosa.

No trabalho indicado acham-se descritas as multiplas dependencias do ego, sua posição intermediaria entre o mundo exterior e o id e seus esforços para servir simultaneamente a todos os seus amos. Relacionando estas circunstancias com um curso de pensamentos iniciado em outro ponto e que se ocupava da origem e prevenção das psicoses, chegamos a uma formula simples, que encerra talvez a mais importante diferença entre neu-

rose e psicose: *a neurose seria o resultado de um conflito entre o ego e o id e a psicose, ao contrario, a consequencia analoga de uma tal perturbação nas relações entre o ego e o mundo exterior.*

É de bom alvitre desconfiar de resoluções de problemas quando estas se mostram tão faceis. O que no maximo esperamos desta formula, é que ela *grosso modo* se revele exata. Com isto já teriamos conseguido alguma cousa. Lembramo-nos imediatamente de uma serie de conhecimentos e achados que parecem confirmar nossa proposição. Segundo o resultado de todas nossas analises nascem as neuroses de transferencia em consequencia da negativa do ego a acolher uma poderosa tendencia instintiva existente no id, de promover a descarga motora desta ou de conceder a tal tendencia o objeto por ela visado. O ego defende-se então desta por meio do mecanismo do recalcamento, porém o recalcado rebela-se contra sua propria sorte e por caminhos sobre os quais o ego não exerce dominio algum, procura uma suplencia compensadora, que se impõe áquele por meio de uma transação. Esta suplencia compensadora é o sintoma. O ego, vendo sua unidade ameaçada e prejudicada por tal intrusão, continua lutando contra o sintoma como antes o fazia contra a tendencia instintiva e de tudo isto resulta o quadro da neurose. Não se objete que ao empreender o ego o recalcamento, no fundo, obedece ás ordens de seu superego, as quais por sua vez procedem daquelas influencias do mundo exterior que encontraram uma representação no super-

ego. Resultará sempre disto por-se o ego ao lado destes poderes, terem para ele suas proprias exigencias mais força do que as instintivas do id e ser ele um poder que põe em ação o recalcamento contra esses elementos do id e fortalece aquele por meio da contracarga da resistencia. A serviço do superego e da realidade o ego entra em conflito com o id; tal é a situação em todas as neuroses de transferencia.

Doutra parte tambem nos é facil extrair do conhecimento adquirido até agora sobre o mecanismo das psicoses exemplos que nos indicam o transtorno das relações entre o ego e o mundo exterior. Na amencia de Meynert, confusão alucinatoria aguda, que é a forma mais extrema e impressionante das psicoses, a percepção do mundo exterior cessa por completo ou permanece totalmente ineficaz. Normalmente o mundo exterior domina o ego por dois caminhos: em primeiro logar mediante percepções atuais continuadamente possiveis e em segundo por meio do acervo de lembranças de percepções anteriores, que constituem como «mundo interior», um patrimonio e uma parte componente do ego. Na amencia não só não se colhem novas percepções, mas tambem é subtraido ao mundo interior sua significação (carga). O ego crêa independentemente para si um novo mundo exterior e interior. Não ha duvida de que este é construido no sentido dos desejos do id e que o motivo desta dissociação com o mundo exterior é uma grave privação de desejo imposta pela realidade e que pa-

rece intoleravel. Não se pode deixar de reconhecer o parentesco intimo desta psicose com o sonho normal. Porém a condição do fenomeno onirico normal é o sono, entre cujos caracteres vemos a completa separação das percepções e do mundo exterior.

De outras formas de psicose, das esquizofrenias, sabemos que tendem para o exito em um embotamento afetivo, isto é, uma perda de todo interesse em relação ao mundo exterior. A respeito da genese das concepções delirantes, ensinaram-nos algumas analises que o delirio aparece com uma mancha colocada no logar em que primitivamente se produzira uma solução de continuidade na relação do ego com o mundo exterior. Se a condição do conflito com este não é ainda mais patente do que agora a reconhecemos, depende isto de que no quadro patologico da psicose os fenomenos do processo patogenico são muitas vezes encobertos pelos de uma tentativa de cura e reconstrução.

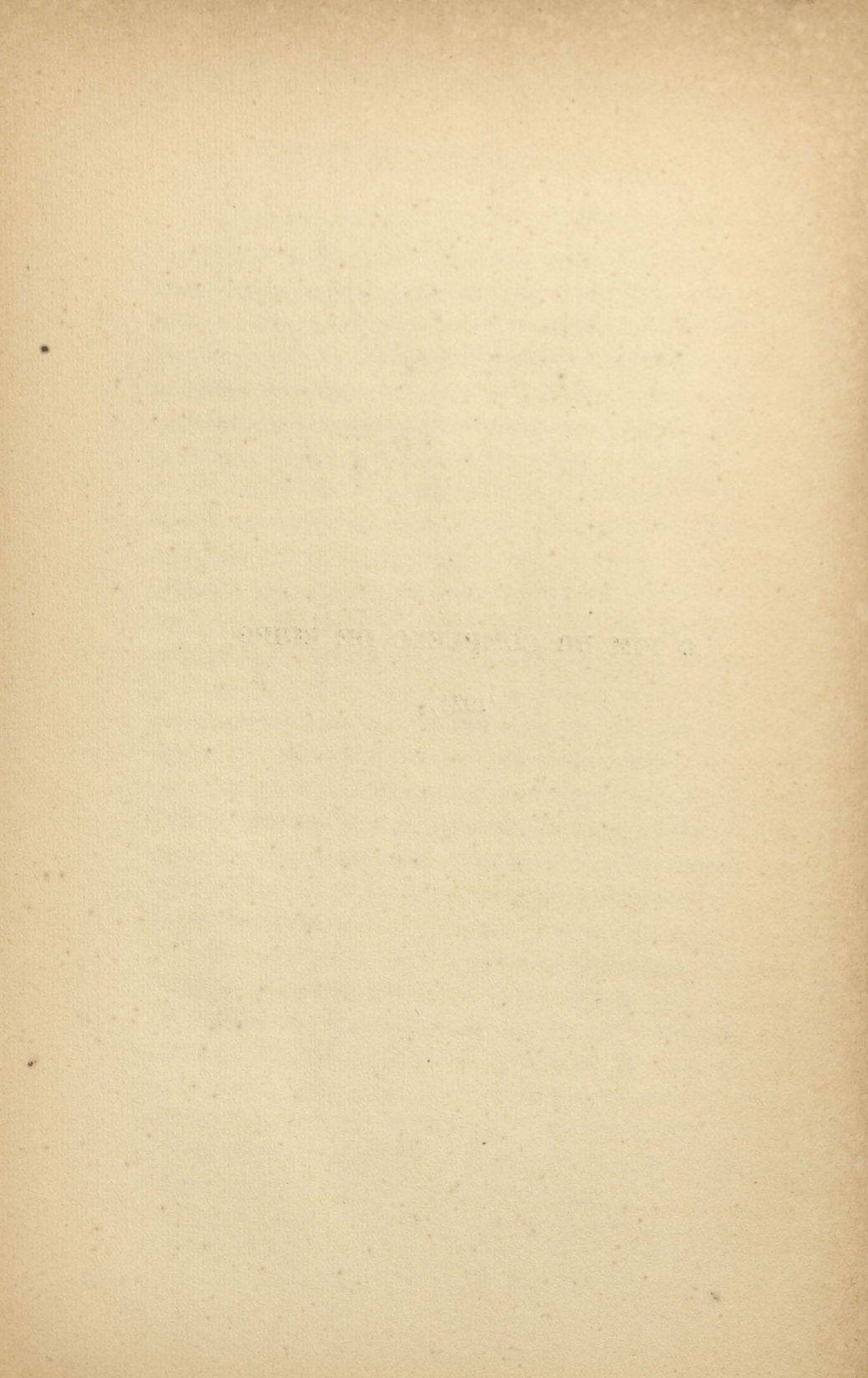
A etiologia comum da explosão de uma psiconeurose ou de uma neurose é sempre a privação, a falta de cumprimento de um daqueles desejos infantís, jamais dominados, que tão profundamente se arraigam na nossa organização determinada pela filogenia. Esta privação tem sempre, no fundo, uma origem exterior; em um ou outro caso pode partir daquela instancia interior (no superego) que tomou a si a representação das exigencias da realidade. O efeito patogenico depende de que o ego neste conflito permanece fiel a sua dependencia do mundo

exterior e tenta amordaçar o id ou se deixa dominar por este e arrancar da realidade. Todavia nesta situação, aparentemente simples, é introduzida uma complicação pela existencia do superego, o qual associa em si em uma união que ainda não poude ser penetrada, influencias do id e do mundo exterior, constituindo de certo modo um methodo ideal, para o qual tendem todas as aspirações do ego, a conciliação de suas multiplas dependencias. Em todas as formas de doença psiquicas deve-se ter em conta a conduta do superego, o que até agora não se tem feito. Porém já podemos avançar em carater provisorio que deve haver tambem afeções cuja base assenta em um conflito entre o ego e o superego. A analise nos dá direito de supor que a melancolia é um exemplo deste grupo e então dariamos a tais perturbações a denominação de «psiconeuroses narcisicas». O fato de encontrarmos motivos para separar das outras psicoses estados tais, como a melancolia, não concorda mal com nossas impressões. Notamos então que poderiamos completar nossa formula genetica sem abandona-la. A neurose de transferencia corresponde ao conflito entre o ego e o superego e a psicose, ao conflito entre o ego e o mundo exterior. De inicio não podemos dizer com certeza se conquistamos em realidade novos conhecimentos ou se apenas enriquecemos nossa coleção de formulas, porém, a nosso ver, esta possibilidade de aplicação deve animar-nos para mantermos a estrutura mencionada do aparelho psiquico com seu ego, superego e id.

A afirmativa de que as neuroses e psicoses se originam dos conflitos do ego com suas diferentes instancias dominantes, se é que correspondem a um malogro da função do ego, o qual entretanto se esforça para conciliar as diversas exigencias, necessita ainda de novas investigações para ser completada. Desejariamos saber em que circunstancias e por que meios consegue o ego escapar sem adoecer a tais conflitos, que ocorrem constantemente. Aí está um novo campo de investigações, no qual certamente encontraremos os mais diversos fatores. Desde já podemos salientar dois destes. O desfecho de todas estas situações dependerá indubitavelmente das circunstancias economicas, das grandezas relativas das tendencias em combate entre si. Além disto o ego poderá evitar um desenlace prejudicial em qualquer direção, deformando-se espontaneamente, tolerando danos de sua unidade e eventualmente até dissociando-se. Destarte as inconsequencias, as extravagancias e os desatinos dos homens resultariam analogos a sua perversões sexuais; sua aceitação dá em resultado pouparem-se recalcamentos.

Para terminar lembramos a interrogação que indaga se o processo no qual o ego se separa do mundo exterior, constituirá um mecanismo analogo ao recalcamento. Pensamos que tal questão não pode ser respondida sem novas pesquisas, porém de qualquer modo este processo deveria como o recalcamento encerrar como conteúdo uma parte da carga expelida do ego.

O FIM DO COMPLEXO DE EDIPO

(1924)

O complexo de Edipo vai cada vez mais revelando sua importancia como o fenomeno central do primeiro periodo sexual infantil. Depois desaparece, sucumbe ao recalcamento, como dizemos, e é seguido do periodo latente. Não vimos ainda, todavia, claramente quais são as causas que provocam seu fim. A analise parece atribuir este ás decepções dolorosas sofridas pelo individuo. A menina que se julga o objeto preferido do amor de seu pai, recebe um dia um duro castigo deste e vê-se expulsa de seu paraiso. O menino que considera sua mãe como propriedade exclusivamente sua, vê esta dirigir de repente seus carinhos e cuidados a um irmãozinho novo. A reflexão aprofunda o valor destas influencias, acentuando que tais experiencias penosas que combatem o conteúdo do complexo são inevitaveis. Mas tambem nos casos em que não ha sucessos especiais como os referidos nestes exemplos, a ausencia continua da satisfação desejada acaba por afastar o pequeno enamorado de sua inclinação sem esperança. O complexo de Edipo malogrará por si mesmo em consequencia de sua impossibilidade interna.

Outra hipotese seria a de ter o complexo de Edipo de desaparecer porque chega o momento de sua dissolução, como acontece com os dentes de leite, que caem quando começam a se formar os definitivos. Apesar do complexo de Edipo ser vivido tambem individualmente pela maioria dos seres humanos, é contudo um fenomeno determinado pela herança e terá de desaparecer de acordo com um programa ao iniciar-se a fase seguinte da evolução. É, pois, bastante indiferente saber quais são os motivos ocasionais de seu desaparecimento ou se não é possivel descobrir estes.

Ambas as hipoteses parecem justificadas e além disto são facilmente conciliaveis entre si. Ao lado da hipotese filogenica, mais vasta, resta espaço suficiente para a ontogenica. Tambem o individuo inteiro está destinado desde o nascimento a morrer e traz já indicada, talvez na disposição dos seus orgãos, a causa de sua morte. Mas será sempre interessante procurar saber como se executa este programa predeterminado e sob que forma é aproveitada a disposição por ações nocivas casuais.

Nossa penetração foi recentemente aguçada pela observação do desenvolvimento sexual da criança avançar até uma fase em que os orgãos genitais já se encarregaram do papel de direção. Porém o orgão genital é tão sómente o masculino ou, mais exatamente, o penis; o orgão genital feminino permanece ainda desconhecido. Esta fase falica que, ao mesmo tempo, é a do complexo de Edipo, não continua a se desenvolver até constituir uma orga-

nização genital definitiva, porém desaparece e é substituida pelo periodo latente. Mas seu desaparecimento processa-se de um modo tipico, apoiando-se em acontecimentos que se repetem regularmente.

Quando a criança do sexo masculino já concentrou seu interesse nos orgãos genitais revela tal fato com praticas manuais sobre estes e não tarda a notar que os adultos não estão de acordo com esta conduta. Mais ou menos precisa, mais ou menos brutal, surge para a criança a ameaça de privação daquela parte tão estimada de seu corpo. A ameaça de castração parte quasi sempre de uma das mulheres que cercam o pequeno ser, as quais tentam muitas vezes robustecer sua autoridade, afirmando que o castigo será aplicado pelo medico ou pelo pai. Em alguns casos realizam elas mesmas uma atenuação simbolica de sua ameaça, anunciando já não a mutilação do orgão genital, na realidade passivo, mas a da mão, ativamente pecadora. Acontece com grande frequencia que a criança não é ameaçada com a castração por brincar com o penis e sim por urinar na cama todas as noites. As pessoas que cuidam do pequeno ser conduzem-se então como se a incontinencia noturna fosse consequencia e testemunho dos toques do penis e provavelmente têm nisto razão. Em todo caso, tal incontinencia persistente se pode comparar com a polução do adulto, sendo uma manifestação da mesma excitação que por esta epoca impeliu a criança a se masturbar.

Temos agora que afirmar que a organização genital falica do menino sucumbe a esta ameaça de castração, ainda que não imediatamente e sem que a esta se ajuntem outras influencias, pois ele, de inicio, não acredita na ameaça e não obedece á mesma. A psicanalise concedeu recentemente valor a duas classes de experiencias que não são poupadas a nenhum menino e pelas quais este havia de estar preparado para a perda de partes de seu corpo altamente estimadas: a privação a principio temporaria e depois definitiva do seio materno e a evacuação do conteúdo intestinal, necessaria todos os dias. Todavia não se percebe que estas experiencias por ocasião da ameaça de castração não entrem em jogo. Só depois de haver colhido uma nova experiencia, começa o menino a contar com a possibilidade de castração e ainda então de modo hesitante, contra sua vontade e fazendo esforços para minorar o alcance de sua propria observação.

O fato que rompe por fim a incredulidade do menino é a observação dos orgãos genitais femininos. O pequeno, orgulhoso de possuir penis, em uma ocasião qualquer consegue contemplar a região genital de uma menina e tem que se convencer da falta daquele orgão num ser tão semelhante a sua pessoa. Deste modo se torna possivel representar-se a perda do seu proprio penis e a ameaça de castração começa a produzir efeitos.

Por nossa parte não devemos ter a visão tão curta como as pessoas que cuidam do menino e que o ameaçam com a castração, e desconhecer que

a vida sexual deste não se reduz nessa epoca exclusivamente á masturbação. O menino acha-se visivelmente em relação a seus pais na atitude determinada pelo complexo de Edipo. A masturbação não é mais do que a descarga genital da excitação sexual correspondente ao complexo e deverá a esta relação sua significação para todas as epocas ulteriores. Este complexo oferecia ao menino duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Poderia colocar-se ele em atitude masculina em logar do pai e como este privar com sua mãe, atitude que logo faria ver no pai um estorvo ou querer substituir sua mãe e fazer-se amar pelo pai, resultando então superflua esta. O menino não tem senão uma idéa muito vaga daquilo que constitue a relação amorosa que produz a satisfação; suas sensações organicas impõem-lhe a convicção de que o penis desempenha nisto um papel. Ainda tem motivos para duvidar que a mulher possua tambem penis. A admissão da possibilidade de castração e a idéa de que a mulher seja castrada põem um fim ás duas possibilidades de satisfação relacionadas com o complexo de Edipo. Ambas traziam consigo a perda do penis, uma, masculina, como castigo e a outra, feminina, como premissa. Se a satisfação amorosa baseada no referido complexo deve custar a perda do penis, surgirá um conflito entre o interesse narcisico por esta parte do corpo e a carga libidinal dos objetos constituidos pelos pais. Neste conflito vence normalmente o primeiro poder; o ego do menino afasta-se do complexo em apreço.

Já indicamos em outro logar a forma pela qual se dá este processo. As cargas do objeto são abandonadas e substituidas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no ego, constitue o nucleo do superego, que toma do pai o seu rigor, perpetua sua proibição de incesto e garante assim o ego contra o retorno das cargas de objetos libidinais. As tendencias libidinais correspondentes ao complexo de Edipo ficam em parte dessexualizadas e sublimadas, o que sucede provavelmente em toda transformação e identificação, e em parte inibidas quanto a seu fim e transmudadas em tendencias sentimentais. Este processo, de uma parte, salvou os orgãos genitais, afastando deles a ameaça de castração, mas, de outra, paralisou-os, despojando-os de sua função. Com ele começa o periodo latente, que interrompe a evolução sexual do menino.

Não vemos motivo algum para deixarmos de considerar o afastamento do ego deste complexo como um recalcamento, ainda que a maioria dos recalcamentos ulteriores se produza sob a intervenção do superego, cuja formação se inicia precisamente aqui. Mas o processo descrito é mais do que um recalcamento e equivale quando se desenvolve perfeitamente a uma destruição e a um desaparecimento do complexo. Inclinarmo-nos-iamos a supor que tropeçamos aqui com o limite, nunca precisamente determinavel, entre o normal e patologico. Se o ego não alcançou realmente mais do que um recalcamento do complexo, continuará

este ultimo a subsistir inconciente no id e manifestará mais tarde sua ação patogenica.

A observação analitica permite reconhecer ou advinhar estas relações entre a organização falica, o complexo de Edipo, a ameaça de castração, a formação do superego e o periodo latente. Elas justificam a afirmação de que tal complexo sucumbe á ameaça de castração. Mas com isto não fica terminado o problema; resta ainda um espaço para uma especulação teorica que pode destruir o resultado obtido ou projetar nova luz sobre ele. Pois bem, antes de tomarmos este caminho examinaremos uma interrogação que surgiu durante a discussão que antecede e que haviamos deixado até agora de parte. O processo descrito refere-se, como expressamente dissemos, á criança do sexo masculino. Que trajetoria seguirá o desenvolvimento correspondente na menina?

Nosso material mostra-se aqui incompreensivelmente, obscuro e insuficiente. O sexo feminino desenvolve tambem um complexo de Edipo, um superego e um periodo de latente. Podem ser atribuidos igualmente a este sexo um complexo de castração e uma organização falica? Sim, porém não os mesmos que no menino. A diferença morfologica ha de manifestar-se em variantes do desenvolvimento psiquico. A anatomia é o destino, poderiamos dizer, glosando uma frase de Napoleão. A clitoride da menina comporta-se, a principio, exatamente como um penis, porém quando esta tem ensejo de compara-la com o penis do menino, acha

pequeno o seu e sente o fato como uma desvantagem e um motivo de inferioridade. Durante algum tempo, consola-se com a esperança de que este orgão crescerá com ela, iniciando-se neste ponto o complexo de masculinidade da mulher. A menina não considera sua falta de penis como um carater sexual, mas a explica, supondo que de começo possuia um penis igual ao que viu no menino e que depois o perdeu por castração. Não parece estender esta conclusão ás outras mulheres, ás maiores, mas atribuir a estas, de inteiro acordo com a fase falica, um orgão genital masculino completo. Resulta, pois, a diferença de que a menina aceita a castração com um fato consumado ao passo que o menino teme a possibilidade da sua realização.

Com a exclusão do medo da castração desaparece tambem um poderoso motivo da formação do superego e da interrupção da organização genital infantil. Estas formações parecem ser, mais do que no menino, consequencias da educação, da intimidação exterior que ameaça com a perda do carinho dos educadores. O complexo de Edipo na menina é muito mais univoco que o mesmo no menino e, segundo nossa experiencia, vai muito poucas vezes além da substituição da progenitora e da atitude feminina em relação ao pai. A renuncia do penis não é suportada sem a tentativa de uma compensação. A menina passa, poderiamos dizer, seguindo uma comparação simbolica, da idéa do penis á do menino. Seu complexo de Edipo culmina no de-

sejo, retido durante muito tempo, de receber do pai como presente um menino, de ter dele um filho. Temos a impressão de que tal complexo é logo abandonado de maneira lenta, porque este desejo jamais chega a se realizar. Os dois desejos, o de possuir um penis e o de ter um filho, perduram intensamente carregados no inconciente e ajudam a preparar o ser feminino para seu ulterior papel sexual. Porém, em geral, devemos confessar que nosso conhecimento destes processos evolutivos da menina é muito insatisfatorio e incompleto.

É indubitavel que as relações temporais e causais aqui descritas entre o complexo de Edipo, a intimidação sexual (ameaça de castração), a formação do superego e a entrada no periodo látente são de natureza tipica, porém não queremos afirmar que este tipo seja o unico. As variantes na sucessão temporal e no encadeamento destes processos devem ser muito importantes para o desenvolvimento do individuo.

Desde a publicação do interessante estudo de O. Rank sobre o «trauma do nascimento» não se pode outrosim aceitar sem discussão alguma o resultado desta pequena investigação, ou seja, a conclusão de que o complexo de Edipo do menino sucumbe ao medo da castração. Mas parece-nos ainda prematuro entrar por enquanto nesta discussão e talvez tambem pouco conveniente começar neste ponto a critica ou a aceitação da teoria de Rank.

A PERDA DA REALIDADE NA NEUROSE E NA PSICOSE

(1924)

Em um trabalho recente determinamos que um dos caracteres diferenciais entre a neurose e a psicose é o fato de que na primeira o ego, obediente ás exigencias da realidade, reprime uma parte do id (da vida instintiva) ao passo que na segunda o mesmo ego, a serviço do id, se retrai de uma parte da realidade. Assim, pois, para a neurose seria decisivo o influxo da realidade e para a psicose, o do id. A perda da realidade seria um fenomeno carateristico da psicose e como se devia pensar, alheio á neurose.

Todavia isto não concorda com a observação de que toda neurose perturba de algum modo a relação do paciente com a realidade e constitue para ele um meio de retrair-se desta e uma fuga da vida real. Esta contradição parece espinhosa, porém é facil de ser removida e sua solução favorecerá consideravelmente nossa compreensão da neurose.

Tal contradição subsiste, com efeito, sómente enquanto nos limitamos a considerar a situação inicial da neurose, na qual o ego realiza o recalcamento de uma tendencia instintiva, obedecendo aos ditames da realidade. Todavia isto ainda não é a neurose mesma. Esta consiste, pelo contrario, nos

processos que trazem uma compensação á parte prejudicada do id, isto é, na reação contra o recalcamento e em seu fracasso. O afrouxamento da relação com a realidade é então a consequencia deste segundo passo na produção da neurose e não deveriamos extranhar que a investigação minuciosa descobrisse que a perda da realidade recai precisamente sobre aquela parte por cuja solicitação se realizou o recalcamento.

A carateristica da neurose de ser esta um recalcamento malogrado não representa nada de novo. Sempre assim o afirmamos e sómente devido á nova relação deste postulado com nosso tema atual foi necessario repeti-lo.

A mesma aparencia de contradição surge com intensidade muito maior quando se trata de um caso de neurose cuja motivação («a cena traumatica») é conhecida e na qual podemos ver como o individuo se desvia de um tal sucesso e o abandona á amnesia. Recordaremos aqui, como exemplo, um caso por nós analisado ha muitos anos [1], no qual uma jovem apaixonada por seu cunhado, foi abalada junto ao leito de morte de sua irmã pela idéa de que o homem amado já estava livre e podia casar com ela. Esta cena foi imediatamente olvidada e com isto iniciou-se o processo de regressão que conduziu aos padecimentos histericos. Mas é aqui precisamente muito instintivo ver por que caminhos tenta a neurose resolver o conflito.

---

(1) Em «Studien über Hysterie», 1895 (Ges. Schriften, vol. I).

Anula por completo a modificação das circunstancias reais, recalcando o instinto de que se tratava, portanto do amor da jovem ao cunhado. A reação psicotica teria consistido em negar o fato real da morte da irmã.

Poder-se-ia agora esperar que na genese da psicose ocorresse algo analogo ao processo na neurose, ainda que naturalmente em outras instancias, isto é, que tambem na psicose haja dois avanços, o primeiro dos quais arrancaria o ego da realidade ao passo que o segundo tenderia para anular o dano e restabelecer a custa do id a relação com a realidade. Efetivamente observamos na psicose algo analogo; tambem aqui ha dois avanços. Destes o segundo tem um carater de reparação, mas então a analogia se converte em uma coincidencia muito mais ampla dos processos. O segundo avanço da psicose tende tambem para compensar a perda da realidade, porém não á custa de uma limitação do id, como na neurose á custa da relação com a realidade, mas por outro caminho, muito mais independente, isto é, mediante a creação de uma nova realidade, isenta do estorvo que a anterior oferecia. Assim, pois, o segundo avanço obedece na neurose e na psicose á mesma tendencia, aparecendo, em ambos os casos a serviço das aspirações do poder do id, que não se deixa dominar pela realidade. Em consequencia, tanto a neurose como a psicose, são expressão da rebeldia do id contra o mundo exterior, de seu desgosto ou, se se quizer, de sua incapacidade de adaptar-se á real

necessidade. Neurose e psicose distinguem-se muito mais entre si na primeira reação inicial do que na tentativa de separação consecutiva a ela. A diferença inicial exprime-se então no resultado final do seguinte modo. Na neurose evita-se, como fugindo do id, um fragmento da realidade, que na psicose é reformado. Na psicose á fuga inicial se segue uma fase ativa de transformação e na neurose, á obediencia inicial, uma tentativa de fuga. Ou em outras palavras: a neurose não nega a realidade, limita-se a não querer saber nada dela; a psicose a nega e tenta substitui-la. Qualificamos de normal ou «sã» uma conduta que reune determiandos caracteres de ambas as reações, isto é, que não nega a realidade como a neurose porém se esforça como a psicose por transforma-la. Esta conduta adequada e normal conduz naturalmente á uma atividade manifesta sobre o mundo exterior e não se contenta como na psicose com a produção de alterações internas; ela é não mais *autoplastica*, mas sim *aloplastica*.

Na psicose a elaboração modificadora da realidade recai sobre os sedimentos psiquicos da relação mantida até então com esta, portanto, sobre os engramas, as representações e os juizos que se adquiriram até aí da mesma e que a representavam na vida psiquica. Esta relação, porém, não constituía algo fixo e imutavel e era transformada e enriquecida continuamente por novas percepções. Deste modo a psicose se encarrega da tarefa de procurar para si aquelas percepções que

corresponderiam a nova realidade, conseguindo-o por meio da alucinação. Se as falsificações mnemicas, delirios e alucinações mostram um carater tão penoso em tantos casos e formas de psicoses e aparecem acompanhados de angustia, isto é um indicio de que todo o processo de transformação se realiza contra a extensa oposição de poderosas energias. Podemos representar-nos o processo conforme o modelo da neurose, que nos é mais conhecido. Nas neuroses vemos surgir uma reação de angustia toda vez que o instinto recalcado trata de invadir o conciente e observamos que o resultado do conflito não é, apesar de tudo, mais que uma transação e absolutamente insuficiente como satisfação. Na psicose o fragmento da realidade repelido provavelmente procura impor-se de maneira continua á vida psiquica como na neurose o instinto recalcado e por isto em ambos os casos as consequencias são as mesmas. A discussão dos diversos mecanismos que hão de efetuar na psicose o afastamento da realidade e a construção de outra distinta, bem como do tamanho do resultado que pretendem alcançar, constitue um trabalho de psiquiatria especial ainda não iniciado. Existe, pois, entre a neurose e a psicose uma nova analogia que consiste em ambas malograrem parcialmente no trabalho empreendido em seu segundo avanço, pois, nem o instinto recalcado consegue arranjar para si uma substituição completa (neurose) nem a representação da realidade se deixa refundir nas formas satisfatorias. (Ao menos não em todas as formas da

doença psiquicas.) Mas os acentos então distribuidos diferentemente nos dois casos. Na psicose acha-se o acento sobre o primeiro avanço, que já por si é patologico e só pode conduzir á doença; na neurose, ao contrario, sobre o segundo, sobre o malogro do recalcamento, ao passo que o primeiro avanço se pode produzir e na realidade se produziu inumeras vezes dentro da saúde, ainda que sem deixar após si sinais de esforço psiquico exigido. Estas diferenças e quiçá, muitas outras, são consequencias de diversidade topica na situação final do conflito patogenico, segundo o ego cedeu neste sua adesão ao mundo real ou sua dependencia do id.

A neurose limita-se regularmente a evitar o fragmento da realidade em apreço e a proteger contra todo encontro com ele. Mas a diferença nitida entre a neurose e a psicose é mitigada pelo fato de que tão pouco na neurose faltam as tentativas de substituir a realidade indesejada por outra mais conforme aos desejos do individuo. Semelhante possibilidade é facilitada pela existencia dum mundo de fantasia, um dominio que no tempo da instauração do principio da realidade foi separado do mundo exterior, sendo mantido a parte desde então, como uma especie de «atenuação» das exigencias da vida e, ainda que não resulte inacessivel ao ego, sómente conserva com este uma relação muito frouxa. Deste mundo de fantasia extrai a neurose o material para suas novas formações de desejos, achando-o habitualmente por meio da re-

gressão a epocas reais anteriores mais satisfatorias.

Tambem nas psicoses desempenha seguramente o mundo da fantasia o mesmo papel, constituido tambem o deposito de que são extraidos os materiais para construção da nova realidade. Porém o novo mundo exterior fantastico da psicose quer substituir-se á realidade exterior, ao passo que o da neurose gosta de apoiar-se, como as brincadeiras infantís, em um fragmento da realidade, distinto daquele, contra o qual teve que se defender e lhe empresta uma significação especial e um sentido oculto, que nem sempre com muita exatidão qualificamos de « simbolico ». Resulta, pois, que em ambas as afecções, a neurose e a psicose, ha a considerar não sómente a questão do perda da *realidade*, mas tambem uma *substituição da realidade*.

FIM

INDICE